

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**DA ANGÚSTIA EXISTENCIAL
À MÍSTICA DO CORAÇÃO**

Curso ditado na

Associação de Cultura Espiritual Argentina

de 1º de junho a 31 de agosto de 1971

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO A UMA METODOLOGIA DA REVELAÇÃO DO SER

METODOLOGIA. Ensino por participação

TEMÁTICA PARA O FUTURO:

1. A percepção do Futuro
2. A angústia existencial e a carência de sentido
3. Um novo Caminho de Vida
4. Tempo novo
5. Nova semântica
6. A mensagem do Futuro
7. Um novo meio interior

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA MENSAGEM DE FUTURO

1. Transmite-se por participação
2. Não se transmite como uma corrente de ideias e sim, como uma corrente de vida
3. Transmite-se por revelação
4. Transmite-se em uma reunião de almas

Perguntas

II. PERCEPÇÃO DE UMA MUDANÇA NO TEMPO CÓSMICO

Perguntas

III. SIGNOS DE ORIENTAÇÃO EM UM MUNDO NOVO

ADVENTO DO FUTURO

MUDANÇAS NO MEIO INTERIOR. UMA NOVA ÓPTICA

UM MUNDO SEM SINAIS

OS NOVOS “ORDENADORES”

Perguntas

IV. NO UMBRAL DA CONSCIÊNCIA CÓSMICA

UM NOVO PONTO DE PARTIDA

NO UMBRAL DA REVELAÇÃO

EM DIREÇÃO A UMA VISÃO EM PROFUNDIDADE

UMA NOVA ANTROPOGÊNESE

1. A nova qualidade de consciência cósmica
2. O desvelamento da consciência cósmica
3. A dinâmica da consciência cósmica

Perguntas

V. PRESENÇA ESPIRITUAL

1. A Revelação no cume: Transfiguração cósmica
2. A Revelação na base: Transfiguração humana

Perguntas

VI. O SENTIDO DO TRANSCENDENTE

Perguntas

VII. A TRANSFIGURAÇÃO DO SER HUMANO

A REVELAÇÃO DA ALMA

Perguntas

VIII. UMA NOVA DIMENSÃO DO PENSAMENTO

1. Para além da fixação do pensamento
2. Em busca de uma nova imagem do mundo
3. Em direção a uma visão de síntese

Perguntas

IX. DO CAMINHO DO IDEAL AO CAMINHO DA VIDA

1. A conquista de uma verticalidade existencial
2. A conquista da dimensão material da existência
3. As coordenadas da Vida
4. A estrutura homogênea dos valores humanos e divinos

Perguntas

X. A DESMITIFICAÇÃO DO ESPIRITUAL

1. No umbral do divino
2. O divino como função cósmica no homem
3. A revelação do divino como experiência humana
4. O ponto de convergência entre a consciência humana e a consciência cósmica
5. Umbrais de abertura à consciência cósmica
6. O metabolismo do homem cósmico
7. A função vocacional no desenvolvimento do ser humano

Perguntas

XI. O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL DO HOMEM

O QUE É A VOCAÇÃO, ENTÃO?

1. A reação contra o poder coletivo organizado e a força da Vocação
2. Dois momentos críticos de tomada de consciência; dois momentos possíveis de abertura à consciência cósmica

Perguntas

XII. O RESTABELECIMENTO DE UMA FUNÇÃO HARMÔNICA DE CONSCIÊNCIA –VONTADE

1. O momento inspirativo da vocação: visão profética
2. A resposta da vontade
3. A cristalização da consciência em um modelo material
4. Em direção a uma nova filosofia dos valores e a um novo sentido da existência

Perguntas

XIII. O SENTIDO MÍSTICO DA VOCAÇÃO

1. A vocação como valor de síntese
2. A vocação como caminho de Vida
3. O Caminho vocacional
4. O instante místico da vocação
5. O futuro do coração humano
6. A renúncia como caminho vocacional: Vocação de Renúncia
7. A Renúncia como função social: o Coração da sociedade

Perguntas

XIV. NO UMBRAL DO HOMEM CÓSMICO

ADVENTO DO FUTURO

A MENSAGEM DO FUTURO

1. Reunião de almas
2. Meio humano
3. Visão de futuro
4. Como se caracteriza a mensagem espiritual
5. O meio de união
6. A “oscilação” da alma e o desenvolvimento do ritmo da vida cósmica

A REVELAÇÃO DO FUTURO NO HOMEM
A ENCARNAÇÃO DA IDEIA: CORPO MÍSTICO
EM DIREÇÃO A UMA NOVA ANTROPOGÊNESE

1. Um novo sentido de individualidade
2. Um novo sentido de comunidade planetária
3. Um novo sentido cósmico

I

INTRODUÇÃO A UMA METODOLOGIA DA REVELAÇÃO DO SER

METODOLOGIA. Ensino por participação.

A intenção que me guia ao iniciar este curso com vocês é formarmos juntos um grupo de ensino e aprendizagem. Quer dizer, não venho preparado para dar uma conferência: a atitude é diferente. Ou melhor, venho predisposto a conversar com vocês. Portanto, gostaria que nesta primeira aula conversássemos sobre a *Metodologia*, quer dizer, o que vamos fazer e como vamos fazê-lo. Para que nos ponhamos de acordo sobre o **método** e para que cada um forme sua própria composição de lugar e decida se realmente tem interesse em participar ou não.

De minha parte, cada vez que me cabe enfrentar uma situação assim, quer dizer, em que devo expor ideias que, em outro momento, já expliquei amplamente em livros e trabalhos escritos, sempre me acontece o mesmo, volto a perguntar-me novamente, a interrogar-me novamente acerca do que vou dizer. De nenhum modo posso repetir o que já disse - ainda que seguramente me seria mais fácil - porém me parece que isso seria dar algo morto, algo que já está feito e que, portanto, pertence ao passado.

TEMÁTICA PARA O FUTURO

O que eu gostaria de dizer agora, do que gostaria que conversássemos, é com respeito àquilo que poderíamos chamar a mensagem do Futuro. Quer dizer, gostaria de convocar sobre o *Futuro*, essa é a intenção daquele que lhes fala.

1. A percepção do Futuro

E, mais que conversar, captar esse futuro, poder **percebê-lo**, poder de alguma maneira experimentá-lo. Não somente expor ideias acerca do Futuro, mas ver se

entre todos podemos captar este fenômeno que já existe. **Ver** como se manifesta este fenômeno de futuro no mundo moderno e como afeta a vida de cada um de nós.

Gostaria de falar do mundo do futuro e do homem do futuro: talvez algum dos presentes já seja um homem de futuro.

Gostaria de falar da temática do futuro, quer dizer, das perguntas fundamentais que o homem se formula acerca do que está acontecendo no momento presente. E o que está acontecendo hoje não pode ser compreendido se o futuro não for interpretado e não for percebido. Este é um dos signos que caracterizam nossa época. Falar do futuro hoje não significa de maneira alguma - nem tenho a pretensão de que assim seja - falar do que vai vir ou do que vai acontecer, que é a ideia habitual que se tem com respeito ao Futuro.

Não, falar do Futuro significa compreender o que está acontecendo agora, o que está se dando aqui mesmo, neste mesmo instante, e o que está acontecendo dentro de cada um de nós: isso é o fenômeno do Futuro.

Quer dizer, para entender a vida de cada um de nós no momento atual e para poder entender o que está acontecendo no mundo, é necessário poder **perceber** o Fenômeno do Futuro, não só falar ou ouvir sobre ele, mas simplesmente **percebê-lo**.

Hoje, temos mais dificuldade do que nunca para entender-nos e mais dificuldade do que nunca para compreender o que acontece a nosso redor. Porque os esquemas de referência que tínhamos no passado para interpretar o presente deixaram de ser válidos. Hoje em dia, para entender o que está acontecendo no mundo, temos que perceber o fenômeno novo que irrompe a partir do futuro.

2. A angústia existencial e a carência de sentido

Este “desposicionamento” dos olhos de referência - que tínhamos no passado, para orientar-nos na vida - gerou uma angústia **existencial** e uma **desorientação**

vital que se dão como fenômenos críticos do homem contemporâneo: temos que aprender a decifrar de novo o mundo.

3. Um novo Caminho de vida

Temos que descobrir o **Caminho** que nos conduza a esse novo mundo recém aberto, onde regem novas leis e onde se caminha de uma maneira diferente.

4. Tempo novo

E gostaria de falar talvez do mais fundamental da mudança, gostaria de falar do **tempo novo**, não do tempo novo de que se fala nos jornais ou na TV, mas do signo do tempo que estamos vivendo, da forma como o homem moderno experimenta o tempo. Não só interpretá-lo racionalmente, mas poder vê-lo, poder **senti-lo**, poder perceber qual é a direção para onde sopra o vento, porque isso é o importante, isso é o fundamental, o que nos permite orientar-nos. Somente quando percebemos a direção em que sopra o vento podemos orientar-nos, não é assim?

Não sei se isto fica claro. Porém, acontece que o tempo sofreu uma mudança de direção e muita gente não se dá conta disto. Quer dizer, muita gente caminha na direção que caminhou sempre - impulsado desde o passado. Porém, eis aqui que o tempo da vida nova vai agora em direção contrária: e daí os encontros com a realidade, as dificuldades de compreender o que acontece, a angústia e a insegurança de muitas pessoas. Não nos dá, às vezes, a sensação de ir contra a corrente? E, às vezes é verdade: se não podemos perceber o signo da direção do tempo, a vida impulsada por inércia desde o passado se desencontra com os homens que vêm e com a corrente de vida que vem do futuro.

Percepção do futuro, angústia existencial e perda da orientação vital, novos Caminhos de vida e tempo novo, eis aqui o panorama sobre o qual eu gostaria de conversar com vocês, uma temática que obrigaria a um desenvolvimento profundo que nos levaria muitos meses, porém que apresento assim em forma muito geral para que possamos ir sintonizando com ela.

5. Nova semântica

Meu ideal seria que pudéssemos vivenciar estas coisas e não simplesmente fazer de tudo isto um discurso. Porque, no final, tudo o que dissemos: tempo novo, homem do futuro, abertura a um mundo novo, mensagem do futuro, poderia não ser mais que palavras. E, para explicar estas palavras - se utilizássemos uma metodologia convencional - teríamos que recorrer a novas palavras, não é verdade? E assim, nos perderíamos em um mar de palavras e terminaríamos sem entender absolutamente nada.

Como bem diz Octavio Paz, nossa época se caracteriza, entre outras coisas, por uma crise do significado das palavras. No passado, o significado das palavras era ponte de comunicação, quer dizer, as pessoas se entendiam por meio das palavras - pelo menos até certo ponto. Hoje, estamos assistindo a um fenômeno realmente novo: quando alguém pronuncia uma palavra, é muito provável que os demais a interpretem de forma bastante diferente.

Quando quisermos iniciar o diálogo, vamos nos encontrar com uma dificuldade que temos que prever antecipadamente, vamos nos encontrar com uma primeira barreira, que é a **barreira das palavras**. Vamos utilizar palavras como “egoência”, “mística”, “Fenômeno de Futuro”, “mudança na direção do olho do tempo”, e alguém vai perguntar: bom, mas o que é tudo isso? E aí vai começar a primeira barreira da mente. Em um campo análogo, alguém perguntou a Louis Armstrong o que era o Jazz, e Armstrong lhe respondeu em forma muito sábia: “Homem, se você vai perguntar o que é, não vai chegar a saber nunca”.

6. A mensagem do Futuro

Estamos muito acostumados a receber uma série de ideias, às quais damos o valor de **mensagem**: a mensagem social, a mensagem política, a mensagem religiosa, a mensagem que possa surgir deste curso. Querer receber o que se diz,

estamos acostumados a acomodar nossa mente à recepção de uma mensagem, ao **que se diz**, certo?

Quando falamos do Fenômeno de Futuro, muita gente acredita que se trate de uma nova mensagem. Há muitos escritos que andam por aí - e muitos de nós dizemos isso também - que o Futuro vai se manifestar na Humanidade através de uma nova mensagem: para uns será uma nova mensagem social, para outros será uma mensagem política, uma mensagem da ciência ou uma mensagem espiritual. Em realidade, não é que isto não seja certo - já existe uma mensagem de futuro que se canaliza em diferentes expressões. Mas, para cada um de nós a percepção dessa realidade nova não é um problema de mensagem e sim, de meio.

7. Um novo meio interior

Quer dizer, não é questão de que eu venha aqui para transmitir uma mensagem, porque isso não teria maior importância, em realidade. Por outro lado, sempre houve no mundo mensagens extraordinárias e continuará havendo. O importante, hoje em dia, como pergunta fundamental do homem contemporâneo é saber se ele como homem tem os meios para receber essa mensagem, não é verdade? Se não há em mim condições subjetivas de receptibilidade, ricocheteia em minha mente como contra uma parede. Bom, poderá haver uma mensagem em uma ordem geral, porém não haverá mensagem para mim. Eu mesmo terei ficado à margem da mensagem, à margem do futuro e à margem da vida.

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA MENSAGEM DE FUTURO

1. Transmite-se por participação

Em um grupo como este - como geralmente em todos os grupos - há uma série de expectativas em relação ao que o orador possa dizer, quanto à mensagem. E, por sua vez, frente ao que se diz, são geradas diversas atitudes: já seja de passividade e conformismo ou de discussão, de crítica, de reação. Todas estas atitudes são contrárias à receptividade do fenômeno: a mensagem do futuro se revela hoje através de atitudes de **participação**, através de atitudes de **vida**. Se o homem não participa ativamente com sua própria vida, a mensagem do futuro lhe escapa das mãos: transformar-se-á em uma nova ideologia, em um impulso emocional ou em uma reação, porém não penetrará em sua carne nem transformará sua vida.

2. Não se transmite como uma corrente de ideias e sim como uma corrente de vida

Por isso, a premissa metodológica que indicamos desde o começo é que o grupo participe, que o grupo possa ouvir o que está por trás das palavras: o que está nas palavras é um marco convencional, enquanto que o que está além das palavras é a própria vida. A mensagem do futuro não se transmite hoje como uma nova corrente de ideias, mas como uma corrente de vida: se não compreendermos isto não vamos entender nada. A mensagem do futuro não é uma nova ideologia, um novo manifesto político ou social ou uma nova religião: pode sim, traduzir-se em ideias, porém não é uma corrente de ideias. Pode traduzir-se para modelos de pensamento ou de ação, porém é uma corrente de vida. E para poder captar uma corrente de vida, temos que poder sintonizar com ela e associar-nos a ela. Mas, não somente com atitudes lógicas, ideológicas ou reativas e sim, por participação de vida.

3. Transmite-se por revelação

Ou seja, a mensagem do futuro se revela em cada um de nós por participação: é um fenômeno de revelação.

A Humanidade sente hoje a necessidade de uma nova revelação. E muitos pedem e suplicam para que esta revelação se produza em breve e que solucione os males do mundo. Porém, a mente e as emoções do homem estão condicionadas desde o passado a que a revelação lhe seja “dada” - e de forma “extraordinária” - por algum dos grandes mensageiros da Humanidade, como um acontecimento de extraordinária magnitude - que só por sua força, dê a todos a evidência de que algo novo se revelou no mundo. Talvez, alguma destas coisas possa ocorrer - ou talvez já haja ocorrido, sem que nos demos conta. Porém, não é o fundamental da revelação no mundo moderno, visto desde o próprio homem. O fenômeno de Futuro não é percebido hoje através da informação, através do que se diz, e sim, através da revelação, através do que se é. E não se avança pela dádiva que se recebe e sim, pelo esforço de participação. A revelação não se anuncia como algo gratuito: é preciso ganhá-la interiormente, é preciso conquistá-la como um direito da alma. No passado, houve outros tipos de revelações, porque eram outros os tempos e outras as condições da Humanidade. Porém, no tempo que agora nasce, a revelação continua sendo um dom da alma que é conquistado através do esforço interior.

4. Transmite-se em uma reunião de almas

Outra das características da mensagem do futuro - vista em sua integralidade - é que se dá em uma reunião de almas. Reunião de almas é o meio da revelação. Talvez não nos seja fácil captar esta ideia desde o começo. O que queremos dizer com isto? Queremos dizer que a revelação do Futuro não se dá hoje no homem isolado. Tampouco no homem-massa nem nas instituições, mas na “reunião de almas”. Isto não é tão fácil de compreender racionalmente. Mas, talvez possamos explicá-lo desde a própria subjetividade daquele que fala.

A intenção daquele que fala não é apresentar-se como orador, como conferencista, como autor que escreveu alguns livros ou como o mensageiro, porque todos estes seriam papéis que, de alguma maneira, nos separariam. Gostaria de apresentar-me simplesmente como uma alma entre as almas porque pressinto que se pudermos refletir-nos por similitude, nesse meio de **união** irá se revelar um fenômeno novo.

Por outro lado, isto não é nenhuma novidade: é um fenômeno cósmico universal. Já o dizia Cristo: “quando dois ou mais de vós se encontrarem reunidos em meu nome, eu estarei em meio de vós”. Quer dizer, cada vez que duas ou mais almas puderem espelhar-se entre si como almas, em nível humano, existirá um terceiro elemento transcendente e cósmico que iluminará e dará sentido a essa reunião de almas.

A Humanidade sofre hoje porque não há encontro entre as almas. Quando há encontro entre as almas, tudo é alegria, tudo é plenitude, tudo é amor: flui uma poderosa corrente de compreensão e amor entre os seres humanos. Porém, acontece que os homens perderam sua condição de almas e sua condição de encontro entre as almas: podem haver cooperativas, sociedades mutuais, de seguro e sociedades anônimas, podem haver sindicatos, universidades, grupos humanos de diferentes tipos e comunas de todo tipo, porém tudo isto nada tem a ver com o que é uma reunião de almas.

E as pessoas andam mal, precisamente porque não existe reunião de almas. Quando duas almas se reúnem, tudo está dito: a mensagem se revela e flui, e suas vidas encontram sentido. Porém, hoje estamos um “frente” ao outro, ou um “junto” ao outro - sem que tais enfrentamentos ou proximidades preencham um verdadeiro sentido de comunidade.

A Humanidade nova vai despertando a um novo sentido de comunidade planetária e cósmica, e o fundamento espiritual desta nova comunidade é a reunião de almas.

A Humanidade tem que ir formando seu novo corpo. E este novo corpo não vai ser uma comunidade de nações, nem algum novo mercado comum europeu, asiático ou latinoamericano - por mais que todas essas organizações possam ter um valor prático. Como organismos materiais, elas carecem de valor espiritual e de valor humano. Em tais corpos institucionalizados, não pode revelar-se o fenômeno de Futuro enquanto fenômeno de consciência ou enquanto mensagem - dirigida, não aos interesses do homem e sim à sua própria alma. Esse meio à revelação, só pode ser uma reunião de almas que é o corpo anímico da Humanidade, onde possa espelhar-se a mensagem do Futuro.

Bom, vocês veem que há muitas coisas sobre as quais podemos conversar, mas eu não quero falar demais. Já falei meia hora e creio que é suficiente para dar-lhes a palavra, para que vocês mesmos possam expressar-se, possam participar e dar suas opiniões. Para que vocês proponham novos temas e para que a temática que surja dentro do próprio grupo seja ponto de partida para novas conversas. Em uma palavra, para que possa surgir algo que interesse a todos e não somente algo que possa interessar só a mim.

Pergunta

O senhor falava de uma atitude de participação, porém eu me pergunto: participação com que? Com que aspecto do futuro? Participação com a vida, participação com cada coisa da existência?

M.S.

O senhor quer objetivar não? Quer dizer, quer encontrar uma regra prática e definir uma ação concreta de participação.

Mesmo interlocutor

Certamente, porque o senhor está me falando de participação e eu participo na vida: quer dizer, cada problema de minha existência é uma participação. Agora, o senhor está me falando de futuro. Eu leio coisas que falam do futuro, quer dizer tenho uma inquietude interior com respeito ao futuro e vejo homens novos com atitudes novas. Ainda mais, muitas atitudes que vemos diariamente na vida são atitudes de um homem novo que, inclusive, em certos momentos, me chocam porque me transmitem uma projeção de energia diferente. Bom, esse homem novo é tudo isso? O senhor está me falando de participação: a participação é meter-me com o hippie, conviver com ele, ou com uma ideia de qualquer tipo? Em resumo, essa participação, o que é? Como é?

M.S.

Você me permite responder-lhe depois? Enquanto isso, por que não fazem outras perguntas?

Pergunta

A respeito da comunicação, da qual tanto e tanto se fala. Quando se fala tanto de uma coisa e se quer impô-la como publicidade, essa comunicação existe ou não existe?

M.S.

Existe uma necessidade de comunicação. Existe uma comunicação a nível exterior: os meios de comunicação de que dispomos asseguram relações exteriores entre os homens, o que falta é a comunicação com o ser.

Mesmo interlocutor

Sim, mas são geralmente grupos que respondem a interesses particulares e não a valores espirituais os que falam de comunicação.

M.S.

Quer dizer que você compreende que, em realidade, essa comunicação não existe. Que há uma crise da comunicação e por isso, se inventam tantas maneiras para comunicar-se e que os meios de comunicação são, por sua vez, meios mecânicos que têm valor prático.

Mesmo interlocutor

Mas utilitário e não material.

M.S.

Alguém quer contribuir em algo com o que disse a jovem?

Pergunta

Parece-me que não deveríamos falar de comunicação. Creio que nestes momentos deveríamos falar de comunhão.

A comunicação implica duas coisas unidas por algo. A comunhão exige a participação, o vivenciar, o entrar - por assim dizer - dentro do outro e vivenciá-lo.

Comunicação implica separatividade. Comunico-me com algo: já seja outro ser, outro mundo, já seja... porém sempre implica dois momentos, duas coisas. Enquanto comunhão implica a integração, que vai muito além da comunicação. Essa é a crise da comunicação, que é a crise do homem de nossos dias que fala de comunicação, em lugar de falar de comunhão.

Quero vivenciar meu próximo, quero amar meu próximo, quero entrar dentro da pele de meu próximo, por um ato de intuição, por um ato de amor, chame-se como quiser. Penetrar dentro dele, vivenciá-lo. Nem sequer se deve pretender compreender: não me interessa de entrada compreender, me interessa amar, vivenciar e entrar dentro dele, intui-lo e, de dentro dele, só então dar razões.

M.S.

Você deu uma resposta ao que chama de crise atual da comunicação e apontou para a necessidade de um novo meio de comunhão com o ser, não é verdade?

Pergunta

Queria perguntar: o senhor falava de sintonia, de revelação, e eu me faço uma pergunta: a revelação como vem, ou o que isso quer dizer? É a revelação através de si mesmo, e como? O senhor disse no começo: “Vamos falar da metodologia do processo”. Qual é a metodologia da revelação, para receber respostas de futuro? Se as palavras, como o senhor bem diz, têm uma ambiguidade muito ampla haverá que recorrer à revelação, porém ... e então? Ensinaram-nos a ler, a escrever... e a revelação?

M.S.

Correto, é boa a pergunta, muito boa...."Qual é a metodologia?" Claro que se pretendêssemos uma metodologia sistemática ou prática, o sentido da revelação vai nos escapar das mãos porque então cairíamos no que muitas correntes sustentam, ao fazer da revelação uma simples questão de *praxis*, ou seja, algo que se deve fazer para conseguir um certo resultado. Não é certo? Algo assim como a pergunta que o jovem formulava acerca da participação - ainda que não sei se com a mesma intenção - quer dizer, que me digam o que devo fazer para conseguir algo. Com isto, reduziríamos a revelação do ser a uma prática de exercícios: fazer meia hora, uma ou duas horas de meditação todos os dias, ou fazer alguma prática de jejuns, ou flagelar meu corpo, ou fazer algum tipo de exercícios respiratórios ou de postura corporal... ou poderíamos cair em outro tipo de práticas: certos conhecimentos ou estudos ou então, a prática de certas virtudes ... quer dizer, sempre o como.

É difícil enquadrar estas coisas que estamos dizendo a respeito da percepção de um fenômeno de futuro, em esquemas práticos, concretos, objetivos. Apenas gostaríamos de dar uma fórmula concreta acerca do que é a participação, por

exemplo - e agora respondo à pergunta feita pelo jovem - depois cairíamos em receitas, na normativa do que outro diz que se deve fazer para conseguir tais ou quais resultados, não é? E com isso já ficaríamos marginalizados da necessidade que nossa própria alma tem de perceber por si mesma a corrente do futuro.

Acredito que “o como” é sempre uma pergunta secundária: comecemos por aí se quisermos continuar com o tema da metodologia. É o mesmo que se alguém perguntasse como devo fazer para ser médico: bom, a pergunta é secundária. A pergunta primária é: “tenho vocação para ser?” Essa é a pergunta primária, e a essa pergunta só minha própria alma pode responder. Não pode ser respondida por outro. Não posso responder ao jovem “o que é participar” porque se ele não o descobrir, eu não posso dizer-lhe. E se o dissesse, seria algo que outro diz, alguém que está fora dele e, portanto, fora de seu próprio ser: não seria o método adequado para a revelação do ser.

Temos que aprender a sintonizar-nos com nossa própria alma, com nosso próprio ser... essa é a sintonia primária que devemos recuperar, não a sintonia com o que diz fulano ou sicrano, ou com o que diz tal jornal ou tal revista, ou a sintonia com este ou aquele canal de televisão. Porque com isto, não sairíamos do campo das relações de comunicação exteriores ao ser - como muito bem dizia a senhora, ao fazer a distinção entre comunicação e comunhão.

Pergunta

Poderia ser a sintonia com a própria contemporaneidade?

M.S.

Bom, não sei bem o que você quer dizer com a “própria contemporaneidade”.

Mesmo interlocutor

A vivência em tempo-espaço, dentro do indivíduo.

M.S.

Talvez, traduzindo seu pensamento em palavras diferentes, eu diria: a sintonia com minha própria alma. A sintonia com o que sou em realidade, a sintonia com aquilo que meu próprio ser está reclamando - e que, talvez, eu esteja negando, afogando ou destruindo, a partir do exato momento em que procuro uma resposta “fora” de mim. A sintonia com as necessidades de meu próprio ser que está aí, querendo revelar-se por si mesmo e eu não permito. Necessidades do ser que querem aflorar e não podem porque estão reprimidas, postergadas ou bloqueadas por outras necessidades supérfluas ou “encobertas” por um monte de palha, de ideias e necessidades estranhas, quer dizer, estranhas a meu Ser.

Há então uma sintonia primária. Antes de pôr-me em sintonia com o sol, com as estrelas, com a natureza, com os hippies, com a História, com a política, com os jornais ou o rádio, tenho que aprender a pôr-me em sintonia com meu próprio Ser, aprender a respeitá-lo e a amá-lo, não é assim? Querer ouvi-lo, ouvir-me a mim mesmo, porque ali, na intimidade de minha própria alma, na intimidade de meu próprio ser, aí está querendo revelar-se Aquilo que eu devo ser, e isso que eu devo ser é o “Fenômeno-de-Futuro-em mim”, cuja Voz devo aprender a ouvir.

Pergunta

Ou seja, a realização de minha própria mesmidade.

M.S.

Sim, mas cuidado com reduzir isso que é uma realidade de vida a uma palavra...

Poder sintonizar com esse Mistério que sou eu mesmo... Porém, se eu me encerrar em uma personalidade egoísta, se me isolar em minha própria subjetividade, em meu próprio mundo, esse Mistério que eu sou permanece “encoberto”. Só quando

me “abro” às demais almas, encontro na “reunião” com as demais almas o meio para revelar-me a mim mesmo: na reunião de almas se revelará meu próprio ser.

Pergunta

Com o que o senhor está dizendo, não está esboçando, de alguma maneira um método?

M.S.

É um método!

Mesmo interlocutor

Quer dizer que já é algo e, de certa forma, uma resposta ao que foi perguntado sobre por que há um método em essência.

M.S.

É um método em essência!

Mesmo interlocutor

Quer dizer que em vez de lançar-se para fora, voltemo-nos para dentro e escutemo-nos a nós mesmos.

M.S.

Sim, porém tenhamos cuidado com as fórmulas demasiado simplistas... nesse “ouvir-nos a nós mesmos” – o que é repetido muitas vezes, sem saber bem o que queremos dizer - pode ser gerada uma profunda distorção: podemos entrar em um subjetivismo sem saída. Na busca de si mesmo, o sujeito pode ficar preso de sua própria imagem, hipnotizado pela imagem subjetiva que formou de si, que usa como malha encobridora do ser. E então, essa revelação deixa de existir.

Pergunta

A palavra revelação implica a ideia de véu, como se algo tivesse que deslocar-se. Então, justamente, à medida que o véu vai se deslocando, o ser vai sendo novo. Penso que agora, todos na audiência estamos fazendo como um desafio à cátedra para que sejam corridos os véus.

M.S.

Não existe essa “cátedra”, comecemos por aí. Além disso, não é a “cátedra” a que tem que correr os véus. O véu já está sendo corrido, na medida em que nos sintonizamos como almas.

Pergunta

Quando o senhor fala de reunião de almas, eu me faço esta pergunta: a pessoa se conhece introspectivamente ou por meio da análise psicológica - por psicoterapia individual ou em grupo? Também as religiões nos levam a um conhecimento da alma, e parece que tão eficazes não devem ter sido, já que estamos aqui buscando e perguntando... Mas, no que diz respeito à reunião de almas de que o senhor fala, gostaria de esclarecer um pouco.

M.S.

Sobre isto, vamos ter oportunidade de continuar conversando mais adiante. Algumas perguntas não vamos responder de forma direta, vamos deixar que amadureçam em nós mesmos, sem carregar-nos com uma série de explicações alheias a nosso ser.

Pergunta

Quando se fala de encontrar-se consigo mesmo, isto produz temor a muita gente, temor de ficar sozinho consigo mesmo: por que assusta tanto a solidão?

M.S.

Porque habitualmente o homem não está preparado para enfrentar-se a si mesmo em forma solitária. E, quando tenta fazê-lo, se sente ameaçado por suas próprias forças internas e cresce a angústia. Geralmente, vivemos em um recinto fechado e não encontramos o caminho que nos tire da angústia. Se estamos encerrados neste quarto, separados da Humanidade e submetidos à pressão de nosso próprio subconsciente, indubitavelmente sentiremos pânico porque as forças internas são muito poderosas. Temos que encontrar o Caminho que nos permita passar do quarto fechado da solidão, da angústia e da subjetividade a um estado de comunhão com o Ser. Porém, este estado de comunhão - como vocês bem o disseram - não é fácil de realizar porque ou nos encerramos em um subjetivismo idealista e egoísta ou nos dissolvemos em uma sociedade de massa. Se não encontrarmos o Caminho do - o caminho do amor como dizia a senhora - não poderemos sair da angústia. Vocês vêm que, hoje em dia, toda a filosofia moderna e toda a psicologia moderna descrevem magnificamente bem a angústia, mas não saem da angústia. E existe um Caminho que leva o homem “para além” da angústia e isso é o que gostaríamos ir mostrando.

II

PERCEPÇÃO DE UMA MUDANÇA NO TEMPO CÓSMICO

Na aula anterior, nos ocupamos de examinar a Metodologia que aplicaríamos a este curso.

Disse que não era minha intenção ditar uma conferência criando uma dualidade entre alguém que fala e outros que escutam e sim, criar um campo unificado entre as almas aqui presentes, para que nesta "reunião de almas" pudesse ser revelado o ser que cada um de nós é.

Expusemos de forma muito geral a temática do curso, quer dizer, as ideias fundamentais que nos propúnhamos desenvolver e examinar juntos.

Dissemos que o tema fundamental do homem contemporâneo é tratar de dosificar o significado dos signos do tempo que lhe cabe viver. Não do tempo que se refere ao movimento dos astros, ao movimento dos ponteiros do relógio, nem aos movimentos sociais, políticos ou religiosos que marcam as horas do mundo exterior, mas do tempo que é intrínseco a sua própria vida. Não do tempo que é próprio de sua coletividade, quer dizer do tempo que rege o grupo humano ao qual pertence - cada grupo tem seu próprio tempo - mas ao tempo que rege sua própria individualidade como ser humano: não o tempo do homem-massa e sim, o tempo do ser individual.

Dissemos que o signo da era que nasce é que esse tempo já não é registrado como um tempo linear que vai do passado ao futuro, mas como um tempo que, vindo do futuro, produz impacto em nossa própria vida: mudança na direção do olho do tempo.

E com esta ideia, indicávamos a primeira nota característica da mensagem do Futuro.

Dizíamos que a mensagem do Futuro não é algo que vai vir, mas algo que já existe, que está se dando aqui mesmo, neste instante, e que está se dando em uma corrente de mudança na direção do olho do tempo.

Quando dizemos que é o tempo mesmo o que mudou, queremos significar que já não estamos somente ante mudanças nas ideias ou nos costumes senão que se trata de uma mudança intrínseca na vida cósmica.

Por isso, dizíamos que a mensagem do Futuro não se transmite como uma corrente de ideias, mas como uma corrente de vida, como uma corrente de renovação de vida.

E que para ter acesso a essa corrente que está inspirando o Futuro, já não é suficiente uma crença, uma ideologia ou uma exercitação, senão que faz falta o meio da revelação.

E que esse meio de revelação não é nem uma subjetividade psicológica individualista nem uma massificação coletivizadora, mas uma "reunião de almas".

E, finalmente, falamos na aula passada sobre a angústia existencial do homem que traduz a incerteza de harmonizar sua vida individual com a corrente de mudança cósmica. E, ao mesmo tempo, o pressentimento de que essa "colisão" com o Futuro tem consequências fundamentais para seu destino. Com efeito, hoje em dia já não se trata de ficar marginalizado da moda ou das ideias de nosso tempo, mas de ficar marginalizado da história e ficar marginalizado da vida. "Perder o trem" já não significa somente ficar antiquado, mas perder o sentido da existência.

A angústia de muitas almas, hoje em dia, já não é de tipo psicológico, conflitivo, mas de tipo existencial: não só uma angústia metafísica, mas uma angústia frente ao destino, como ser humano.

No diálogo que tivemos depois, o grupo pôs a ênfase de sua inquietude no tema da Comunicação, na angústia do ser humano ao sentir-se sozinho e nos esforços

da técnica e da publicidade para criar novos meios mecânicos de comunicação. Foi dito que apesar de estar vivendo na era das comunicações, nem por isso nos sentimos verdadeiramente comunicados e que algo mais essencial deve faltar para que se produza essa crise de "incomunicação", de que algo falta ou de que algo foi perdido...

Em resumo, queremos encontrar a ponte de comunicação com as almas e não sabemos como! E, quando falamos de "reunião de almas", não sabemos o que isso quer dizer!

Evidentemente, há uma necessidade de encontro entre as almas. Porém, ao mesmo tempo, tomamos consciência de que as pontes entre os seres humanos estão rompidas e foi perdido o sentido de comunidade.

O grupo teve dificuldade para compreender o que é "reunião de almas" porque precisamente carecemos de um "sentido de união": acreditamos tê-lo, porém não o temos.

Quando falamos de um sentido de união, não estamos nos referindo a um conceito do que é união ou ao que deveria ser, senão que nos referimos a um sentido como qualidade biológica, algo assim como se dissesse que não compreendo o que é a luz porque me falta o sentido da vista.

E não vamos realizar esse sentido de união, esse sentido de comunidade entre os seres humanos, através de algum novo tipo de organização social ou de alguma nova instituição, nem através de novos tipos de "relações" humanas: seguindo algum curso de relações humanas ou frequentando reuniões de psicoterapia de grupo. Nem vamos chegar a ele através de um idealismo de fraternidade universal. Isto não quer dizer que todas essas coisas não possam ser úteis, desde um ponto de vista prático, porém o sentido a que nos referimos, como meio de união, não vai ser adquirido através de tudo isso.

O sentido da união não é uma qualidade que se possa ser adquirido através de alguma atividade exterior, fazendo algo - ou fazendo algum tipo de exercícios. O

sentido da união é algo intrínseco a meu próprio ser, não posso encontrá-lo fora de mim, tenho que encontrá-lo em mim mesmo, tem que revelar-se em minha própria alma - quando se re-une com as demais almas. O ser humano descobre o sentido de comunidade quando se re-une com os demais seres humanos. Mas, não quando se reúne através de relações idealistas ou utilitárias, mas quando se reúne simplesmente como ser humano.

Mas isto, que pode ser dito tão facilmente, não é tão fácil de levar à prática. Viver nas comunidades dos "seres humanos" como "ser humano" simplesmente, não se consegue através de um idealismo espiritual, um idealismo social ou um idealismo de fraternidade universal, senão que se chega a isso por participação nas necessidades de todos os homens.

E isto implica um profundo sacrifício de si mesmo. Supõe a renúncia a todos os nossos privilégios, a todas aquelas condições exteriores que nos "separaram" uns dos outros. Supõe a renúncia a um poder do qual nos apropriamos e que nos faz "enfrentar-nos" uns aos outros. E supõe a renúncia a "papéis" artificiais que nos "ocultaram" o rosto de nossa verdadeira condição de seres humanos.

Isto é o que a muitos custa entender. E esta é a barreira que se levanta entre o mundo de ontem e o mundo do futuro.

Isto não o entendem: nem os ricos - aqueles que têm "muitas posses", como diz o Evangelho, quer dizer, aqueles que têm muitos compromissos com o passado, não só bens materiais, mas uma cultura sedimentada no passado - aqueles que são completamente impermeáveis às correntes de mudança. Nem os homens espirituais que se nutrem de uma "espiritualidade de consumo", de uma espiritualidade convencional, de uma espiritualidade que serve a seus próprios interesses. Tampouco o compreendem os homens velhos, quer dizer, aqueles que têm uma consciência "cristalizada".

A mensagem do Futuro, com seu profundo sentido de comunidade planetária e abertura cósmica, é entendido facilmente pelas almas jovens, pelas almas simples, aquelas em quem vibra o sentido da liberdade, do amor e da beleza.

Pergunta

Eu gostaria de lhe perguntar, concretamente, o que é isso de mudança na direção do olho do tempo.

M.S.

Se você me pergunta dessa forma, teria que lhe responder como Louis Armstrong, a quem perguntaram o que é o Jazz: "não vai entender".

Outro interlocutor

No entanto, é algo muito evidente!

M.S.

Para aquele que o percebe, sim. Para aquele que o percebe é tão evidente como a luz do dia. Vamos ver se você pode explicá-lo melhor.

Mesmo interlocutor

Não, é que eu, justamente, gostaria que o senhor explicasse de forma simples, para que todos possamos entender.

M.S.

Bom, vamos ver se podemos. Por que vocês não me ajudam um pouco?

Pergunta

Faria falta algum pequeno grau de revelação que se desse no grupo, mas se as pontes estiverem destruídas, quantos poderão reconstruir as pontes? Ou melhor, quantos cegos teriam que reunir-se para que um só recuperasse a visão?

M.S.

Você reconhece que faria falta um pequeno grau de visão, porém pensa que há demasiada cegueira.

Outro interlocutor

O fato de que nos reunamos facilita ou poderia facilitar que se dê algo de revelação, de forma a satisfazer perguntas como a que fez o jovem, acerca da mudança no tempo?

M.S.

Bom, você está fazendo uma nova pergunta. Por que não tentam colaborar na resposta? Senão, vamos multiplicar as perguntas. Vejamos se podemos sintonizar com a própria corrente da mudança....

Pergunta

Outra pergunta que sai do contexto: é esta a única época em que é revertido o eixo do tempo através da história? Quer dizer, este fenômeno está se dando pela primeira vez?

M.S.

Com esta pergunta, vamos começar a esquadrihar as referências históricas e a passar em revista fatos do passado. Porém, isso não vai nos esclarecer nada sobre o que está acontecendo agora.

Pergunta

Se o senhor fala de uma mudança na direção do tempo, supõe-se que conhece a direção de onde vem?

M.S.

Estou dando testemunho do que percebo. Mas, por outro lado, o que estou dizendo aqui não é algo que tenha inventado nem que seja uma doutrina minha ou algo que se me ocorreu, senão que isto é o que está dizendo muita gente no mundo de hoje.

Ou seja, não é algo que eu venho trazer aqui como uma novidade que ninguém conheça: começemos por aí. O fenômeno de uma percepção diferente do tempo foi anunciado por grandes intuitivos de nossa época, começa a ser estudado por filósofos, psicólogos, sociólogos e físicos contemporâneos e começa a ser percebido por muita gente, como choque existencial.

Pergunta

Quer dizer que o senhor está tentando que nós mesmos possamos perceber esse fenômeno, em lugar de dar-lhe uma explicação.

M.S.

Nada ganharíamos ao explicar teoricamente estas coisas. Temos que aprender a reconhecer o que já existe, o que já experimentamos, ainda que ainda não possamos compreender.

Pergunta

Caímos então em uma questão de fé, percebe? E, entrando em uma questão de fé, é um pouco difícil entender-se... é muito sugestivo o problema.

M.S.

Eu não creio que seja uma questão de fé, ou de adquirir fé. A fé é um problema completamente à margem do que estamos tratando. Não é questão de fé e sim, de visão.

Trata-se simplesmente de ver, de apreender o que está acontecendo, e para isso faz falta uma mente livre de preconceitos, livre de condicionamentos. É algo muito simples, tanto que somente as almas simples e os jovens podem apreender este tempo novo que nasce.

Pergunta

No entanto, supõe-se que desde que a Humanidade começou existiam as mesmas condições.

Outro interlocutor

Isso é uma suposição.

M.S.

Tentem não discutir, mas simplesmente ver.

Pergunta

Se me permite, para mim o grupo até agora não teve nenhuma finalidade porque não existe como grupo. Em princípio, ou seja, o que eu vejo aqui, é que estamos absolutamente todos separados, e que o mais natural seria que cada um reconhecesse - partindo de que estamos separados – que em cada caso é uma coisa diferente. Quer dizer, acredito que é uma mistificação falar de um grupo que não existe. Ou seja, aqui não existe comunicação, simplesmente porque todos viemos com a tensão com que estamos acostumados a viver permanentemente. O senhor falou, por exemplo, no começo, que havíamos perdido o sentido da existência. E eu me pergunto, por que perdemos o sentido de nossa existência? Ou seja, por que estamos perdidos? Para mim o problema não é estar só, mas estar perdido entre tanta gente.

Então, o que eu me questiono essencialmente – e, neste sentido tenho um compromisso comigo mesmo - é atacar permanentemente o espírito público, o

espírito público que impregna cada um de nossos atos e normaliza a todos os indivíduos em um achatamento infernal. Nesse sentido, não me interessa falar aqui, porque isto teria que haver tido uma conotação formal diferente. E a conotação formal que temos é a de uma conferência. Quer dizer, a de um conferencista e de pessoas que escutam e perguntam. Ou seja, o lugar mais cômodo para as pessoas também, de alguma maneira, o lugar mais cômodo para o conferencista. Eu penso que aqui não há nenhuma obrigação de falar. Em vez de falar, poderíamos estar - suponho eu - sentados no chão ou também dançando, quer dizer, comunicando-nos de outra maneira. Ou seja, se a palavra morreu - como se dizia na primeira reunião - então cada um tem que sentir o que diz. Para mim, a palavra não está morta, simplesmente porque eu pude me comunicar através da palavra com aqueles que estão dentro de mim e que, de alguma maneira, são minhas amigues e as pessoas e os objetos que amo - e, quando falo de objetos, tanto pode ser uma mesa como uma pedra ou uma montanha.

Aqui, eu creio que o que temos que deixar de lado é o afã culturalista com que vivemos permanentemente e o espírito do erro com que vivemos. Não podemos, à hora da saída do escritório, vir aqui falar que temos que recuperar a vivência de comunidade e, no outro dia, não fazer-nos nenhuma pergunta sobre por que vamos todos os dias ao escritório e por que todos os dias nos levantamos às 8 da manhã. E isso é normal, claro, comum ... e assim é a vida. Ou seja, em cada um de nós está o erro de alguma maneira.

Eu penso que aqui o que teríamos que fazer seria perder a tensão que temos neste momento - inclusive a tensão que eu tenho. Há pouco tempo, estive em uma reunião com David Cooper - um atípico psiquiatra londrinense que esteve em Buenos Aires - e, justamente, o primeiro que ele propôs às pessoas, antes de falar, é que se sentissem cômodos, que relaxassem, que tocassem o braço da pessoa que estava ao lado, que olhassem, que vissem a cor do cabelo dela, que observassem como está sentada ... que relaxassem sem nenhum temor.

M.S.

Quer dizer, você questiona o espírito público que há neste grupo e diz que não é que estamos sozinhos, senão que estamos perdidos entre tanta gente. Ou seja, percebe que estamos em um grupo no qual não podemos nos comunicar e que, para poder fazê-lo, teríamos que relaxar a tensão.

Pergunta

Bom, não é para contradizer o senhor, mas para esclarecer minha posição. Eu não estou em nenhuma tensão, pelo contrário, estou em um dos momentos mais cômodos de minha vida. E talvez, mais que condicionada, tenho comoção cada vez que venho e sinto que estamos nos comunicando, ainda que me falte captar algo mais.

Outra pergunta

Voltando ao que o senhor dizia sobre a necessidade de captar, por nós mesmos, o que se refere ao futuro, trata-se de desenvolver em nós a intuição?

M.S.

Desde um ponto de vista sim, há um polo de recepção intuitiva. Porém, também há outro polo concreto que é tão ou mais importante que o primeiro, que é o contato com o humano - como diria o jovem da pergunta anterior, "demo-nos as mãos, olhemos para aquele que está a nosso lado": se pudermos oscilar entre estes dois polos, vamos compreender o fenômeno do Futuro. Em outras palavras, é o movimento de vida entre estes dois polos a chave do fenômeno novo que estamos vivendo, a oscilação entre o humano e o divino. Talvez seja isso o que você queria dizer quando falava de "dançar"?... Algo assim como a dança de Shiva?

Pergunta

Eu queria dizer que, para afrouxar a tensão, temos que viver. E gostaria que o senhor me dissesse qual a diferença que existe entre viver e conviver. Não só em uma conferência, mas ainda vivendo dentro de uma família, podemos fazer melhor isso, convivendo e não vivendo. E teríamos que aprender a viver, tanto no trabalho como no desjejum, na rua... o que não sabemos ainda é como!

M.S.

Você se dá conta de que o que falta é vida, que perdemos contato com a vida.

Pergunta

Temos os meios para captar essa corrente de vida ou temos que desenvolvê-los?

Outro interlocutor

Estão em todos nós, mas é preciso deixá-los atuar...

Outro interlocutor

Eu penso que não vivemos porque nos falta espontaneidade. Geralmente, as pessoas se levantam pela manhã e já condicionam seu dia a um plano. E então, se ajustam a esse plano e falta espontaneidade. Saem, por exemplo, ao encontro de um familiar, mas como já estão vibrando em seu plano, não o veem, não o observam, não o sentem. E, como cada um tem seu plano, acontece que às vezes não coincidem os planos e então começa a discórdia e a luta. Mas, se fôssemos espontâneos e em lugar de viver para esses planos - que às vezes são fictícios - vivêssemos para nós mesmos, sendo o que cada um é, o que cada um sente e pensa, com o desejo de compreender-nos, então entraríamos espontaneamente nessa corrente de vida que nos iria levando a compreensões cada vez maiores.

Outro interlocutor

O que acontece é que, por meio da palavra, se expressam ideias e sentimentos que não são aqueles que verdadeiramente sentimos. E, creio que a origem de tudo é a atitude defensiva que cada ser humano adota a respeito dos demais.

M.S.

Vocês mesmos avançaram bastante no esforço de limpar o caminho em direção à comunicação que todos queremos alcançar. Deixemos tudo isto até a próxima reunião.

III

SIGNOS DE ORIENTAÇÃO EM UM NOVO MUNDO

Nas reuniões passadas surgiram algumas ideias, foram feitas perguntas e ficaram flutuando muitos interrogantes.

ADVENTO DO FUTURO

É evidente que todos temos uma expectativa frente ao Futuro, frente ao que podemos chamar **Advento do Futuro**, independentemente de que possamos compreendê-lo ou não.

Ainda que não possamos compreender isso que chamamos de uma “mudança na direção do olho do tempo”, somos afetados, comovidos, sacudidos por essa “corrente de mudança acelerada” que imprime a nossas vidas - sem que nos demos conta - uma **direção** que não é a que tínhamos previamente traçada, em função de ideias, costumes, projetos, e modos de pensar e de sentir, próprios do passado. De repente, sentimos que uma corrente de Futuro “invade” nossas vidas, que o futuro se “instala” em nossa vida de hoje, porém não um futuro que esperávamos, que de alguma maneira estava previsto em nossos projetos e sim, um futuro que não esperávamos, que não estava previsto: esse é o “choque do futuro” no sentido de Alvin Toffler.

Nem sempre podemos interpretar a mensagem do Futuro, mas essa mensagem já está acontecendo, apesar de nós e apesar de que não possamos interpretá-la.

Ainda que ainda estejamos adormecidos, o choque do futuro já despertou muitas almas, já nasceu um novo **estado de consciência** no homem e esse é o fato novo.

Não partimos do pressuposto de que a Humanidade terá que alcançar no futuro um novo estado de consciência, senão que partimos da base de que essa mudança já se produziu: não estamos procurando um ponto de chegada, senão que já temos um

novo **ponto de partida**. Já nasceu um mundo novo e o problema fundamental do homem moderno é como orientar-se, como localizar-se nesse mundo.

MUDANÇAS NO MEIO INTERIOR. UMA NOVA ÓPTICA.

Assistimos hoje a mudanças profundas no meio ambiente exterior e na sociedade em que vivemos - é evidente para todos, não é assim? Mudanças no ar que respiramos (para muitos de nós, já não é o mesmo ar que insuflou nossos pulmões no momento em que nascemos), mudanças radiativas na atmosfera, mudanças tecnológicas, mudanças institucionais, mudanças sociais, mudanças nos costumes, novos estilos de vida, novas formas de pensar, de sentir, de amar e de odiar. Porém, todas estas mudanças exteriores podem fazer-nos perder de vista a mudança mais importante que se está produzindo no interior do homem. Não fora de nós e sim, dentro de nós mesmos, já não no meio exterior, mas no meio **interior**.

Para compreender estas mudanças que estão se produzindo na intimidade da alma humana, é necessária uma mudança na direção do olhar. É necessário ajustar uma nova **óptica** e pode ser que isto não seja tão fácil. Estamos ancestralmente acostumados a olhar para fora, assim como estamos impulsados à ação exterior.

Enquanto o mundo mudou, enquanto a corrente da vida humana já girou 180°, nós, por inércia - como um foguete que vem impulsado desde o passado - continuamos mantendo a direção que trazíamos: não corrigimos o rumo nem variamos o ângulo de nosso instrumento de percepção. Empenhamo-nos em continuar olhando aquele que está a nosso lado e segurar sua mão - como dizia um jovem aqui na aula anterior - porém não sabemos olhar-nos a nós mesmos, não sabemos ainda descobrir nosso próprio **ser**.

Esta mudança brusca na acomodação do olhar é o que nos faz ver tudo apagado e confuso.

A este ponto chegamos com o grupo: que tudo é muito confuso para nós, não é assim? Dizemos que nasceu um mundo novo, porém é difícil para nós orientar-nos nele. O que podemos fazer?

Temos que voltar o **sinalizar** o caminho. Temos que descobrir as novas coordenadas, os novos pontos de referência que apontem o rumo ao caminhante: quer dizer, redescobrir a imagem do mundo.

UN MUNDO SEM SINAIS

No passado, o homem tinha uma imagem do mundo. E suas cidades, seus edifícios, seus costumes, suas leis, tudo - de alguma maneira - era imagem do cosmos, era símbolo de uma ordem universal. O mundo exterior tinha significado porque - em alguma medida - refletia a imagem do universo.

Mas, hoje em dia, o mundo exterior perdeu todo significado. Não somente as palavras perderam significado, como dizíamos na primeira aula, senão que o próprio mundo perdeu significado.

Antes, a cidade tinha um significado e marcava pontos de ordenação de valores: havia um centro e uma periferia, havia uma praça central (um lugar central), um lugar sagrado (a igreja), um lugar onde se administrava a justiça e eram ditadas as leis, e na periferia, estavam o cemitério e os prostíbulos. Mas, agora tudo está misturado: não existe esse centro nem esses subúrbios. Os prostíbulos estão no centro e o centro está nos prostíbulos...

Octavio Paz, em seu trabalho “A Nova Analogia” (1) examina muito bem estas coisas e diz que hoje em dia o mundo da técnica invadiu tudo e apagou a imagem do mundo como significado: ficou uma imagem de coisas úteis, porém sem significado.

Quer dizer, no passado havia uma imagem do mundo com sinais objetivos, fixos, com marcos bem determinados, com pontos cardeais que estavam

estabelecidos: e o ser humano nascia nesse mundo. Porém, agora o homem nasce em um **mundo sem sinais**, em um mundo que não significa nada, que não diz nada. E os novos pontos cardeais já não podem ser estabelecidos, é preciso **descobri-los**. Não é questão de dar uma nova imagem do mundo, sob a forma de um sistema coerente de ideias ou de uma cosmovisão de tipo intelectual (*Weltanschauung*): essa foi a ilusão do pensamento sistemático. Porém, hoje estamos ante uma crise dos valores sistemáticos.

O que a Humanidade de hoje necessita, o que a juventude de hoje reclama não é que lhe digam o que tem que fazer, o que deve fazer, o que deve pensar ou sentir nem para onde tem que ir. O que as almas pedem hoje em dia é só um **ponto de referência**: sinais de referência - ou melhor, eles são esses sinais - e se mostram a si mesmos como pontos de orientação no caminho: não é tão importante o que dizem ou o que fazem, mas o que são.

As novas coordenadas hoje são descobertas nas almas novas, ou seja, naquelas almas que já estão **ordenadas** e configuradas de acordo com um novo modelo existencial. Por isso, dizíamos desde o começo deste curso que a revelação do ser não pode dar-se em uma massificação desordenada, tampouco em uma organização ordenada com fins utilitários e sim, nas almas “ordenadas” em função do **Ser**.

AS NOVAS “ORDENADORAS”

Eu não posso orientar-me pelo que me diz a cidade, seus monumentos, sua tecnologia. Nem posso me orientar pelo que dizem os livros ou os programas dos computadores, nem pelo exemplo dos demais, pelo que fazem ou dizem os demais. Mas sim, posso me orientar quando encontro uma alma que é e que está orientada existencialmente, de acordo com o que é. O ser se orienta ao lado de alguém orientado, se ordena ao lado de alguém ordenado, se revela naquilo que é quando se reúne com alguém que é, descobre sua própria alma quando se espelha em outra alma. Por isso, dizíamos que o ser do homem se revela na reunião de almas.

A função da nova Humanidade é orientar por **Presença**: assim orientam hoje em dia os novos pais e os novos mestres.

Este novo ordenamento existencial se revela nas almas sob uma **configuração de signos** que vão sendo descobertos **ritmicamente** em três dimensões fundamentais:

1. Em uma dimensão vertical, que aponta para o sentido do transcendente, do divino, do cósmico.
2. Em uma dimensão horizontal, que marca o caminho em direção ao descobrimento da Humanidade como conjunto planetário.
3. E em uma dimensão interior que indica a direção da intimidade do Ser, a direção do caminho da alma individual, de seu nome próprio.

Pergunta:

Bom, o senhor explicou bem a problemática da sociedade tecnológica e me parece ver que no fundo de todo isso, a técnica aplicada seria o “Grande Guru”, porque se a partir da relação com esta estrutura tecnoeconômica e social o homem encontra a solidão, isso é positivo porque já não pode aferrar-se a algo. O desafio, então, estaria em que aceite a solidão e não invente mecanismos escapistas para fugir dessa sociedade. Creio que tudo está centrado nisso. Esse seria o miolo da questão, poder aceitar a solidão: ou seja, que o homem nasce e tem que morrer sozinho.

M.S.

O que dizem os demais?

Pergunta

Como explicar então o amor à Humanidade? Como poder encontrar-se com os outros, centralizados em nossa própria solidão?

Outro interlocutor

Bom, eu creio que vivemos neste momento uma situação que nos leva à solidão, porém se não interpreto mal o que foi dito, penso que essa solidão é uma condição que nos abriria o caminho para algo que está além dessa solidão e que, inclusive, lhe daria sentido.

Outro interlocutor

Ou seja, que através da solidão encontraríamos essa dimensão vertical da qual se falou, ou seja uma abertura para o transcendente...

M.S.

Quer dizer que é preciso ter cuidado com as expressões que tentam fixar uma posição absoluta. É muito fácil dizer que “é preciso aceitar a solidão”. Mas, se bem que na solidão se possa encontrar-se a si mesmo, também se pode encontrar o desespero e a loucura.

Pergunta

Acredito que aqui está se dividindo fundamentalmente uma coisa, e é que o homem é um “ser-no-mundo”, junto com a problemática de outros homens.

M.S.

Sim, o homem é um “ser-no-mundo”, conforme a feliz expressão cunhada pela filosofia moderna. Mas essa expressão é insuficiente para revelar o sentido total da existência humana. Podemos dizer sim, que o ser humano é um “ser no mundo”, mas também que é um “ser à Presença divina” e um “ser à presença de Si-mesmo”. Este é o sentido da configuração de signos a que fazíamos referência ao finalizar a conversa de hoje. Em outros termos, se me coloco unilateralmente na coordenada horizontal, por exemplo, e afirmo que o homem é um “ser no mundo” e que a revelação do ser, que sou eu mesmo, vai se dar em um “encontro-com-outro” - tal como costuma ser postulado na filosofia da existência - essa fórmula se mostra

insuficiente. E também é insuficiente a tese que diz: bom, eu vou encontrar a mim mesmo “na solidão”. Tampouco posso dizer que só vou me encontrar “à Presença divina” porque então postularíamos um ser espiritual estranho ao mundo. Todos estes são pontos de vista parciais. Em realidade, vou encontrar-me a mim mesmo no ponto de convergência entre estas três dimensões.

Pergunta

Com respeito ao que o senhor dizia sobre a existência de Deus, gostaria que me esclarecesse, porque se bem haverá pessoas que acreditem em um Deus externo, eu não tenho uma crença em um Deus assim - algo que vem de fora - mas algo interno.

M.S.

De acordo, porém não estamos falando de crenças. Estamos falando de um sentido do transcendente, de um sentido do espiritual, não como crença e sim, como função intrínseca à vida do ser humano.

Pergunta

Creio interpretar o que diz a jovem, que é despertar algo interior, uma força interior que tenho dentro de mim e que me leva a conhecer-me cada vez mais e a amar aos que me rodeiam.

M.S.

Sim, porém é preciso fazer uma diferença de natureza entre o que chamamos a coordenada horizontal - que nos marca o caminho em direção à Humanidade e a coordenada vertical que nos aponta o caminho em direção ao transcendente.

Pergunta

Entendo que o homem nunca está só. Falar da solidão no homem ou do homem só é uma pura abstração. O poeta que faz a grande síntese, inclusive filosófica, que é Machado, dizia:

“Converso com o homem que sempre vai comigo, que fala a sós e espera falar com Deus, um dia. Meu solilóquio é conversa com este bom amigo que me ensinou o segredo da filantropia”.

M.S.

É uma síntese poética do que estávamos dizendo e mostra que aponta para o trânsito existencial do humano para o divino.

Pergunta

Eu não entendo muito bem a diferença com respeito às três coordenadas das que o senhor falou. Qual é a diferença entre a coordenada vertical e a coordenada interior?

M.S.

A pergunta é interessante, porém exigiria outra aula para ser desenvolvida. Deixemo-la como pergunta para tratá-la mais adiante, junto com o sentido do transcendente e o sentido do humano. Não me parece que agora seja o momento de dar mais ideias. Se me desculparem, postergaremos isso para outra aula.

IV

NO UMBRAL DA CONSCIÊNCIA CÓSMICA

UM NOVO PONTO DE PARTIDA

Dizíamos na aula passada que o futuro se apresenta hoje não como um ponto de chegada - ideia que era própria do século passado com sua interpretação do “progresso” - mas como um **ponto de partida**.

E falamos de um ponto de partida porque já existe um novo estado de consciência no homem: o futuro se anuncia a si mesmo no mundo de hoje como um nascimento de consciência.

Enquanto a velha Humanidade continua se debatendo nos problemas do passado, já nasceu um homem novo.

Enquanto os homens velhos se esforçaram para mostrar à nova geração um ponto de chegada, a nova geração constitui, por si mesma, um novo ponto de partida.

NO UMBRAL DA REVELAÇÃO

Estamos em presença de uma nova **qualidade** humana. Este fato não passou inadvertido a muitos pensadores modernos que descreveram alguns caracteres da consciência do homem novo. Porém, em geral, tendem a explicar este salto na antropogênese com esquemas do passado: fala-se de uma nova consciência social, de uma nova consciência psicológica, ou de uma nova consciência política ou religiosa... Em geral, não se vai além de querer explicar isso através de um novo humanismo, ou seja, se quer explicar a nova consciência como o fruto da revolução tecnológica ou da revolução social, sem perceber que o nascimento da consciência nova é, por natureza, não um fenômeno de revolução ou de reação, mas um fenômeno de **revelação**.

EM DIREÇÃO A UMA VISÃO DE PROFUNDIDADE

Dissemos que, para poder interpretar adequadamente o mundo que nasce, necessitaríamos de uma liberdade de movimento em três dimensões: em uma dimensão vertical, que nos dá o sentido do transcendente, uma dimensão horizontal que descobre o sentido do humano, e uma dimensão íntima que revela o sentido da alma individual.

Mas, devemos dar-nos conta da dificuldade para adquirir esta “visão estereoscópica”, quando a consciência habitual do homem está reduzida a uma só dimensão. Existe um achatamento de consciência, um aplanamento da consciência: o que Marcuse chama o “homem unidimensional”.

Este achatamento de consciência impede de **ver**. E o novo fenômeno de **nascimento** de consciência é, antes de mais nada, um fenômeno de **Visão**. É a nova consciência a que faz possível a visão de que falamos, assim como é a luz a que faz possível o olho: a função faz o órgão.

UMA NOVA ANTROPOGÊNESE.

1. A nova qualidade de consciência cósmica

Estamos no umbral de uma nova antropogênese e para interpretar a nova etapa são insuficientes os esquemas da antropologia do passado. Em outras palavras, o modelo do homem terrestre que conhecemos é insuficiente para explicar as novas qualidades do homem cósmico que nasce.

Já não estamos somente ante um homem com uma consciência mais lúcida, mais ampla, **mais** universal... porque estas seriam variações quantitativas, senão que estamos ante uma nova qualidade da consciência, algo assim como se falássemos do descobrimento de um novo elemento ou de uma nova energia da natureza, algo que não foi elaborado pelo homem, mas que está no homem: por isso, falamos de uma qualidade de **consciência cósmica**.

Só uns poucos viram isto com clareza. Para perceber esta nova “radiação de consciência” é preciso subir ao monte: assim como para registrar os raios cósmicos, é preciso sair da atmosfera pesada da Terra. É preciso fazer como os cientistas, que levam seus instrumentos aos cumes mais altos ou aos satélites que estão fora da Terra.

2. O desvelamento da consciência cósmica

Trataremos de ir sintonizando com esta nova consciência e de aproximar-nos pouco a pouco dela, de ir descobrindo-a por trás dos véus com que se oculta e de poder reconhecê-la através de suas diferentes manifestações.

Diz o Evangelho:

“Jesus levou Pedro, Santiago e João, seu irmão, e foi com eles até um monte alto. Lá, transfigurou-se diante deles. Brilhou seu rosto como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz. Apareceram para eles, Moisés e Elias, falando com Ele. Tomando Pedro a palavra, disse a Jesus: Senhor que bem estamos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias. (MT. 17: 1-4) ”.

Existe em tudo isto um profundo simbolismo cósmico: é o mistério da Transfiguração.

Um só aspecto gostaria de examinar por agora: há algo novo que se mostra, uma Presença espiritual que estava coberta e se **descobre**. E, por outro lado, a tendência humana que em Pedro quer associá-la ao passado e cobri-la sob uma tenda: “desvelamento” e “encobrimento” do ser. Transfiguração reveladora e expansiva da consciência no cume e limitação encobridora na base.

3. A dinâmica da consciência cósmica

Como se articula o divino com o humano? Qual é a ponte que vincula a “explosão de consciência cósmica” com a consciência humana? A Visão iluminativa que se produz no cume desce de alguma maneira à Humanidade que ficou embaixo

ou fica reduzida a um grupo de Iniciados? Apenas a Presença do emergente novo cria esta contradição, em todos os níveis. Quando uma “explosão de consciência” brilha no cume, irradia como um sol para todos os lados e afeta **todos** os homens: se nos mais altos cumes do pensamento, se revela como **Visão**, na intimidade da consciência de todos os homens se anuncia como uma corrente de inspiração e de vocação - como um anelo interior que chama a preencher novas aspirações da alma.

Pode haver uma traição no cume, que se produz quando os que viram **se negam a descer**. E pode haver também uma traição nas bases, quando os que sentem o impulso à renovação da vida **se negam a ascender**. Há uma traição dos velhos, quando, frente ao sopro inspirativo da vocação, ficam em um idealismo romântico ou desgastam suas energias na revolução social e nas lutas políticas, negando-se a transformarem-se a si mesmos.

Pergunta

O senhor disse no início que o fenômeno do Futuro não pode ser explicado por um neo-humanismo. E me pareceu que subtraía importância ao avanço tecnológico e à revolução social.

M.S.

O que quero dizer é que na raiz do fenômeno novo há um elemento espiritual que temos que tratar de captar se quisermos compreender o que é em essência o fenômeno do Futuro: em sua raiz há um despertar de consciência. Isso não quer dizer que esse fenômeno de consciência não se traduza em comoções sociais e políticas, novas ideias científicas e novas aplicações tecnológicas... a saída ao espaço e muitas outras coisas mais. Porém, a raiz do fenômeno não pode ser explicada pela psicologia nem pela tecnologia, nem é um fruto da revolução social ou da revolução política. Estamos em presença de algo novo - por natureza - de uma Presença espiritual que se registra na consciência do Ser.

Pergunta

Não entendo bem o que o senhor quer dizer quando fala de consciência unidimensional e de que faz falta chegar a uma “visão estereoscópica”, utilizando seus mesmos termos.

M.S.

O fenômeno de Futuro não se manifesta somente no cosmos, nem se manifesta só como fenômeno social, senão que se manifesta também em minha própria alma: mais ainda, se manifesta simultaneamente nestas três dimensões da realidade, e temos que aprender a sensibilizar uma visão que nos permita ver o fenômeno na totalidade de seu funcionamento e na totalidade das dimensões que lhe são próprias. Porque quando queremos compreendê-lo em uma só dimensão, escapa-nos das mãos.

Se quiser entendê-lo somente em sua dimensão horizontal, como fenômeno histórico, social, político, humano, como um humanismo a mais, não vou entendê-lo. Se quiser entendê-lo somente como um fenômeno espiritual, como um fenômeno de revelação divina, desconectado do contexto da Humanidade em seu conjunto e desconectado de meu próprio ser, tampouco vou entendê-lo. E se quiser explicá-lo tendo só em conta a coordenada interior, quer dizer, se quiser explicá-lo desde o ponto de vista da psicologia individual, vou reduzi-lo a um subjetivismo e a um psicologismo. O fenômeno novo de nascimento de consciência a que estamos nos referindo não é um fenômeno exclusivamente psicológico, nem exclusivamente social nem puramente espiritual, senão que se dá harmônica e coordenadamente nestas três dimensões do divino, do humano e do individual.

Não é fácil esta visão estereoscópica. Geralmente tendemos a parcializar o fenômeno. Nossa consciência não funciona habitualmente nestes três níveis ao mesmo tempo, não é uma consciência “estéreo”, senão que está como esmagada, como lhe houvessem passado uma plaina e a houvessem achatado em uma só

dimensão. A própria estrutura da sociedade tecnológica esmagou a consciência em uma direção única: os movimentos sociais, os movimentos políticos e ainda os movimentos religiosos estão demarcados nesta unidirecionalidade da consciência.

Funcionamos habitualmente em uma consciência de platelminto. Vocês haverão observado que, mesmo nestas conferências, quando queremos perceber a sutileza do fenômeno espiritual e, ao mesmo tempo, sua projeção nos demais campos, o difícil que é manter uma percepção total. Ainda em um grupo como este, que supomos com inquietudes, a visão total do fenômeno nos escapa a cada momento e tendemos constantemente a reduzir a pluridimensionalidade fenomênica a uma só dimensão: e com isso, esmagamos o fenômeno, o desfiguramos, o desvirtuamos.

Alguns me dizem que não dou demasiada importância às perguntas que são feitas e que não trato de aprofundar mais nos temas que estão sendo propostos. Pode ser, porém é que tampouco dou demasiada importância às respostas que eu possa dar. Penso que temos que aprender a sair fora do nível em que habitualmente se formulam as perguntas e se dão as respostas... não sei se sou claro.

Pergunta

Porém, então como vamos ter acesso a essa nova qualidade da consciência humana, por que via vamos poder conhecer e perceber a corrente do futuro?

M.S.

Por via profética. Só uns poucos homens de vanguarda - que poderíamos chamar os “profetas” da Raça - viram com clareza o novo fenômeno de nascimento de consciência. E todos nós temos que tornar-nos receptivos também a essa percepção antecipada do futuro.

Pergunta

Voltando ao exemplo que o senhor deu da transfiguração, quando Jesus se transfigura ante seus discípulos, não entendo o alcance disso que o senhor chama “negar-se a descer”.

M.S.

Vamos ver se consigo ser mais claro. A juventude atual - sobretudo nos Estados Unidos - utiliza uma palavra com a qual costuma sintetizar o que pensa da velha geração: “*betrayal*” (traição). Os jovens entendem por traição o fato de que os ideais que os mais velhos proclamam - seus pais, seus professores - não se transformam em vida. Se o ideal percebido no monte não houvesse descido e não se houvesse transformado em vida, teria havido uma traição.

Existe uma traição dos “velhos”, que a juventude repudia. Porém, nós dizemos que também existe uma traição dos “jovens”. Todos os movimentos novos estão hoje em dia, de alguma maneira, inspirados por uma corrente de ascenso, em busca do desenvolvimento do homem total. Os jovens, sobretudo, percebem esta corrente de inspiração, uma corrente que impulsiona a subir, a alcançar os mais altos cumes da condição humana. Sentir este impulso em direção ao cume e ficar na consciência de massa, na consciência social ou na consciência psicológica, quando não - depois de passado o tempo - preso nas redes da sociedade de consumo, do sexo, do êxito e de outros tantos valores do “*establishment*” que um dia combateu, todo isso é, indubitavelmente, a traição da nova geração: haver “visto” em um certo momento, haver “escutado”, e negar-se a ascender. A “traição” no jovem é transformar o impulso de inspiração da consciência nova em um movimento horizontal de reação - que o leva às vezes a querer mudar tudo, porém negando-se a transformar-se a si mesmo e negando-se à transcendência.

Compreender tudo e negar minha própria vida: isso é traição.

É a dramática existencial dos homens que veem e dos homens que sentem. Estamos de acordo em que existe um drama dos homens que “não veem”, quer dizer, daqueles que se debatem na escuridão da consciência. Porém, naqueles que veem, naqueles que, de alguma maneira, têm consciência dos novos tempos e ocultam as verdades embaixo de uma tenda, e negam sua própria vida: nesses, a visão se desfigura em traição.

Pergunta

O senhor disse que estamos em presença do nascimento de um homem novo. O que é que denota esse nascimento? Em que se manifesta esse nascimento?

M.S.

Quer dizer, você quer um traço objetivo, um traço que o defina exteriormente!

Mesmo interlocutor

Justamente! como podemos dizer que o homem novo está nascendo agora e não foi assim sempre?

M.S.

Trata-se de uma nova **qualidade**, não se esqueça - e desde o momento em que queira objetivá-la, em que queira dar-lhe forma, vai perdê-la. Quando falamos de um novo nascimento, queremos nos referir a algo **germinal**, que está em sua origem, a algo que vemos no momento em que nasce. Quando a Raça for velha, teremos um fóssil, não é? Teremos uma forma bem determinada, com um ângulo de mandíbula de tantos graus, com um ângulo frontal de tantos outros graus e com um cérebro de tal peso. Porém, neste momento estamos querendo captar o homem novo desde dentro, temos que sintonizar-nos por presença. E não poderemos perceber esta presença fora de nós, mas em nós.

Pergunta

Eu não chego a compreender do todo o que quer dizer, porém me parece que começo a intuir alguma coisa...

M.S.

Fique com essa “impressão”, ainda que não chegue a compreendê-la. É muito perigoso querer hoje objetivar o homem novo porque todos os movimentos humanos querem adjudicá-lo de alguma maneira. Se você falar com um comunista, ele vai lhe dizer que o homem novo está nascendo na sociedade comunista; se você falar com membros dos grupos neo-religiosos, vão lhe dizer que nasce em tal grupo ou em tal outro; e se você falar com outros grupos de vanguarda, vão localizá-lo entre os artistas com nova sensibilidade, entre os técnicos dos grandes institutos tecnológicos, entre os cientistas com uma mente capaz de compreender as equações de Einstein ou de Planck, ou entre os astronautas que fizeram a experiência de ausência de gravidade no espaço. Desde o momento em que quisermos definir e objetivar a nova antropologia, já estaremos demarcando o fenômeno humano e reduzindo-o a uma dimensão determinada: é como querer fazer uma radiografia, revelá-la e fixar sua imagem. Neste momento, não podemos fazer isso. Só podemos sintonizar com ele, intuí-lo, amá-lo e querer vivê-lo.

Pergunta

Mas, se se trata de uma qualidade, não podemos dizer alguma coisa sobre essa qualidade nova?

M.S.

Bom, essa qualidade é, precisamente, não querer objetivar! Em princípio, poderia definir isso através de uma qualidade negativa. Não quero objetivar como algo determinado, não quero marcá-lo com tal ou qual signo de identificação, não digo que o homem novo seja fulano ou sicrano, que esteja aqui ou lá, que surja de tal grupo ou de outro. Desde o momento em que não quero objetivá-lo, nessa mesma

característica de não objetivação - que implica em um giro nos movimentos habituais da consciência – aí já está se manifestando uma das qualidades do homem novo... Ficou mais claro?

PRESENÇA ESPIRITUAL

1. A Revelação no cume: Transfiguração cósmica

Na aula passada, apontamos para o descobrimento da **dimensão espiritual** do fenômeno de Futuro.

Dissemos que, se bem seja certo que o futuro “irrompe” em nossas vidas como uma poderosa corrente de mudanças tecnológicas, psicológicas e sociais, essa corrente não poderia ser explicada em sua integralidade como resultado da revolução tecnológica ou da revolução social. Na origem desta mudança acelerada que hoje está se dando no mundo, devemos aprender a ver não somente um fenômeno de revolução ou de reação, mas um fenômeno de **revelação**.

Quando dizemos revelação, queremos significar que não estamos em presença de um neo-humanismo - quer dizer, de uma consciência humana mais ampla, mais lúcida, mais racional, mais universal, menos carregada de preconceitos - e tampouco de uma revelação divina fora do homem e da história, senão que estamos em **Presença** (com maiúscula) de uma nova **consciência espiritual** que se revela no homem e no mundo.

E dissemos que esta nova consciência emerge na Humanidade de hoje em meio a uma consciência unidimensional.

Vocês haverão observado que, quando chegamos a este ponto na aula anterior, passamos bruscamente da linguagem conceitual à linguagem simbólica.

Através do símbolo cósmico da Transfiguração, pudemos ver o Desvelamento da Pessoa espiritual como uma **Presença** que se descobre a si mesma por trás das aparências das formas e se manifesta como uma poderosa “**Corrente de Energia Cósmica**” (brilhou seu rosto como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz).

Em nossos dias, estamos em Presença de um fenômeno de “Explosão de Consciência Cósmica” nos altos cumes - que se manifesta na Humanidade como uma “Corrente de Inspiração” que se plasma em “traços” humanos.

Dissemos que, para penetrar nesta dimensão cósmica e espiritual do fenômeno de Futuro, era necessário remontar-nos às alturas de onde se percebem melhor os fenômenos cósmicos: citamos o exemplo dos cientistas que levam seus instrumentos aos satélites fora da Terra, de onde é possível uma visão mais pura. Também nós devemos aprender a elevar nosso espírito aos altos cumes, para perceber o fenômeno espiritual. Elevar-nos acima da atmosfera pesada de nossa mente, e ali, no alto, descobrir os mistérios eternos da vida, os grandes mistérios que foram revelados pela tradição espiritual da Humanidade e hoje voltam a manifestar-se sob outra forma e em outro tempo.

Este novo “elemento espiritual”, esta nova “qualidade de consciência” é o “germe”, a “enzima”, a “levedura” na massa. Que pode transformar a massa, mas também pode ser devorada e consumida pela massa: materializada, encoberta novamente por aquele que a recebe.

Este “novo elemento” gera hoje no mundo uma poderosa corrente de renovação de vida que se manifesta de uma ou de outra maneira em todos os movimentos humanos. Mas, se não houver **mística**, o impulso para a transformação do homem - que o chama a sair fora do sistema - se converte em uma força posta a serviço do homem velho, dentro do próprio sistema. Que bem estamos aqui! Quer dizer, se recebe a “Inspiração”. Mas, se não houver mística, a corrente de inspiração do espírito se transforma em uma corrente de traição ao espírito.

2. A Revelação na base: Transfiguração humana

A corrente de Inspiração, gerada na cúspide, se plasma nas bases em novos “traços” humanos que temos que aprender a descobrir por trás das aparências das formas. Quando falávamos do nascimento de um novo homem, alguém perguntava:

“E como se reconhece esse homem novo?” Reconhece-se precisamente através destes “traços” sutis que se **imprimem** em sua estrutura, traços ainda de caráter germinal que, inclusive, podem coexistir com os caracteres do homem velho, mas que, por sua qualidade diferente, são o **signo** da nova geração.

Pergunta

O senhor disse, se eu entendi bem, que é preciso canalizar as aspirações espirituais do homem através de uma mística, pois senão se perdem. O que se entende com palavra mística me escapa completamente.

M.S.

Quando se pronuncia a palavra mística, aparece uma série de associações, com respeito aos significados que esta palavra foi tomando através do tempo, sobretudo em relação às crenças acerca da existência de Deus. Quando nós falamos aqui de mística, estamos nos referindo a uma **função**, a uma função do ser humano - indispensável para a vida - que é a capacidade de harmonizar a consciência individual com a consciência cósmica. É uma função necessária à vida do **ser**, da que carecemos - tão necessária como a Vitamina C ou os hormônios. A falta de certos elementos orgânicos produz enfermidades por carência ou enfermidades do metabolismo: a ausência de uma pequena partícula de um elemento indispensável para a vida pode produzir uma catástrofe orgânica. Não nos demos conta de que também há elementos sutis, substanciais, que fazem a vida do ser, que são como um “fermento” indispensável para a **transformação** da vida do ser humano. A mística é a função que faz possível transformar a vida material do homem em vida espiritual: é o “fermento” que impede a cristalização da vida em um modelo material.

Pergunta

Para isso, faz falta acreditar em Deus?

M.S.

Penso que é algo mais que uma crença. Posso acreditar na Vitamina C e morrer de escorbuto. O importante é a **Presença** da “partícula” espiritual viva em meu próprio ser.

Pergunta

Mas, por que o senhor diz que é uma função indispensável para a vida, acaso não se pode viver sem mística?

M.S.

Sim, porém é uma vida destinada ao envelhecimento e à morte... A Biologia moderna nos diz que o envelhecimento das células do organismo se produz pela acumulação progressiva de “erros metabólicos” e que a morte celular se origina pelo esgotamento de uma reserva enzimática não renovável: ao esgotarem-se os fermentos, sobrevém a morte. O que acontece no ser humano se se acumulam seus “erros” e não há “enzima” capaz de transformá-los?

Pergunta

Voltando ao exemplo da Transfiguração no monte, o senhor fala de uma espiritualidade cósmica. Eu entendo de alguma maneira uma espiritualidade humana, porém não entendo uma espiritualidade cósmica.

M.S.

Tem que dar-se conta de que estamos em uma era cósmica. Foram descobertas novas leis cósmicas, foi aberto o caminho do espaço cósmico. Quem inspirou tudo isso? Quando hoje falamos de abertura cósmica, o único que vemos é o aspecto mais material, mais objetivo, mais técnico - talvez o mais acessível, em nossa forma de ver as coisas – porém, antes de tudo isto, antes da abertura da matéria (fissão atômica) e antes da abertura ao espaço, produziu-se uma “abertura de consciência” que fez possível a **Visão** cósmica. Na origem do fenômeno cósmico, ao qual estamos

assistindo, há uma visão iluminativa, quer dizer, há um nascimento da consciência cósmica na consciência humana: uma Inspiração desse nível de consciência, se vocês quiserem. E os sábios e os profetas de nosso tempo deram testemunho de que é assim. Porém, o importante é que todos nós nos tornemos receptivos a estas coisas.

Pergunta

De qualquer forma, se essa corrente de inspiração cósmica existe, eu penso que só pode ser captada em um certo nível da mente humana. Mas, o que acontece com esses extratos da Humanidade que estão abaixo de um certo nível de inteligência, com todos os seres humanos subdesenvolvidos e submersos?

M.S.

Você não acredita que quando sai o sol, sai para todos? Não acredita que os raios cósmicos precedentes do espaço penetram por toda parte, chegam até o próprio fundo dos mares e ainda atravessam espessas camadas de chumbo? Pelo menos isso é o que dizem os cientistas. Penso que a corrente de Inspiração espiritual é uma corrente de Vida que é captada por todo mundo.

Pergunta (mesmo interlocutor)

Mas, o senhor acredita que o que acaba de expressar vai ser entendido por um indivíduo que não esteja preparado mentalmente para compreendê-lo?

M.S.

É que tampouco se trata de entender, nem de divulgar ideias e sim, de participar na transmissão dessa corrente inspirativa à Humanidade.

Pergunta (mesmo interlocutor)

É interessante que em todos os exemplos que o senhor deu, aponta para uma ética, para uma espiritualidade que desce aos demais, a uma participação de bondade.

Agora eu me pergunto: a bondade se adquire ou já se nasce com bondade? Há anos, por motivo de um problema ético, fiz um trabalho sobre a bondade: parecia que as pessoas eram más, agressivas, egoístas, dilacerantes! O conceito que o senhor acaba de verter, eu pude captá-lo perfeitamente bem, porém quero saber se alguém é capaz de transmitir bondade a pessoas que não forem boas: essa é minha inquietude, com respeito à comunicação entre as almas.

M.S.

Agora vejo mais claramente sua pergunta. Vou ver se consigo responder a ela.

Não nos limitemos à bondade, tomemos o problema da transmissão dos valores da pessoa. A pergunta seria, então: como se transmitem os valores de uma pessoa, a outra que não os tem? Transmitem-se por simples Presença.

Vejamos se posso explicar melhor. O pai transmite seus valores ao filho por Presença, e o mesmo o faz o professor ou o amante: sempre que tal valor exista. Se a própria pessoa for um valor, esse valor se transmitirá por simples presença, não é preciso predicá-lo nem “entendê-lo”: a radiação desse valor que “é” penetra em todos os níveis. A transmissão dos “traços” humanos por **presença** constitui o fundamento da nova educação. E esses traços podem ser captados - não digo simplesmente “compreendidos” - por todo mundo. Até um animal recebe o traço presencial de uma pessoa boa. Uma criança rebelde recebe o reflexo amoroso de um professor amante. O que é que fica em nós de nossos pais, uma vez que se tenham ido? Acaso só sua lembrança? Fica em nossa alma a **impressão** de seus traços de presença. O que nos disseram pode apagar-se com o tempo, o que fizeram pode ser julgado como bom ou como mau, e sua própria imagem pode diluir-se pouco a pouco, porém a presença de seu **ser** em nossa alma é uma pegada inapagável: estas “pegadas” de um ser humano em outro ser constituem o código invisível de uma linguagem universal entre as almas.

O valor de uma pessoa é o que é, simplesmente. E, voltando à pergunta sobre a bondade, se alguém for bom, vai transmitir bondade só por sua presença: não é questão de pregar a bondade, mas de **ser** a bondade.

A transmissão da mensagem espiritual em nosso tempo não é uma questão de pregação e sim, de Ser. Por isso, escolhemos o símbolo cósmico da Transfiguração, porque a Transfiguração não é uma pregação no monte, mas a Presença da pessoa espiritual, a Presença do Ser espiritual.

Pergunta

O senhor falou da transmissão desses traços humanos de pais a filhos ou de mestres a discípulos. Quer dizer com isso que existe algum tipo de herança espiritual, diferente da herança biológica?

M.S.

Toda pessoa que é **imprime** seu traço humano naqueles que o rodeiam. Sua presença não só é inspiradora, mas **plasmadora**, quer dizer, sua imagem espiritual se plasma, fica impressa nas almas: esta é a herança mais nobre, aquela que devolverá a professores e pais sua função especificamente humana, na transmissão daqueles traços do ser humano que são indispensáveis ao desenvolvimento **total** do homem.

Aqui devemos começar a ver o fundamento essencial da educação do futuro - que não está na tecnologia, nem na mudança de planos ou sistemas educativos - que está na **presença** viva do professor. E o mesmo acontece com os pais. Apague-se em você algum traço humano de seu pai ou de sua mãe, algum desses traços que são indispensáveis para o desenvolvimento de sua vida como ser humano, e vai ver se toda a geração dessa família não sofrerá de carência. E muitos outros dos quais sofremos são por não havermos recebido de nossos pais, de nossos professores, de nossas esposas ou esposos aquele “traço” sutil que haveria equilibrado nossas vidas. Trata-se de uma verdadeira carência genética, no espiritual.

VI

O SENTIDO DO TRANSCENDENTE

Quando em aulas passadas quisemos aproximar-nos do mistério do espiritual, tivemos que fazer um esforço de “ascensão” e penetrar na alta atmosfera da mente; ali descobrimos os grandes arquétipos cósmicos e, por trás dos véus do símbolo, pudemos intuir a Presença inefável e misteriosa do divino, manifestando-se no mundo dos homens.

Quando nos elevamos acima de nossa pequenez humana, quando subimos ao monte de nossas aspirações mais íntimas, nos encontramos ante o umbral do transcendente. Ali, no cume dos anelos de nossa alma, aspiramos por uma Verdade que brilhe para todos, por um Caminho que se abra para todos, e por uma Vida resplandecente, luminosa e expansiva que possa, como o sol, dar vida e valor para todos. Não é isso o que queremos?

Todos sentimos de alguma maneira essa necessidade do Transcendente, do divino, do eterno, do que está além desta vida pequena que temos e que sabemos positivamente que está destinada à morte... Queremos uma vida que não fique reduzida ao pó da terra, não é verdade?... a uma vida que possa transfigurar-se no mistério do infinito.

Mas, se bem tenhamos essencialmente uma vocação cósmica e um sentido do transcendente, concretamente temos uma “psicologia de tendas”, ou seja, a psicologia do velho homem terrestre que não quer transfigurar-se, senão que quer perdurar e tende constantemente a reduzir o divino a uma medida humana.

Apesar das declarações que se repetem por toda parte, de universalidade, de liberdade, de expansão de consciência, a verdade é que a maioria de nós está muito longe de tudo isso. E cada grupo humano “faz sua tenda” e quer permanecer embaixo dela, com sua verdade reduzida e dentro de seu caminho limitado e estreito. Todos

falamos de uma consciência universal e de uma consciência cósmica, porém todos temos tendência a ficar embaixo da “tenda” que construímos.

Esta contradição existencial entre dois níveis de consciência é um dos signos do tempo que nasce. Existem sintomas que nos falam de forma muito eloquente deste contraste.

Há poucos dias (da data desta conferência), morreram de forma trágica os três cosmonautas da Missão Soyuz 11: suas vidas, como a de todos os homens que estão comprometidos na aventura cósmica, foram oferecidas de antemão. porém qual a repercussão que isso teve em nossa consciência?

Não há ponte entre nossa consciência habitual e a consciência desses homens... o que esses homens viram e sentiram só podem ser dado aos demais por via de testemunho, por via de antecipação: de certa forma, por via **profética**... Como os sábios e os místicos, também eles têm, de alguma maneira, o signo da profecia. São os que trazem a notícia do novo, não do que vai vir, mas do que eles mesmos estão vivendo antecipadamente em relação aos homens de seu tempo. Porém, sua linguagem não é compreendida pela multidão. Não são heróis populares. São vozes que clamam no deserto. Alguns deles não queriam voltar do espaço e a maioria vive em comunidade de almas similares: mas são testemunhas do futuro.

O homem espiritual, que se elevou acima do nível de consciência de seus contemporâneos - e que viu e sentiu antecipadamente a Presença em sua alma, de uma corrente nova de transformação de vida - é também testemunha, portavoz e profeta de um tempo que virá. Exposto, portanto, à incompreensão dos demais. Também é uma Voz que clama no deserto, porque a maioria de seus contemporâneos está em outra coisa, tem outra psicologia, uma “psicologia de tendas”, uma psicologia de “encobrimento do ser”... Uma psicologia de “*Love Story*”, que cobre docemente a alma com o manto rosado de um romantismo passado...

E a Humanidade se debate entre estes dois polos. O que é que acontece, então? Qual é o signo do futuro, no mundo de hoje? Precisamente este contraste entre dois estados de consciência. Entre uma **Consciência Cósmica**, que é a aspiração da Humanidade ao transcendente, o ilimitado, o universal - por um sol que brilhe para todos e a uma luz que irradie para além dos confins do universo - e uma **consciência psicológica**, uma “psicologia de tendas”, que reduz a Verdade, a **minha** verdade - o Caminho, a **meu** caminho. E a vida universal, a vida cósmica, a Vida (com maiúscula) - que está além do que chamamos vida e morte - a uma vida, *com minúscula*, que quer fixar-se em um modelo terrestre, condenado à destruição e à morte.

Entre os seres humanos, essa contradição se manifesta entre aqueles que têm “visão” de futuro, entre aqueles que têm “vocação” de futuro - e hoje em dia ter vocação de futuro é responder a esse chamado com a própria vida... e a grande massa anônima e asséptica, de todos aqueles que estão embaixo da tenda que construíram, responde: “Depois de tudo, que bem estamos aqui!”

Em cada um de nós existe esta contradição. É nossa grandeza e nossa miséria, porque ainda tendo uma visão de futuro operamos habitualmente com uma consciência comprometida com o passado.

No passado, o sentido do espiritual podia reduzir-se a uma crença, a uma visão contemporânea ou a uma experiência liberadora - quer dizer, a algo transcendente que estava “além” da vida - porém, no homem de nosso tempo o sentido do espiritual nasce como uma necessidade de algo transcendente, ligado à própria vida: como uma “partícula divina”, **unida** à vida humana. Ou seja, como um elemento “transcendente” indispensável para que o homem se desenvolva plenamente como ser humano.

Pergunta

Porém, esse sentido do transcendente a que o senhor se refere, em lugar de haver favorecido o desenvolvimento humano, não levou ao homem a desentender-se de seus problemas aqui na Terra, para fixar sua meta em um mundo sobrenatural?

M.S.

Quando o separou da vida, sim. Mas, aqui estamos falando de um sentido do divino, **unido** à vida humana.

Pergunta (mesmo interlocutor)

De qualquer forma, eu não entendo muito bem por que é necessário invocar o divino em função do desenvolvimento humano. Acaso o esforço do homem corretamente orientado, o melhoramento das condições sociais e o crescimento do sentido de solidariedade entre os povos não seriam suficientes para tirar a Humanidade do estado em que se encontra?

M.S.

Sim, certamente, porém todas essas condições humanas que você menciona só são possíveis em um novo estado de consciência!

Pergunta (mesmo interlocutor)

E o desenvolvimento desse novo estado de consciência do homem não pode dar-se em uma sociedade que lhe ofereça os meios adequados para desenvolver suas possibilidades, sem necessidade de ter que recorrer a essa “partícula divina” à qual o senhor fez referência?

M.S.

Sim, o homem necessita de um meio social adequado para desenvolver suas possibilidades como homem. Porém, ao mesmo tempo, necessita descobrir o sentido transcendente de sua existência. Este sentido do transcendente não deve ser identificado com a crença religiosa. Antes, seria como a presença de um “traço espiritual” no homem. Quando falo de “partícula” divina no homem é porque quero destacar que não se trata de um traço puramente ideal, senão que é algo “substancial”, ligado à **vida** do ser humano.

A “ausência” desta partícula produz uma especial enfermidade de **carência** no ser humano, enfermidade que começa a ser reconhecida na Humanidade de hoje por certos sintomas alarmantes: perda da unidade do ser, cegueira em relação aos valores e perda do sentido de orientação vital. A vida mecânica do homem, desunida da “partícula ordenadora”, produz essa curiosa enfermidade do homem moderno, uma enfermidade parecida à que se produz nas pombas com carência de Vitamina B1: “perdem o sentido de orientação”.

VII

A TRANSFIGURAÇÃO DO SER HUMANO

Hoje, gostaria de conversar com vocês acerca do fenômeno da transfiguração, no homem de nosso tempo. Ou seja, a revelação da alma no ser humano. Quer dizer, como se revela a alma em cada um de nós.

Vocês recordarão que em aulas passadas falamos do fenômeno da Transfiguração no cume e nos encontrávamos ante o desvelamento da pessoa espiritual. Dizíamos também que essa transfiguração implica o reconhecimento da identidade espiritual porque a pessoa se revela a si mesma tal como é: o mestre se apresenta aos discípulos na plenitude de seu ser, ou seja, é a plenitude de sua Presença como ser espiritual.

Apesar das condições excepcionais em que se revela este fenômeno de Transfiguração no cume, não devemos pensar que o fenômeno em si mesmo seja excepcional. Quero dizer que não se trata de um fenômeno excepcional e único, que haja ocorrido uma só vez há 2000 anos, no cume de um monte solitário, ante os olhos assombrados de só três pessoas - e que depois não se haja repetido nunca mais. Devemos aprender a ver a transfiguração como fenômeno cósmico que pode dar-se em diferentes níveis de consciência: que pode dar-se no cume e pode dar-se também nas bases. Quer dizer, temos que aprender a reconhecer este desvelamento do ser espiritual já não como milagre, como um fato “fora da lei”, mas como um fenômeno regido por uma **lei** cósmica que desconhecemos.

Desde a primeira aula, dissemos que estávamos ante o umbral da revelação do ser no homem. E que o que chamávamos “Fenômeno de Futuro” se manifesta no homem de nosso tempo como um desvelamento do ser. O homem contemporâneo, em sua faceta mais íntima, anela revelar sua própria alma, desvelar seu próprio ser, descobrir sua verdadeira **identidade**. Quer dizer, revelar-se a si mesmo por trás dos véus encobridores da consciência habitual.

A REVELAÇÃO DA ALMA

Por trás de nossa figura pessoal, por trás dos nomes impostos pela sociedade, por trás de nossa história biográfica, e para além da herança da Raça e do pano de fundo de experiências acumuladas no inconsciente coletivo, cada um de nós sente a necessidade de **revelar** sua própria alma e descobrir seu próprio **nome**.

Devemos aprender a descobrir a Revelação como fenômeno cósmico que expõe aquilo que está oculto.

A vida universal se manifesta constantemente através de um movimento de ocultamento e desocultamento do ser, através das formas.

A Revelação não é uma teoria, não é uma doutrina depositada nos livros sagrados como letra morta, não é um conhecimento dado por Deus a alguém em particular, a uns poucos ou a algum povo em especial... quer dizer, a revelação não é um bem do qual alguém possa sentir-se proprietário ou algo que se possa pôr embaixo da lona de uma tenda: é como a luz do sol que é uma energia cósmica que irradia para todos.

A Revelação é uma ponte de união entre o humano e o divino: é uma função humano-divina, necessária ao desenvolvimento do ser humano, porém que pode “ser encoberta” por trás dos véus da consciência habitual.

Não é - como acreditam alguns - um “alimento espiritual” que se dá somente em condições excepcionais, uma crença consoladora para pessoas que não têm nada que fazer ou um refinamento cultural que, como luxo biológico, só pode dar-se nos povos ricos e bem alimentados para cobrir seu tempo livre... A Revelação é uma **função indispensável para a vida do ser**, tão indispensável como as vitaminas, os hormônios ou os fermentos biológicos. Porém, é uma função da qual hoje padecemos de carência. Quer dizer que, hoje em dia, falar de Revelação é como falar de um elemento cósmico que a Humanidade necessita para viver e do qual se “carece”.

Além disso, quando falamos de Revelação, temos em seguida que localizar-nos no tempo. Devemos dar-nos conta de que a Revelação tem, em cada época da História, uma característica e um signo que lhe são próprios. Em cada época, o divino se manifestou de uma certa maneira no mundo dos homens, e podemos dizer também que, em cada época, a Humanidade teve uma diferente sensibilidade para perceber o divino.

Não estamos hoje em dia em uma época de questionamentos metafísicos ou teológicos acerca do divino nem de busca de experiências sobrenaturais. Estamos ante o umbral da **revelação da alma**, ante o umbral da **transfiguração do homem**: esta é a característica do espiritual no mundo moderno.

Os discípulos de Cristo viram no monte, por trás da figura humana, a Presença da pessoa espiritual. Porém, qualquer de nós pode ter - em uma certa medida - a revelação do espiritual no homem. Um bom dia, por trás da figura de “Alguém” que nos acompanha na vida, que nos ensina, nos compreende e nos ama, descobrimos a figura do mestre, do sacerdote, do sábio...

Felizes daqueles que em alguma época de suas vidas se “encontraram” com alguma destas grandes almas. Porém, não é necessário tampouco uma grande alma para aproximar-nos do descobrimento do ser espiritual. Talvez um bom dia, depois de haver convivido muitos anos com uma pessoa, descobrimos por trás da figura de mulher, a esposa. Ou por trás da figura do homem, o esposo. E o jovem descobre um bom dia, por trás da presença física da menina a quem ama, a figura da **namorada**. E talvez, um bom dia descobrimos por trás do companheiro de colégio, do companheiro de internato, do companheiro de aventuras, do companheiro de caminho, a figura do **amigo**.

Estas figuras que nomeamos: “o professor”, “a esposa” ou “o esposo”, a “namorada”, o “amigo”, não são figuras puramente românticas - de um romantismo ultrapassado que eu viesse a exaltar aqui - são figuras **místicas** que simbolizam a

pessoa transcendente, porém cujo rosto foi “velado” por toda uma civilização que conquistou o mundo e perdeu a alma.

Nossos olhos foram “cobertos” por uma consciência materializada que não nos permite reconhecer facilmente tais figuras. Mas, aqueles que têm olhos para ver sabem que essas coisas existem e que a silhueta da alma se delineia delicadamente por trás do “objeto” pessoal. É o “desvelamento” da alma, é o “des-cobrimento” da alma que se transparenta por trás das formas físicas, é a **transfiguração** do ser humano. É o reconhecimento trans-objetivo do homem. É o descobrimento do ser humano naquilo que tem de mais essencial.

Quando se perde este “sentido” espiritual de reconhecimento - que todo ser humano deveria ter - quando se perde o sentido da revelação do ser, já ninguém descobre ninguém. Qualquer pessoa é qualquer coisa, já ninguém se reconhece como alma: se reconhecem como fachadas, como figuras, como número, como conjunto de dados, porém falta o descobrimento desse traço transcendente que faz de uma pessoa, precisamente o que ela é: falta o descobrimento da figura mística do ser humano, a revelação da alma.

Feliz daquele que descobre a alma! Feliz daquele que ama! Feliz daquele que descobre por trás da figura de “sua mulher” - como dizem alguns - a figura da “esposa”... há uma diferença essencial entre “a mulher” e “a esposa”. Da mesma forma que a “namorada”: não é uma figura costumeira, burguesa, artificial, é uma figura real, está imantada por um significado transcendente e cósmico, tem um particular encanto, uma particular beleza, um particular atrativo espiritual, tem uma força particular de união. Todas estas figuras místicas que mencionamos têm uma especial força de união. Quando alguém encontra um mestre, está unido para sempre com ele. e quando por trás da mulher se percebe a figura da esposa, essa figura pessoal é permanente, não se dilui nunca. E o mesmo acontece quando se encontra o amigo... A amizade! Um traço espiritual tão extraordinário do ser humano, tão belo e, no entanto, tão frágil e às vezes tão evanescente, como o perfume de uma flor.

Todas estas figuras místicas são frágeis, escapam facilmente das mãos: têm uma especial força de união, como dizíamos há um momento. Porém, ao mesmo tempo, podemos perdê-las com facilidade. A figura do esposo ou da esposa, um bom dia se dilui, um bom dia não se vê mais, só fica a fachada material do que foi e não se vê mais que a casca vazia de uma Humanidade que se desencontra. Porque o espiritual é isso, é um traço sutil, uma faceta misteriosa do ser, uma “partícula” maravilhosa que brilha um instante como a luz - e se não se pode conservar ou custodiar, se queima, se consome facilmente, escapa e se perde.

Isto é o que queríamos dizer, em poucas palavras, a respeito da transfiguração do homem como fenômeno cósmico, ou seja, a revelação do traço espiritual no homem, a visão do traço divino que coexiste com o humano: e essa é a característica da espiritualidade de nosso tempo. Não temos que ver estas coisas sob o signo do extraordinário, do sobrenatural, do maravilhoso ou do perfeito. Não se trata de querer encontrar o modelo da esposa perfeita - “A perfeita casada”, de Frei Luíz de León - ou o homem perfeito, cuja imagem ainda está imantando os modelos de santidade, ou o mestre perfeito ou o amigo perfeito... Não se trata dessas coisas, trata-se de descobrir o “traço” divino que coexiste com a realidade humana: nesse nível se revela hoje em dia a dimensão espiritual do homem, em um nível de harmonia de valores humanos e divinos. Ramakrishna descobre esse traço em uma prostituta que passa a seu lado e cai em êxtase.

O que é a alma então? É o “traço divino no homem”. É o traço espiritual encoberto por trás da consciência psicológica, mas que pode brilhar como a luz. Talvez não brilhe como um sol, porém é suficiente que brilhe como uma pequena chispa... o que importa é sua **presença**. Este traço presencial é o que dá dignidade ao homem e o que caracteriza o ser humano como tal. quando nos encontramos com uma pessoa em quem se manifesta este traço, bem podemos dizer como os discípulos do mestre no monte: “Senhor - ou Senhora - que bem estamos aqui!”. O ser se sente bem à simples presença de uma pessoa com um traço espiritual, não é assim? À

presença de um homem bom, de uma esposa amante, de um mestre, de um amigo. O traço espiritual tem valor por si mesmo, só sua presença já “irradia” e a pessoa que o possui vale pelo que é, não pelo que faz ou pelo que diz, ou se se equivocou alguma vez ou se tem tais ou quais imperfeições...

Porém, na Humanidade de nosso tempo estamos assistindo a um fenômeno contrário, em oposição a tudo isto que acabamos de dizer: já não o “anti-homem” ou o “anticristo”, mas a **carência** do traço espiritual. A **ausência** deste traço, a **carência** desta “partícula” começa a manifestar-se na Humanidade de nossos dias como a enfermidade moderna mais mortífera e destruidora que tenhamos conhecido. Esta enfermidade por **carência** do espiritual já está se manifestando por uma série de desordens muito importantes. Porém, fundamentalmente, através de dois sintomas chave que são: a “desumanização” e uma descendência de homens que começa a mostrar o “signo da sombra”. Neste tremendo contraste de luzes e sombras, de nascimento e encobrimento de consciência, está se delineando a silhueta do homem do futuro.

Voltemos ao fenômeno da transfiguração. Vimos isso em sua dimensão vertical, em sua dimensão transcendente - no “cume do monte” - o vimos em sua dimensão horizontal - no descobrimento da alma nos seres que nos rodeiam. Mas, indiscutivelmente, para poder descobrir a presença da alma na Humanidade, necessitamos reconhecer-nos a nós mesmos como almas, necessitamos **revelar** nossa própria alma. Ou seja, em outras palavras, hoje em dia, todas essas coisas tão extraordinárias, tão maravilhosas de que falamos, requerem o descobrimento da própria alma para tornarem-se visíveis. Falar de Deus, do Absoluto, do divino, falar da revelação no cume do monte ou falar de descobrir a silhueta da alma nos seres que nos rodeiam, tudo isto não tem nenhum sentido se eu não começo por adentrar o mistério de minha própria alma e se não começo por reconhecer meu próprio ser espiritual.

Quando dizíamos que a Humanidade se encontra hoje ante o umbral da revelação da alma, queríamos significar que todos estamos, de alguma maneira, e como problema existencial específico do homem contemporâneo, ante o umbral da revelação de nossa própria alma, da transfiguração de nossa própria pessoa e o desvelamento de nosso próprio ser.

Pergunta

Eu posso dizer que me sinto bem aqui!...

Pergunta

Essa revelação da alma, implicitamente significa um contato com o cósmico?

M.S.

Implica um contato com o transcendente, que torna possível a expansão da consciência.

Pergunta

Na vez passada, o senhor falou dos astronautas e disse, se mal me lembro, que eles “abriam” um caminho em direção à consciência cósmica. E creio que alguns dos presentes disse que a conquista do espaço não ia dar ao homem o acesso a sua vida interior. Penso, no entanto, que essa experiência que eles fizeram deverá ter algum significado desde o ponto de vista da consciência. O que o senhor diz a respeito?

M.S.

Eu penso que sim. A experiência que esses seres humanos fazem é extraordinária, começando pela oferta de sua própria vida. Eles descobrem um aspecto, uma faceta, dentro da pluridimensionalidade do fenômeno de futuro. O fenômeno de futuro em uma dimensão individual e social, espiritual e tecnológica, exterior e interior. A presença do homem no espaço já tem um valor espiritual. A experiência de ausência de gravidade não só tem consequências fisiológicas, mas

também mentais e de consciência. A “ausência de gravidade” já constitui uma nova dimensão que o homem do futuro terá que conquistar e não só a nível do espaço exterior, mas como novo espaço existencial.

Pergunta

Ao falar da revelação da alma, o senhor deu como exemplos a revelação em homens: através da esposa, do mestre, do amigo... Minha pergunta é a seguinte: para ter consciência da alma, é necessário refleti-la sobre algo ou sobre alguém? A consciência espiritual de si mesmo só existiria praticamente em função dessa espécie de reflexo?

M.S.

Já dissemos, desde a primeira aula, que a revelação da alma não se dá como fenómeno solitário, subjetivista, autoanalítico, senão que se dá em uma “reunião de almas”. Talvez não seja tão fácil compreender isto porque a reunião de almas é uma “figura mística” que se revela no caminho de busca de si mesmo.

Pergunta

Porém, se um homem está sozinho, sem nenhuma ponte com outra alma, não pode descobrir sua própria alma como um chamado que sente interiormente?

M.S.

O chamado pode dar-se na solidão da alma, porém se confirma no encontro com outra alma: Dante recebe um chamado no meio de sua solidão, porém depois encontra Virgílio. No íntimo do ser, em sua solidão essencial, a revelação da alma se dá como fenómeno transcendente ou intraduzível, porém o encontro consigo mesmo na solidão essencial se confirma em uma comunidade existencial.

Pergunta

O não encontrar-se na comunidade de almas, é o que dá origem à frustração existencial?

M.S.

Claro! Você pode sentir o chamado a **ser**, porém, talvez esse chamado fique como uma pegada perdida em sua alma. Essencialmente, o fenômeno se produziu, porém não foi consumado, não foi **humanizado** em uma comunidade existencial.

Pergunta

Assistimos na atualidade a um fenômeno de carência do espiritual tal como o senhor diz?

M.S.

Acredito que sim, e penso que essa carência gera uma enfermidade específica.

Pergunta

Desculpe, mas é uma carência ou é que se deixa de lado o espiritual?

M.S.

Bom, o senhor diz “deixar de lado”... Se uma enzima ou um fermento biológico estiver inibido, vai ser deixado de lado pelo organismo, é como se não existisse não é assim? Não funciona frente à vida.

VIII

UMA NOVA DIMENSÃO DO PENSAMENTO

Dizíamos nas aulas passadas que a Humanidade de nosso tempo se encontra ante o umbral da revelação da alma, ante o umbral do descobrimento do ser individual, velado por uma consciência encobridora, por uma falsa consciência de si mesmo.

Porém, para compreender esta revelação do ser em toda sua plenitude, não é suficiente mostrá-la em sua glória através do símbolo cósmico da transfiguração do Cristo, nem é suficiente mostrá-la no ideal de uma Humanidade transfigurada - como fizemos, desvelando as figuras do “mestre”, da “esposa”, da “namorada”, do “amigo” - porque tais **ideais** são insuficientes para dar ao homem a experiência viva e pessoal do descobrimento de sua própria alma.

E por isso, depois de haver desdobrado as velas de nosso navio frente ao sopro da inspiração, em busca das rotas do Oceano Cósmico ou dos caminhos da Humanidade, nós as recolhemos ao final da última aula para adentrar-nos no mistério de nossa pequena ou insignificante personalidade... já não um ponto de chegada em um Sol que resplandece no cume de um monte, já não uma meta ideal em uma Humanidade transfigurada, mas um ponto de partida mais modesto, mais humilde, em nossa pessoa concreta. O ser humano que cada um de nós é e que quer revelar-se a si mesmo através de um **contato vivo** com essa realidade transcendente que acaricia em sus momentos de inspiração, porém que lhe escapa frequentemente das mãos, como um ideal alado e evanescente. Já não a pergunta teológica ou metafísica “Quem é Deus?”, ou a pergunta sociológica “O que é a Humanidade?”, ou a pergunta psicológica “O que é a alma ou o que é o espírito?”, mas a pergunta existencial: “**Quem sou eu mesmo?**”

E aqui havíamos chegado, ao umbral da revelação de meu próprio ser, ao descobrimento de minha própria alma, ao desvelamento de quem realmente sou e não ao que creio ser.

Porém, antes de seguir adiante com esta ideia da revelação da alma, voltemos o olhar sobre nós mesmos e observemos o que está acontecendo com o **Método** que está aparecendo nestas conversas: antes de continuar com a mensagem, voltemo-nos sobre o método.

1. Para além da fixação do pensamento

Já na primeira aula, demos algumas ideias acerca da metodologia que iríamos seguir. Porém, naquele momento não podiam ser compreendidos completamente. Hoje, a esta altura do curso, aqueles que tiverem participado com regularidade e ativamente no trabalho que se desenvolveu nestas reuniões haverão experimentado por si mesmos esta metodologia.

Em primeiro lugar, terão se dado conta de que não **fixamos o pensamento** em uma ideia, um conceito, um símbolo, para - uma vez fixado - ir desenvolvendo-o progressivamente em todas as suas consequências, como é, geralmente, o modo habitual de desenvolver as ideias, não é assim? Creio que terão se dado conta de que seguimos um método diferente. Vamos ver se podemos ver isto mais claramente.

Quando surge uma ideia, geralmente tentamos capturá-la, como quem captura uma borboleta, prende-a no tabuleiro de sua própria mente e quer analisá-la, examiná-la em suas partes, não é assim?

Quando surgiu a ideia de “reunião de almas”, em seguida alguém a captou e começou a perguntar como se podia fazer para estabelecer melhor comunicação entre as pessoas. Quando surgiu a ideia da dimensão divina, do sentido do transcendente, uma jovem disse que não acreditava em um Deus fora do homem e sim, em um Deus no homem. E, quando surgiu a ideia de “Consciência Cósmica”,

alguém disse que não entendia o que queria significar com isso porque ele não via expressões dessa consciência na Humanidade.

Isto não é uma crítica às perguntas que surgiram, senão que dou estes exemplos para que se veja mais claramente o modo de operar habitual de nosso pensamento, que tende a objetivar, a fixar as ideias... e vocês terão observado que eu me nego a fixar tais ideias, me nego a sistematizar o pensamento, deixando sempre o campo aberto à recepção de novas ideias. Fixar uma ideia é como fechar as portas da percepção.

Quer dizer, me nego a fixar o pensamento em uma só direção... e o pensamento habitual de todos nós está lançado em uma só direção, é um pensamento em linha reta... Me nego a fixar o pensamento em uma só coordenada, em um só ponto, em um só signo, em um só sinal. Por isso, o pensamento tem, nestas conversas, um caráter assistemático.

Quando surgiu a ideia da “transfiguração”, por trás do símbolo do Cristo cósmico, mais de um haverá pensado que eu desenvolveria essa ideia dentro do contexto de alguma doutrina religiosa em particular e continuaria desenvolvendo a ideia da transcendência. Em troca, deixando a dimensão vertical, quisemos ver o mesmo fenômeno na dimensão horizontal da Humanidade. Mas, por sua vez, se houvéssemos continuado nesta linha, haveríamos desembocado em um humanismo idealista... Por isso, fazendo um novo giro, penetramos na dimensão íntima em busca de nosso próprio ser, de nossa própria alma.

O pensamento tende, assim, a não seguir uma linha reta, mas um movimento de “rotação”, de expansão e desdobramento sobre si mesmo. Quer dizer, tende a um pulso, a um pulsar do pensar, a um **pensamento vivo**: não um pensamento fixado em modelos conceituais - borboletas fixas no tabuleiro do naturalista – e sim, um pensamento unido ao fluir da vida.

2. Em busca de uma nova imagem do mundo

Com isto voltamos um pouco aos signos de orientação a que fizemos referência em alguma aula anterior. Lembrem-se de que dissemos que a Humanidade havia perdido a imagem do mundo, e que a era técnica nos dava um mundo de instrumentos e coisas úteis, porém sem significado cósmico, sem referência a um mundo de significados universais.

Porém, a alma perdida no mundo das engrenagens - como diria Ernesto Sabato - a alma que perdeu seu próprio nome em meio à sociedade massificada, a alma que perdeu a imagem do mundo - imagem que em outra época, de alguma maneira, fazia referência ao universo - a alma que perdeu os sinais para orientar-se nesse universo, essa alma desorientada de nosso tempo necessita novos pontos de orientação.

Como diz Octavio Paz, a criança nasce hoje em um mundo sem significado, chega a um mundo que não lhe diz nada, a um mundo que carece de signos de orientação, que carece de uma bússola que, só de olhá-la, se saiba para onde aponta o norte. Em muitas das casas de nosso mundo de crianças havia, nos lugares mais altos, um catavento que marcava a direção do vento, e que não só tinha significado prático, senão que era símbolo de um mundo “sinalizado”. Porém, a criança de agora olha para cima e o único que descobre é a fumaça dos incineradores das grandes cidades, que uma vez vai para um lado e outra vez vai para o outro.

O mundo tecnológico substituiu o mundo de significados. Foram apagadas as constelações de signos fixos e as estruturas do pensamento sistemático, e entramos em uma era na qual é necessário voltar a descobrir o significado do mundo. Já não podemos orientar-nos por um sistema de signos fixos e, por esse motivo, nestas aulas não pretendemos construir um sistema desse tipo. Pelo contrário, cada vez que percebemos que o pensamento tende a fixar-se em um modelo determinado, saltamos por cima desses esquemas.

3. Em direção a uma visão de síntese

Este brusco trânsito de um modelo de pensamento estático a um modelo de pensamento dinâmico - de um modelo de signos em que cada ponto cardeal tem para nós uma localização fixa, a um modelo de “signos em rotação” (Octavio Paz) - este brusco trânsito de uma direção a outra, este passar de uma dimensão de transcendência a uma dimensão de imanência, de uma dimensão divina a uma dimensão humana, de uma transfiguração no monte a uma transfiguração da pessoa que temos a nosso lado... Tudo isto pode parecer muito desconcertante e pode dar a impressão de que, com tais mudanças, não possamos, afinal, delinear nenhuma ideia clara, nenhum conceito definido, nenhuma imagem concreta... Muita gente que nos escuta, ao não encontrar algo determinado, irá embora, e já se foram alguns por esse motivo: ainda estão na época da fotografia, querem uma imagem fixa.

A imagem da fotografia surge com nitidez quando o movimento se detém, não é assim? O fotógrafo nos diz que fiquemos quietos, que nos mantenhamos em uma pose determinada, que olhemos em uma só direção. Porém, o homem está despertando para uma nova visão, para uma visão “estereoscópica”, para uma visão que surge do movimento de sua própria alma e para essa nova visão de síntese não é preciso fixar o pensamento, não é preciso deixar que o cérebro cristalice: é preciso cuidar de que não se fechem as portas da percepção.

A aula de hoje começou com a ideia da revelação da alma individual, com a pergunta “Quem sou eu mesmo?”, com o interrogante acerca de meu verdadeiro nome, porém em lugar de desenvolver objetivamente esta ideia, voltamos sobre a própria estrutura do pensamento de quem pergunta... E, seguramente este desenvolvimento dos modos do próprio pensar nos ajudará a pôr o pé firme no umbral do caminho que conduz ao descobrimento de nós mesmos.

Pergunta

O senhor falou da perda dos signos de referência na sociedade atual. E eu penso que, se as instituições que em outra época indicavam o rumo a seguir já não nos servem de orientação, tudo isso é muito trágico!

M.S.

É trágico... e por isso, vivemos na era da angústia. A angústia existencial é precisamente sentir que não temos onde apoiar-nos.

Pergunta

Desculpe, eu não creio que seja a crise dos símbolos como tais, senão que até agora esses símbolos foram vividos mais como uma projeção de fora para dentro, em lugar de serem reconhecidos desde dentro, e isso é rejeição.

M.S.

Quer dizer, eram símbolos de valores objetivos, de algo já feito, modelos de uma experiência coletiva e que têm significado como sinais coletivos, mas que carecem de poder de orientação para minha própria alma.

Pergunta

Isso explica a rejeição da juventude por toda orientação que queiram dar-lhe de fora. E preferem buscá-la dentro de si mesmos, rejeitando todo símbolo de autoridade.

Pergunta (outro interlocutor)

Porém, para aquele que está aferrado aos símbolos tradicionais, se quiserem tirar-lhe esses pontos de apoio, se defende e reage. Eu penso que nesses casos, é preciso favorecer primeiro a mudança interior e quando a consciência se expande eles mesmos abandonam os velhos símbolos.

(Outro interlocutor)

Ou seja, não é preciso apoiar-se no símbolo, e sim no ser.

(Outro interlocutor)

Eu penso que, na medida em que vamos nos desvelando a nós mesmos, cada um de nós poderá encontrar seu próprio ponto de referência, seu próprio sinal para orientar-se na vida - para que sirva aos outros como ponto de referência.

M.S.

Vocês mesmos foram abrindo o caminho em direção ao descobrimento dos novos signos... Claro, ao dizer que estamos ante uma crise de significado e ante uma crise dos símbolos objetivos - como dizia o jovem - estamos apontando para o desvelamento dos símbolos novos. E estes novos símbolos - que talvez muitos de nós o sejam - são símbolos **vivos**: são os traços presenciais do homem novo que se constituem a si mesmos em signos de orientação para um mundo novo. Já não vamos descobrir os signos de orientação nos modelos materiais que tínhamos em outra época, nos modelos institucionais ou na letra fixa dos textos, senão que vamos descobri-los na alma humana. Na alma humana estão gravados com traços sutis os símbolos cósmicos que sinalizam o caminho. É preciso descobrir nas pessoas o símbolo vivo de inspiração, de ensino, de guia e de orientação. Uma pessoa pode não significar nada para outra, enquanto for um robô. Porém, pode significar tudo, quando se revela como alma. Se bem seja certo que a juventude atual nega uma orientação que se queira impor por autoridade - como um de vocês dizia - é, no entanto, sensível àqueles traços vivos do ser humano cuja presença, por si só, catalisa encontros muito significativos.

Pergunta

Claro! O que acontece é que, como vivemos em uma era técnica, tendemos a dosificar tudo. E dosificamos também o homem.

M.S.

Quer dizer, perdemos o verdadeiro “contato” com o ser humano e temos que aprender a descobri-lo novamente.

Pergunta

Não sei se o senhor conhece o teatro “Hair”, de que se fala tanto, e que mostra uma grande quantidade de símbolos novos.

M.S.

Não conheço essas obras... Mas, não confundamos a representação dos símbolos com os símbolos vivos que queremos descobrir nas pessoas. Não temos que confundir as figuras dos símbolos, com aqueles traços sutis que estão gravados como signos de vida altamente significativos, na pessoa.

Pergunta

Serão estes traços de que o senhor está falando, aqueles que caracterizam a pessoa como alma e a diferenciam com os aspectos puramente intelectuais ou afetivos?

M.S.

Sim, é um traço transcendente que se imprime e se plasma no ser humano e que o caracteriza como alma.

Pergunta (mesmo interlocutor)

E como se pode descobrir nas pessoas essa figura transcendente?

M.S.

A revelação da alma começa quando o ser humano se humilha ante si mesmo e se reconhece no que é, não só por uma compreensão intelectual, mas por um

profundo amor a si mesmo. E vou descobrir o outro ser humano como alma, não somente se o compreender, mas também se o amar. O mistério da revelação do ser está no “compreendo e amo” e não no “compreendo”, somente. A compreensão só não basta. O discípulo não pode descobrir o mestre se não o amar. O esposo não pode descobrir a esposa se não a compreender e amar. E tampouco posso descobrir minha própria alma, se começo negando a mim mesmo naquilo que tenho de mais essencial, cobrindo-me com uma máscara de aparências e me instrumentalizando como uma coisa a mais no tráfico das coisas no mundo. Em uma palavra, tem que haver valores íntimos, de meio interior, que façam possível a revelação do ser. A revelação do ser não é questão de especulação metafísica, teológica nem psicológica, senão que está dada no contexto de uma experiência mística.

IX

DO CAMINHO DO IDEAL AO CAMINHO DA VIDA

A ideia central deste curso é o “Desvelamento do ser no homem”. Porém, até agora só indicamos as linhas gerais que podem conduzir a esse descobrimento. Só mostramos os pontos cardeais que podem dar uma orientação geral nesta busca do ser, como quem marca no céu umas quantas estrelas que possam servir de guia ao navegante. Mostramos a constelação de signos que marcam o caminho em direção ao descobrimento do que o homem realmente é, e esta constelação de signos se delineia hoje no céu das aspirações humanas como três “Estrelas guia”: a estrela que marca o caminho em direção às **aspirações divinas** do homem, sua necessidade de transcendência, seu vínculo com o divino. A estrela que marca o caminho de suas **aspirações humanas**, sua necessidade de encontro com os demais homens, seu vínculo com a Humanidade. E a estrela que marca o caminho de suas **aspirações íntimas**, sua necessidade de encontrar-se consigo mesmo, de descobrir o mistério de seu ser individual, de revelar sua própria alma.

Porém, dissemos que não era suficiente uma carta de signos fixos, de estrelas fixas, de signos estáticos, porque nenhum destes signos por si só é suficiente para levar o homem a preencher a totalidade de suas necessidades como ser humano.

Não podemos guiar-nos por uma divindade feita símbolo morto, como se fosse uma estrela que brilhou no monte da transfiguração há 2000 anos e houvesse ficado para nós como um simples objeto brilhante... Como essas estrelas que vemos no céu, que já se extinguiram há muitos milhões de anos, mas cuja luz ainda continua seu caminho. Tampouco podemos guiar-nos por uma Humanidade ideal, à qual gostaríamos de pertencer, como símbolo abstrato de comunidade humana. Não podemos guiar-nos por um “protótipo ideal de homem”, que dê o modelo do homem perfeito para que eu possa imitá-lo... Porque dissemos que tais modelos de perfeição - pelo menos na forma em que o imaginamos - não existem.

No entanto, quando descobrimos a VIDA que se manifesta para além desses símbolos, quando podemos descobrir essa vida transfigurada que surge por trás do rosto material que a cobre com seu véu, essa vida transfigurada pode converter-se em corrente de Inspiração e em guia de orientação para minha própria alma.

Tudo isto, apesar de ser muito belo, pode parecer muito teórico, muito ideal... E corre, efetivamente, um grande risco de sê-lo... Pode parecer muito ideal, sobretudo para o homem que ainda tem a lembrança de haver vivido em um mundo bem sinalizado, quando ainda o mundo de significados não havia sido varrido pela técnica e quando ainda os donos dos estabelecimentos ostentavam com orgulho seu próprio nome no frontispício dos mesmos, quer dizer, antes que aparecessem as corporações anônimas.

Muitas das pegadas bem definidas, que antes marcavam o caminho, desapareceram. E teremos que nos acostumar a sermos guiados por signos mais sutis.

Para o homem acostumado a guiar-se por sinais concretos, por fatos concretos, por imagens concretas, pode parecer muito utópico dizer: “Guie-se pela força da Inspiração”. Dizer-lhe: apesar de que você acredite que está perdido e sozinho, em um mundo que não lhe diz nada, em um mundo que não lhe dá nenhum sinal de referência do universo; apesar de que as imagens que você construiu de Deus possam não dizer-lhe nada; apesar de que a Humanidade lhe apareça como um conjunto de almas que você não conhece; e apesar de que você seja um desconhecido para si mesmo... Apesar de todo esse abismo de solidão, existe uma corrente de **Inspiração cósmica** que se manifesta por trás de todas essas coisas - que você acredita mortas: trate de sintonizar com ela, de ouvir sua Voz, e ela o guiará...

Tudo isto soa a algo muito ideal, muito abstrato, não é assim?

Quer dizer, mostramos o caminho dos grandes ideais: mostramos um foco de Consciência Cósmica, mostramos o rosto de uma Humanidade ideal e mostramos a imagem de um “homem ideal” - de uma egoência do ser revelando-se no indivíduo como uma harmonia de valores humanos e divinos. Estes grandes ideais podem

realmente inspirar-me, mas são insuficientes para “abrir” o Caminho que **eu**, como homem concreto, gostaria de percorrer para descobrir-me a mim mesmo. E este é o ponto crítico da existência humana, descer do cume de suas aspirações para o plano concreto da existência cotidiana, passar do “Caminho do Ideal” ao “Caminho da Vida”.

A Inspiração pode guiar-nos até esse umbral, mas para cruzá-lo é preciso pôr o pé no Caminho. O que quer dizer isso?

1. A conquista de uma verticalidade existencial

Não é suficiente compreender (pôr a cabeça), nem é suficiente amar (pôr o coração), senão que é necessário pôr o pé - que é o instrumento de contato do homem com a terra, com o mundo material. Quando se põe o pé na terra, só quando se percorre o caminho material e concreto da vida, quando o pé sente as asperezas do caminho, só então o homem conquista sua verdadeira **verticalidade existencial** e se transforma a si mesmo em “ponte” entre o céu e a terra. Então, conquista a verdadeira verticalidade funcional e não uma simples verticalidade postural. O que quer dizer uma “verticalidade funcional”? Quer dizer um homem que funcione nos dois polos, que tenha a cabeça no céu e os pés na terra.

2. A conquista da dimensão material da existência

Pôr o pé no caminho significa aceitar a materialidade do mundo em que lhe cabe viver e tomar os elementos terrestres para **transformá-los** - por meio do conhecimento, do amor, do trabalho e do sacrifício - nos elementos transfigurados do homem cósmico.

3. As coordenadas da Vida

No instante de aceitação de sua real condição humana, se revelam as três **coordenadas da vida** que indicam ao caminhante o esforço que terá que realizar para que o Ideal se transforme em Vida, para que o divino possa tornar-se humano,

para que o espírito encarne de verdade na matéria. Estas três coordenadas da vida são:

I. **A coordenada da compreensão**, que nos marca o caminho do **conhecimento**, que vai removendo um a um os véus da ignorância e descobrindo a realidade do que é.

II. **A coordenada do amor**, que nos marca o caminho do **coração**, que vai removendo pouco a pouco a casca dos amores egoístas e liberando os amores mais puros e generosos.

III. **A coordenada do esforço da vontade**, através do trabalho e do sacrifício.

4. A estrutura homogênea dos valores humanos e divinos

Em resumo, seis coordenadas, seis pontos cardeais, seis estrelas para guiarmos na noite do desconhecido, para guiarmos no caminho de busca do sentido de nossa existência:

- **Três coordenadas Ideais**, de Inspiração: a estrela do ideal divino, a estrela do ideal da Humanidade e a estrela do ideal individual.
- **Três coordenadas Materiais**, da ação e da vida: a estrela que nos guia em direção ao conhecimento, a estrela que nos guia em direção ao amor e a estrela que nos guia em direção ao trabalho e ao sacrifício.

As três coordenadas ideais apontam para um vértice de consciência Cósmica, que transcende as limitações humanas. E as três coordenadas materiais apontam para uma Vontade que aceita essas limitações para conhecê-las, transformá-las e transcendê-las.

Porém, para que todos estes sinais funcionem como uma **estrutura viva**, é necessário que brilhe em nosso céu interior uma sétima estrela: a estrela do **compromisso** com a vida, que é o sinal que põe em movimento a **energia** indispensável para que o homem realize seu próprio destino.

Pergunta

Ao falar dessa corrente de Inspiração, o senhor parece partir do pressuposto de que todo ser humano tem, em algum momento de sua existência, um contato com o divino. Porém, eu só tive impressões estéticas.

M.S.

Sua pergunta aponta para as possibilidades do homem frente ao divino. Não gostaria de fazer disto uma especulação... Se você me permite, gostaria de deixar sua pergunta flutuando no ambiente, que continue ressoando em todos nós como pergunta, até o momento em que - dentro do próprio grupo - surja a resposta adequada.

Pergunta (outro interlocutor)

Por um lado, falamos de uma Inspiração que pareceria vir de além do homem. E, por outro, falamos de um esforço centrado no próprio homem. Será que isso não é uma contradição?

M.S.

É e não é uma contradição. Surge como contradição apenas quando a mente quer dissociar a unidade do ser.

Pergunta (mesmo interlocutor)

Porém, se o senhor fala de aspectos humanos e divinos no homem, não está postulando desde já uma dualidade de aspectos que atentam precisamente contra essa unidade do ser?

M.S.

Atentam contra a unidade do ser, se dissociarmos dentro de nós mesmos essa unidade. E, de fato, vivemos “fora” da unidade do ser, já seja em um polo ideal, já seja em um polo material. E passamos a vida em contradições permanentes conosco mesmos. Mas, o homem sente cada vez mais a necessidade de resolver essa contradição existencial, já não através de uma nova “dialética”, mas através de uma nova mística, que restabeleça o sentido da união.

Pergunta

Como se concilia isso que o senhor fala sobre “aceitar a materialidade do mundo que nos cabe viver”, com a ideia geralmente aceita de que a vida espiritual nega precisamente o material?

M.S.

O que acontece é que cultivamos uma espiritualidade fundada em uma rejeição da matéria, o que nos levou pouco a pouco a uma negação da vida. A espiritualidade que nasce em nosso tempo se funda em uma nova atitude frente à matéria, já não de negação, mas de transformação da mesma. O homem deve aprender a transformar a matéria de sua própria vida.

Pergunta

Porém, a própria aspiração em direção ao espiritual não leva a reagir contra o mundo e contra a matéria?

M.S.

É muito fácil reagir contra o mundo ou contra a matéria, porém a reação não permite compreender. Se você reage contra algo ou contra alguém, o nega. E, ao negá-lo, não pode compreendê-lo. Se negarmos a materialidade do mundo, não vamos entendê-la nunca.

O homem moderno sente a inspiração do mundo espiritual. Porém, ao mesmo tempo, quer compreender a realidade do mundo material que lhe cabe viver, quer amá-la e quer transformá-la, para conseguir uma harmonia de valores humanos e divinos.

Por isso, as três coordenadas cósmicas da Inspiração se revertem nas três coordenadas da vida humana - a coordenada do **conhecimento**, a coordenada do **amor** e a coordenada do **trabalho** - que são as três dimensões em que o homem individual pode desenvolver seu esforço para conquistar o mundo material que lhe cabe viver e transformá-lo. Assim, chegamos a este ponto essencialmente **humano**, no qual, a expansão da consciência, no infinito cósmico, harmoniza com uma vontade que se reduz ao limite pequeno da experiência que cada um tenha que cumprir em sua vida, aceitando e compreendendo as limitações do ser concreto, do ser-no mundo. Na harmonia entre esta pequenez humana e aquela grandeza cósmica, é possível preencher a existência: não negar a existência – reagindo contra a matéria para refugiar-se em um idealismo espiritual, ou identificando o ser com a matéria para anular-se em um pragmatismo material – e sim, consumir a existência do homem completo, consumir a egoência do ser. Porque a egoência do ser, tão difícil de captar quando pretendemos reduzi-la a um conceito, é esse pulso maravilhoso entre a consciência que se expande ao infinito e a vontade que se reduz à pequenez do homem, para consumir - na partícula individual - a harmonia de seus valores humanos e divinos.

Pergunta

Se não entendi mal, de tudo o que se disse até agora, o senhor nos apontou três coordenadas cósmicas que, de alguma maneira, seriam as três grandes linhas de inspiração da consciência. E três coordenadas que marcam o esforço do homem para realizar sobre a Terra, aquilo que pressente interiormente como os grandes ideais da vida. Mas, depois o senhor falou de uma sétima estrela - como a chamou - que disse que era o compromisso. Eu não me dou conta bem do que quer significar esse compromisso!

M.S.

Vamos ver se posso explicar melhor.

Através deste curso - hoje chegamos ao término do segundo mês - de alguma forma entramos em contato com esses grandes ideais da vida, que todos nós, pelo menos em algum instante, queremos realizar. Porém, chegados a esta altura no curso de nossas conversas, temos que formular uma pergunta: este “contato”, esta “sintonia”, esta “aspiração”, que resultado concreto pode ter em cada um de nós? Continuaremos voando pelos cumes do Ideal ou encarnaremos essas aspirações em nossa própria existência material? Ficaremos como eternos enamorados dos ideais da alma ou assumiremos um compromisso com a vida? Não se dão conta de que este interrogante existencial - que é proposto a todo ser humano em um certo momento de sua vida - pressupõe por si mesmo a radiação de uma sétima estrela, que completa no céu interior de cada um, essa constelação de signos orientadores a que viemos nos referindo?

Creio que, da forma como as coisas vão se desenrolando, o curso teve, durante dois meses, um movimento em uma rampa de ascenso até tomar contato com os grandes ideais da vida. E terá agora um mês de descenso, para ir concretando em cada um o grau de compromisso que queira assumir frente a esses ideais. Por outro lado, qualquer que seja nossa resposta, o só fato de haver-nos posto em contato com

a fonte de inspiração, implica um compromisso do ser íntimo. Não sei se vocês se deram conta disso.

X

A DESMITIFICAÇÃO DO ESPIRITUAL

Dizíamos na aula passada que, apesar de que o homem se sintia só e perdido, em um mundo que não lhe diz nada, que lhe mostra belas estradas que podem levá-lo de um ponto a outro do planeta (mas que não lhe indicam um destino cósmico nem um significado existencial); apesar de que o homem tenha perdido a imagem que havia formado de Deus, ou que, de alguma maneira, a tenha esvaziado de seu significado original para deixá-la como um símbolo abstrato, sem voz e sem vida; apesar de que a imagem de uma Humanidade ideal - igualitária, fraterna e progressista - haja desmoronado, para dar passagem a uma Humanidade que mostra em seu rosto as feridas da guerra, do genocídio, da fome e do subdesenvolvimento de grandes massas; e apesar de que a própria imagem que cada um formou de si mesmo um bom dia venha abaixo, que lhe mostre um rosto estranho a si mesmo, a ponto de perguntar-se “e eu, realmente, quem sou?”... Apesar de transitar por esse abismo de solidão, por esse deserto em que ainda as pegadas das próprias pisadas se desvanecem em seguida, ao sopro do vento, em que as obras que fomos deixando como testemunho de nossa passagem pelo mundo, como outros tantos montes de pedras que acreditávamos haver construído sobre a rocha: nossas famílias, nossos filhos, nossas empresas, as obras de nossas mãos, de nosso cérebro e de nosso coração... todas essas coisas que críamos firmes, que críamos que fossem o sustento de nossa vida e pontos de referência seguros para avançar em direção ao futuro; todas essas coisas podem aparecer, um bom dia, como vazias de significado. E, frente a elas, perguntar-me-ei: “E tudo isto, para quê?”. Esses testemunhos só me indicam um passado que morreu. No máximo, me mostram a fragilidade das construções humanas, quando não minha própria escravidão. Porém, não me servem para dar sentido a minha vida. E dizíamos que, precisamente por haver perdido essas imagens, símbolos e sinais concretos que outrora ofereciam um certo marco de referência cósmica, o homem de nosso tempo sente, talvez com maior intensidade

que nunca, a necessidade de encontrar o caminho que lhe indique seu verdadeiro destino como ser humano no universo.

Temos que dar-nos conta de que entramos no deserto... Espiritualmente falando, a Humanidade inteira entrou no deserto da solidão da alma. Mas, o deserto tem, por sua vez, sua própria lei. Vai nos tirando muitas ilusões que havíamos formado acerca da vida. E ao entrar na aridez, vai despertando ao mesmo tempo uma nova sensibilidade.

Diz-se muitas vezes que entramos em uma época de materialismo que nos deixou vazios de significado, porém temos que reconhecer que o materialismo também fez sua obra positiva na sociedade contemporânea, nos arrancou de um mundo ideal para fazer-nos conhecer o mundo real: “é um materialismo purificador”, como dizia Simone Weil. E esta “alma desiludida” - no dizer de Ortega - esvaziada de ilusões, mas ao mesmo tempo purificada, está melhor preparada que nunca para fazer-se sensível à corrente de Inspiração cósmica. Por paradoxo, apesar do materialismo e da falta de sentido, o homem de nosso tempo está melhor preparado que nunca para sintonizar com as correntes mais sutis do espiritual e está despertando a um novo sentido cósmico do espiritual.

Claro que todas estas coisas, ditas dessa forma como estamos dizendo, em meio a uma Humanidade desolada e vazia - e que reclama com urgência soluções concretas para melhorar suas condições materiais de vida, podem parecer utópicas e fazem pensar a muitos que estamos postulando um idealismo espiritual. Dizer, hoje em dia, que devemos tratar de sintonizar com as correntes cósmicas de inspiração da alma e de ouvir a Voz divina que guia a Humanidade em direção a seu destino transcendente, nos recorda o povo de Israel no deserto quando murmurava porque morria de fome e tinha saudades das “panelas de carne” que tinha no Egito. E, quando reclamava uma resposta concreta a essa exigência de vida, a Voz diz a Moisés: “vou a fazer chover comida do alto dos céus” (Ex. 16:4).

Não é estranho que, neste contexto de ideias e situações, haja surgido a pergunta da jovem na aula passada, dizendo que ela “não havia tido nenhum contato com o divino, mas só impressões estéticas”. Porém, frente a esta pergunta devemos interrogar-nos se justamente essas “impressões sensíveis” não encobriu o contato com o espiritual. E este é o tema que vamos desenvolver agora.

1. No umbral do divino

A pergunta nos leva ao umbral do divino, às portas da esfinge do sagrado e a propor o interrogante acerca das possibilidades do homem frente ao divino. Quer dizer, tocamos um ponto ao qual várias vezes chegamos no curso destas conversas e que, de uma ou de outra maneira, postergamos abordar de frente. Cada vez que surgia o símbolo do divino foram formuladas perguntas acerca do que seja o divino, como interpretávamos o espiritual, e fomos vislumbrando uma resposta direta porque pressentíamos que estávamos mais dispostos a entrar em polêmicas doutrinárias do que a querer descobrir a vida espiritual que palpita por trás dos símbolos e das palavras.

Há um instante sagrado na vida da pessoa em que a alma toma contato direto com o mistério do transcendente, um instante de nascimento da consciência cósmica na consciência humana: é o instante do chamado Vocacional. Porém, não podemos especular sobre isto, temos que reconhecê-lo em nós mesmos.

Para poder compreender estas coisas, o primeiro que temos que fazer é desmitificar o símbolo do espiritual. Que quer dizer isto? Desmitificar o espiritual não quer dizer - como alguns interpretam hoje equivocadamente - tirar todo o mistério e reduzi-lo ao racionalmente compreensível e sim, pelo contrário, desvelá-lo; quer dizer, remover o véu com que “encobrimos” o divino em nossa própria alma, tirá-lo da “tenda” onde o encerramos, e descobrir, para além das limitações que nossa mente pretende lhe impor - para “reduzi-lo”, “enquadrá-lo”, “reprimi-lo” ou “negá-lo” - sua verdadeira dimensão transcendente, universal e cósmica. E não somente

sua dimensão cósmica como um ente abstrato ou uma lei matemática, mas a articulação desse Mistério insondável com a vida do ser humano.

2. O divino como função cósmica no homem

Quando falamos do divino, cada um costuma interpretá-lo a sua maneira. Com só pronunciar a palavra, cada um reage de acordo com seus próprios condicionamentos.

Quando nós falamos aqui do divino não estamos nos referindo ao Deus dos cristãos, dos hindus ou dos budistas, nem ao Deus de algum povo ou de alguma Raça, senão que apontamos a essa Fonte de Inspiração que está na raiz da consciência de todos os homens.

Em outras palavras, quando se fala do divino geralmente se quer compreendê-lo através de alguma crença ou doutrina em particular: por um teísmo ou por um ateísmo, por um dualismo ou por um monismo... Durante séculos, os filósofos e teólogos discutiram sobre estas coisas, sem chegar a nenhuma conclusão. E o pior do caso é que correu muito sangue devido a estas polêmicas doutrinárias - e ainda continua correndo. Parece mentira que depois de séculos ainda não se haja apagado o ódio das guerras de religião. Por este motivo, neguei-me várias vezes a responder aquelas perguntas que tendiam a desembocar em uma especulação acerca do espiritual.

Temos que aprender a descobrir o divino como uma função cósmica e não como uma ideologia.

Todas estas polêmicas doutrinárias são altamente “encobridoras”, entretêm as pessoas - tanto as pessoas cultas como as que não o são. Quer dizer, corremos o risco de que a discussão filosófica ou teológica acerca da existência ou não existência de Deus se constitua em malha encobridora e negadora da **função** divina no homem, ou

seja que a teoria substitua à **Vida**. Não é questão de que - por discutir se a luz é de natureza ondulatória ou corpuscular - nos privemos de **ver** a luz.

3. A revelação do divino como experiência humana

O homem de nosso tempo quer experimentar o universo em que vive e descobrir suas leis. Já passou a época das especulações, das teorias e dos pressupostos e a era que nasce se anuncia sob o signo da vida.

A Humanidade inteira está lançada à exploração do **espaço** cósmico, não é assim? Porém, é um espaço que se experimenta, onde se vive a lei de sua ausência de gravidade. E a Humanidade inteira entrou na era da **energia** cósmica. Porém, também é uma energia que se vive, que se experimenta: todos nós estamos submetidos à radiação cósmica natural e às radiações atômicas. Uma notícia que nos vem da Apollo XV é altamente significativa a respeito disto que estamos dizendo. Os astronautas, com os olhos vendados, podem perceber em plena escuridão, o cintilar que a incidência dos raios cósmicos sobre a retina produz... **Ver** diretamente os raios cósmicos: quem os viu alguma vez? Foram detectados e registrados pelos instrumentos, porém agora podem ser **vistos** e isto é o que tem significado de futuro: o homem quer experimentar em forma direta as leis do universo.

No entanto, tais conquistas, apesar do maravilhoso de seus resultados, são só símbolos do poder do homem, símbolos de sua vontade de poder... Mas, o descobrimento mais importante e transcendente que está sendo levado a cabo na Humanidade de nosso tempo - para além da conquista do espaço cósmico e da energia cósmica - é a revelação da **consciência cósmica** no homem. E só quando a Humanidade tomar um contato direto com a consciência cósmica poderemos dizer que entramos definitivamente na **era cósmica**.

4. O ponto de convergência entre a consciência humana e a consciência cósmica

O homem toma um contato direto com a consciência cósmica no instante de sua vida em que se revela sua **Vocação**. É um instante muito especial, muito solene, muito sagrado, muito significativo - que se dá na vida de toda pessoa, mas que pode passar inadvertido, como um chamado que não se escuta.

Quer dizer que, quando falamos de um contato com a consciência cósmica - e aqui vem a resposta à pergunta da jovem - não estamos falando de algum contato maravilhoso, de alguma espécie de êxtase, de samadhi, de dissolução do eu no oceano da consciência cósmica, e sim de algo muito mais simples que é inerente à vida consciente de todo ser humano. Existe na vida de todo ser humano um instante de solenidade em que ele está em presença do desconhecido, do maravilhoso, do transcendente - e esse ponto de convergência entre a linha de um destino humano e um destino cósmico marca por si mesmo um novo ponto de partida.

5. Umbrais de abertura à consciência cósmica

Penso que no desenvolvimento da vida humana - olhando-a de um ponto de vista integral - há dois momentos altamente significativos. Um é o instante de seu nascimento para o meio físico atmosférico e está marcado por um movimento de **inspiração** (inspiração de ar nos pulmões). Nesse instante se põe em contato com um elemento cósmico até então desconhecido, o ar, por meio do qual se **inicia** em uma vida biológica independente! Pobre de nós se esse contato não se produz!

Porém, há outro instante solene que também se inicia com um **Inspiração**, que é quando a consciência humana recebe a Inspiração da consciência cósmica.

É o despertar da consciência a sus possibilidades universais, é o instante de verdadeira liberdade do ser, é o instante em que o infinito se reflete na pequenez humana. É o instante do amor puro, da verdade, da justiça: é o instante em que as coisas são vistas tal como são. Chamemos a isto um contato com a verdade, com o

amor ou com o divino, o importante é não encobri-lo, não deformá-lo, não negá-lo porque esse contato é indispensável para a vida da consciência. Pobres de nós se não acertarmos a respirar esse ar puro da Inspiração! Corremos o risco de transformarmos em sub-homens. Teremos um magnífico desenvolvimento físico, uma inteligência brilhante, haveremos construído obras magníficas sobre a Terra ou para além da Terra, porém nos haveremos negado como seres humanos.

6. O metabolismo do homem cósmico

Teremos que aprender a valorizar esse contato com a consciência cósmica dentro do processo integral do metabolismo do **ser** humano, que é um metabolismo não só de matéria e energia, mas também de consciência. Porém, se dentro desse metabolismo total do ser falta o “elemento” espiritual, não nos estranhe que o desenvolvimento do ser humano fique perturbado e que a consciência fique detida.

A ninguém estranha que muitas funções biológicas não se desenvolvam: que a inteligência não se ative, que o amor fique detido em seus níveis mais primitivos, que a capacidade de trabalhar não se haja desenvolvido – há pessoas que não trabalharam nunca. E assim, há muitas funções do ser humano que estão mutiladas, deformadas, encobertas, negadas, funcionando às meias: essa é a imagem do homem atual, de um homem a meio fazer, porque a educação que recebemos não foi propícia ao desenvolvimento do ser humano completo.

E com este panorama do subdesenvolvimento estamos falando de uma nova etapa da antropogênese que aponta para o homem cósmico! Estamos falando de uma abertura à consciência cósmica, quando milhões de seres humanos ainda não alcançaram os níveis mais elementais de consciência social. Mas, este é precisamente o contraste tremendo que caracteriza a era que estamos vivendo.

7. A função vocacional no desenvolvimento do ser humano

Em poucas palavras, quisemos valorizar a **vocação** ou seja o instante em que o ser humano se põe em contato com o divino, com o transcendente, com o cósmico,

e perceber que esse contato inspirativo é tanto ou mais valioso que o contato com o ar que respiramos e que se trata de uma função chave para o desenvolvimento do ser humano que temos que aprender a descobrir, a reconhecer e a deixá-la funcionar... Sim, a deixá-la funcionar simplesmente, como a uma planta para a qual é criado o clima adequado para que cresça.

Iremos desenvolvendo esta ideia da vocação nas próximas aulas, porém hoje só quisemos valorizá-la como função ante nossos próprios olhos e apontar sua importância como função de futuro. Poderão desaparecer todas os sinais físicos no mundo material, e os sinais impressos nos livros sagrados, poderão desaparecer todas as doutrinas e todos os mestres visíveis, porém a alma solitária no deserto de sua própria vida, se escutar a Voz de sua Inspiração, não se equivocará de caminho. Infelizmente, nossos ouvidos são ainda um pouco duros para ouvir estes chamados íntimos do ser, porém tais funções cobrarão cada vez mais significado na existência concreta do homem de nosso tempo.

Alguma pergunta sobre o que dissemos hoje? O que diz a jovem que formulou a pergunta?

Pergunta (jovem)

Eu não pretendia que fosse esclarecida assim tão rápido uma questão tão difícil, porém o senhor disse coisas muito importantes... falou de funções e eu estou totalmente de acordo com o senhor. Bom... é algo para pensar.

Pergunta

Penso que o deixar-se guiar pela voz interior é fundamentalíssimo, porém no momento que estamos vivendo se insistiu tanto sobre certas imagens do homem triunfador na vida que, às vezes, se tem um pouco de medo de seguir a inspiração que lhe seja própria. Sobretudo quando isso significa sair dos modelos convencionais e aparecer ante os semelhantes como uma criatura um tanto estranha. E, talvez então,

o que nos daria a possibilidade de seguir esse caminho - que me parece que é realmente um caminho que leva e que tem possibilidades - é não acreditar em todas essas imagens que chovem sobre nós de todos os lados, e que nos apresentam a felicidade no homem sempre associada a certos símbolos convencionais. Se nós pudermos desfazer todas essas imagens que nos bombardeiam constantemente, vai ser mais fácil para nós seguir essa inspiração de que o senhor fala.

M.S.

De acordo com sus palavras, seria um caminho interior.

Mesmo interlocutor

Sim..., e em um tempo como o atual, um caminho difícil, devido ao forte impacto dos reflexos exteriores. E, porque em algum momento da vida, pode-se parecer um pouco estranho no próprio comportamento frente aos demais.

Pergunta

Eu penso também que temos que meditar muito sobre isto, ter muito cuidado sobre “quem fala em nós”, se a voz da verdade ou do erro. Ou seja, até onde podemos saber qual é o caminho verdadeiro? Se Deus fala em nós através de nossa consciência, temos que meditar muito para não nos equivocarmos. Temos que tratar de investigar quem fala em nós: fala o bem, fala o mal; fala a justiça, fala o erro; fala o amor ou a confusão? É maravilhoso poder discernir, a tal ponto que cheguemos à verdade e não nos arrependamos da escolha. Isso se presta para muitíssima meditação, para muito estudo e para muito cuidado.

Pergunta

Estou de acordo com a senhora. Porque até que ponto se pode saber, ao meditar sobre estas coisas, se realmente se está em contato com essa inspiração divina, cósmica, ou se é só o fruto de nossa própria imaginação?

Pergunta

Bom, para mim, penso que é muito difícil para o homem, frente a um problema deste tipo, analisar-se a si mesmo, já que é juiz e parte. E vai entrar em um jogo mental, onde não vai ter nenhuma certeza da verdade ou do erro. Porém, penso que se for autenticamente sincero e fundamentalmente humilde, poderá chegar a saber - com uma certeza interior - se está no certo ou não. Além disso, e voltando um pouco ao que foi dito em conferências anteriores, penso que essa vocação, uma vez despertada, deve ser guiada por alguém. Senão, provavelmente se perderá no caminho.

Pergunta

Penso que a verdade está dentro de si mesmo. Mas, de alguma maneira deve ser guiada...

Pergunta

Eu não nego a guia, mas também foi dito aqui que atualmente estão um pouco diluídas as imagens orientadoras de pais e professores. Porém, estou vendo que nos perdemos nas palavras e que o muito falar não significa esclarecimento. E que o ser mais humilde e menos culto pode encontrar dentro de si mesmo a voz que o inspire e o guie.

Pergunta

Vários dos que se manifestaram disseram que é necessário meditar muito para discernir se o que sentimos interiormente é a verdade ou o erro. E eu me pergunto se é questão de meditar ou se, pelo contrário, o meditar não introduz por si uma fonte de dúvida.

M.S.

Quer dizer, e resumindo o que foi dito, fomos deslizando pouco a pouco pela pendente da dúvida. Se nos pusermos a duvidar “daquele” fala em nós, se é a verdade ou o erro, já nos estamos negando a nós mesmos e utilizando um instrumento de dúvida que é nossa própria mente. Quando eu falei da vocação como um “instante inspirativo” não falei sobre discernir, meditar ou discorrer acerca de algo. Falei **simplesmente** de ouvir: trata-se de um ato simples, em cuja raiz não cabe a dúvida. A dúvida pode vir depois, quando me puser a perguntar se ouvi bem ou mal - quer dizer, quando intervém a mente - mas a Inspiração em si mesma é, diríamos, “quimicamente pura”, ou melhor, “psiquicamente” pura porque é um ato espiritual que não está distorcido em sua origem pela atividade do psiquismo.

Pergunta

Eu queria dizer algo, que já queria dizer na vez passada, porém não deu tempo. Mas hoje se dá a mesma tônica e gostaria de dizer o que detecto no grupo, apesar de que alguém se possa sentir incômodo. Detecto, desde a última aula, um grande espírito coletivo. E justamente, quando estamos entrando mais na essência da coisa, quase todas as perguntas que são feitas têm um grande conteúdo de dúvida. E pedem ao senhor garantias de autenticidade no que diz - e garantias de certeza, de provas na verdade do que diz... e eu penso que não existem essas garantias.

M.S.

Não existem garantias racionais, porque a razão, por natureza, é dubitativa e sempre nos pode propor a alternativa de se estamos na verdade ou no erro. Sobretudo, tratando-se da percepção interior.

Mesmo interlocutor

Eu estou totalmente de acordo.

M.S.

Estamos entrando em uma etapa de descobrimento de nós mesmos, porém nossa visão interior é ainda vacilante. E ainda estamos muito condicionados a procurar imagens de uma segurança exterior...

Mesmo interlocutor

E, sobretudo, o símbolo do êxito.

M.S.

Estamos na verdade ou estamos no erro? Milhares de seres humanos foram levados à fogueira na Idade Média devido a estas questões. É Cristo quem fala em ti ou é o demônio?, perguntavam a Santa Teresa. A mente vai nos dar sempre essas imagens de dúvida. Porém, há um instante de verdade em todo o ser humano e é esse instante o que queremos captar.

No nível da inspiração, somos anticartesianos, quer dizer, não postulamos a dúvida metódica, porque a dúvida metódica é o instrumento racional adequado para investigar no campo do concreto, ou seja, em um campo onde a dúvida é possível e legítima. Mas, eu não posso postular a dúvida metódica como instrumento para guiar minha própria vida... Pobre de mim se o fizesse! Há seres humanos que a instauraram como método e assim, passam a vida duvidando se amaram ou não amaram, se devem amar ou não devem amar, se devem fazer uma coisa ou a outra. Mas, tudo isto é o martírio, não é assim?

Pergunta

Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Várias vezes, ao referir-se ao momento da Inspiração vocacional, o senhor disse que se trata de um instante. Esse chamado é só um instante ou pode repetir-se muitas vezes?

M.S.

Diga-me, o instante em que você toma contato com o ar, no momento de nascer, se repete ou é uma só vez? O instante do contato, quando se produz?

Mesmo interlocutor

Uma só vez.

XI

O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL DO HOMEM

Na aula passada tocamos o tema da Vocação. Quisemos aproximar-nos desse ponto maravilhoso de convergência entre o divino e o humano, dessa hora do **despertar** da consciência espiritual do homem.

Porém, tive a impressão de que “algo” nos escapava... não me refiro ao aspecto formal da comunicação e sim, a seu aspecto intrínseco. Não às palavras e ideias que foram expostas acerca da Vocação, mas ao fato de que não pudemos **unir-nos** na vocação para experimentá-la juntos como vivência espiritual. Quer dizer, não pudemos **sentir** juntos a Vocação, não pudemos sintonizar com a corrente viva que a Vocação “Inspira”. No máximo, falamos “acerca” da Vocação.

O tema, de per si, era elevado... Roçávamos um vértice existencial, um “cume” no desenvolvimento espiritual do ser humano, o ponto crítico de contato entre o humano e o divino. E, talvez, ao tocar esses pontos - mais que em outros momentos - se faz mais patente que estas coisas não podem ser conhecidas através dos meios habituais do conhecimento, mas por sintonia espiritual. E este método de sintonia, de busca por similitude de uma realidade espiritual que queremos apreender, requer uma **atitude** muito particular de nossa alma.

Já não é suficiente a atitude passiva de quem vem ouvir uma aula para aprender algo determinado. Ou a atitude crítica de quem procura uma esgrima verbal, através da verdade ou do erro do que é dito... Nem é suficiente a atitude estética dos consumidores de cultura, daqueles que assistem a um concerto, a uma exposição de pintura ou a uma conferência, e o único que dizem é “se gostaram ou não”, “se esteve bem ou esteve mal”...

Algo disto ocorreu na aula passada... Pelo menos eu pude percebê-lo enquanto falava. E, alguém de vocês se deu conta também, quando fez a observação de que o grupo estava mais “reativo” que em outras oportunidades, que exigia mais “provas

de autenticidade” ao orador... E surgiram perguntas fundadas na dúvida, acerca da verdade e do erro...

Porém, não creiam que senti estas atitudes obstrutivas da comunicação somente em vocês, senão que as senti também em mim mesmo enquanto falava... Enquanto queria explicar a Vocação, podia observar dentro de mim mesmo que havia perdido contato com a corrente inspirativa que anima a Vocação. E que o que estava transmitindo eram só conceitos. E a Vocação não pode ser compreendida através dos conceitos.

O que nos mostra tudo isto?

Que para apreender certas realidades espirituais em nossa alma não é suficiente uma atitude intelectual, uma atitude estética, ou uma atitude reativa, senão que é necessária uma atitude **participante**. É necessário participar com nossa própria alma, naquilo que queremos apreender. De alguma maneira, é necessário comprometer-nos em forma íntima com aquilo que queremos conhecer, ainda antes de havê-lo conhecido: quer dizer, amá-lo antes de conhecê-lo...

E com essa atitude de participação, nos aproximaremos hoje novamente da Vocação.

Façamos um resumo do que dissemos na aula passada:

1. Valorizamos a **PRESENÇA** do divino no homem, através de uma Corrente Inspirativa de Consciência Cósmica que, fazendo impacto em sua própria alma, lhe **indica** seu destino cósmico.

2. Dissemos que o **FUTURO** nasce no homem de nosso tempo sob o signo de uma “abertura cósmica”, mas não de uma abertura ideal e sim, de uma **abertura experimental**. O homem experimenta hoje um espaço cósmico, experimenta uma energia cósmica, porém anela intimamente experimentar um contato com a **Consciência Cósmica**. E, quando a Humanidade se “abrir” à Consciência cósmica, então poderemos dizer com segurança que entramos na era cósmica.

3. Esta necessidade de “abertura de consciência” a uma dimensão cósmica se revela no homem de hoje como um novo **sentido do espiritual**, quer dizer, como uma necessidade de desenvolver dentro de si mesmo o **órgão** que torne possível a percepção direta do espiritual.

Pode parecer estranho que falemos de um novo **sentido** do espiritual porque geralmente partimos do “pressuposto” - como diria a jovem – de que todos possuímos esse sentido... Mas, questionamos esse pressuposto e pensamos também como a jovem, que muitas das chamadas experiências espirituais não vão além de impressões estéticas ou psicológicas - ou parapsicológicas. O espiritual permanece habitualmente “encoberto”, sob a fachada de um “intelectualismo espiritual”, de um “refinamento estético da sensibilidade” ou de uma “mudança psicológica da consciência” (tal como pode dar-se na hipnose, nas experiências psicodélicas ou na percepção extra-sensorial).

Porém, tudo isto é insuficiente para revelar a consciência do Ser espiritual.

É necessário ir além do psicológico e do estético, além do pensamento sistemático e das experiências psicofísicas. É necessário definir novas atitudes e desenvolver novos valores frente à vida, ou seja, realizar certas mudanças qualitativas na intimidade do ser humano, para que se ativem as **funções** que são indispensáveis para “abrir” este novo sentido do espiritual.

4. Começamos então a resgatar a Vocação como uma destas funções de abertura à consciência cósmica no homem. E, quando falávamos de Vocação, não nos referíamos a uma experiência extraordinária, a uma Voz do divino revelando-se a seres extraordinários. A tradição espiritual da Humanidade nos mostra em Samuel, em Teresinha de Lisieux e em muitos outros exemplos, testemunhos desta revelação da Voz de Deus, apontando o caminho do homem. Apesar da grandeza destes exemplos, não queremos tomá-los como protótipos para introduzir o estudo da Vocação. Porque, precisamente, sua própria grandeza os faz aparecer como

inacessíveis à experiência habitual do homem. Ou melhor, queremos resgatar uma **função** que é inerente à vida e ao desenvolvimento espiritual de **todo** ser humano.

O QUE É A VOCAÇÃO, ENTÃO?

Independentemente da magnitude que alcance, independentemente de sua grandeza ou de sua pequenez, independentemente de que se realize ou se frustrar, a Vocação é uma **função de abertura de consciência**... É um instante em que as nuvens se abrem e deixam ver o céu..., é um instante de **visão**..., é um instante de “abertura espiritual” dentro do sistema material do homem. Nesse instante de abertura, o homem pode “ver” de uma só vez, a totalidade de suas possibilidades individuais.

Apesar de sua transcendência, esse instante pode passar inadvertido, no homem alienado na massa ou alienado em um papel ou em uma função concreta dentro do mundo material. Pode manifestar-se como uma “Luz” que se acende por um instante no quadro de sua consciência individual e se apaga em seguida, ao ser coberta pelo véu das ilusões comuns. Ou então, se manifesta como uma “Voz” que o chama a realizar o que deve ser, porém que é rapidamente silenciada pelo murmúrio da mente coletiva. Em outras palavras, a “função vocacional” pode “ser encoberta”, não chegar a ser ativada. E esta inativação de certas funções - que são indispensáveis ao desenvolvimento da vida total do homem - é o primeiro que devemos estudar, se quisermos compreender algo do que estamos tratando.

Dizemos isto, porque o desenvolvimento da vida coletiva, a necessidade de reunir esforços para realizar grandes obras humanas - o esforço tremendo que está sendo exigido de grandes massas humanas para “construir a Terra” – foi feito a expensas da **mutilação** de muitas funções indispensáveis ao desenvolvimento da vida individual. A vida moderna pôs os ideais das grandes “corporações” - do “Estado Corporativo”, como dizia Charles Reich - acima do indivíduo. Com o lema “primeiro a Empresa”, foram construídos os grandes estados modernos, foram levantadas grandes construções e se desenvolveram as grandes equipes científicas e

tecnológicas, como símbolos do poder coletivo organizado... Porém, tudo isto se fez, pelo menos em parte, à custa da mutilação funcional do indivíduo.

A juventude de nosso tempo tomou consciência desta mutilação da vida. E sua rebeldia, para além da superfície de um inconformismo social ou político, é a resposta da vida individual que não quer ser sufocada na massa.

Por isso, a juventude representa, hoje mais do que nunca, a vanguarda do Futuro. Porque, de agora em diante, a força inspirativa da Humanidade cambia de polo... Já não serão estandartes, os grandes ideais coletivos do passado. Já não virá a inspiração através das vozes dos líderes que encabeçarem a massificação do homem, senão que a Inspiração se fará sentir, cada vez com maior intensidade, no íntimo da consciência. Cada vez adquirirá mais importância a Voz inspirativa da Vocação. Ou seja, a guia de inspiração não virá de fora, mas de dentro.

1. A reação contra o poder coletivo organizado e a força da Vocação

Cada dia se tem mais consciência de como o indivíduo fica preso nas grandes organizações coletivas. Toma-se consciência da estrutura material da sociedade em que vivemos. Toma-se consciência do poder coletivo organizado e do submetimento de grandes massas humanas a esse poder. Em resumo, toma-se consciência dos poderes anônimos que escravizam o indivíduo, e essa tomada de consciência gera na Humanidade de hoje, reações muito violentas.

Porém, a reação contra o sistema e a violência exercida contra os inimigos externos e os símbolos do poder coletivo, podem impedir uma tomada de consciência mais profunda acerca das verdadeiras causas da alienação do homem.

Bem é certo que a alienação da consciência se produziu pela cristalização dessa consciência em um poder material. Porém, temos que aprender a descobrir essa materialização da consciência não só nas grandes corporações, mas em nós mesmos: temos que aprender a resgatar a consciência do poder material que a aprisionou... E

este resgate da consciência, pelo menos a nível individual, não se mostra hoje como um problema de reação, mas de Vocação.

2. Dois momentos críticos de tomada de consciência; dois momentos possíveis de abertura à consciência cósmica

Quando na aula passada falamos da Vocação como um momento de abertura à Consciência Cósmica, nos referíamos ao instante em que esse contato se dá pela primeira vez, em seu momento **original**, no momento em que, pela primeira vez, brilha o sol no monte das aspirações espirituais do homem: é o momento **romântico** da vocação, seu momento **lírico**.

Porém, o que acontece quando - transcorrido certo tempo e nublados aqueles primeiros reflexos através da pesada carga da experiência pessoal - nos encontramos com uma consciência que se cristalizou em um poder material? Em tais condições, a consciência só pode ser resgatada em um momento trágico da existência: é o momento **trágico** da vocação, é o instante do **fracasso** do homem.

Hoje em dia, é tal o grau de encerramento em que nos encontramos, de tal intensidade a força do egoísmo que nos levou a acumular um poder material além do necessário - e levantamos muralhas tão altas e tão espessas para defender a toda custa nossos bens materiais - que nos encontramos na mesma situação que o átomo da matéria física, o qual encerra em seu interior um imenso poder, mas que só é resgatável quando se produz a “fissão” no sistema...

Devemos compreender que, para muitas pessoas, a única possibilidade de voltar a tomar um contato com a consciência cósmica é através da via do **fracasso**, através da via da crise de sua obra pessoal, através da via de uma **fissura existencial**... Porque só através dessa fissura pode penetrar de novo a Luz, dentro de um sistema fechado à vida do universo.

Se valorizamos oportunamente o momento lírico da vocação, não é menor a importância que damos ao momento trágico. Porque em ambos momentos, existe

uma possibilidade de abertura ao caminho da vida do ser. Nesses instantes, se pode ver claro. Nesses instantes - em alguma medida - o homem recupera a visão e pode descobrir os sinais que orientam seu destino.

Pergunta

O que é estar desperto?

M.S.

Talvez esta sua pergunta esteja surgindo de alguma inquietude mais profunda. Trate de observar-se, vamos ver se você mesma pode descobrir a raiz que move à pergunta.

Mesmo interlocutor

Bom, que o ser acredita estar desperto e, de repente, desperta a outras coisas e se dá conta de que estava adormecido.

M.S.

Você mesma deu a resposta: isso é estar desperto. Você tomou contato com algo diferente, com algo que ajuda o despertar de sua consciência.

Pergunta

O que o senhor chama momento trágico seria, então, como uma terapêutica através do choque elétrico. Seria como dizer às pessoas que a crise existencial é positiva, que realmente está em crise e que não tente dissimular ou compensar essa crise, senão que trate de assumi-la: esse seria o pressuposto para descobrir seu sentido.

M.S.

Exatamente. Mas, o que temos que perceber é que o que chamamos de “crise existencial” está se dando hoje em dia na Humanidade como um fenômeno coletivo, precipitado por circunstâncias sociais - mas com um significado cósmico: é sintoma de uma nova antropogênese. O que acontece é que ainda não estamos muito preparados para aproveitar adequadamente este “choque” do Futuro. E, quando isto ocorre, temos mais a tendência a buscar novos pontos de segurança que pertencem ao passado. Nesse instante crítico, faz falta a companhia de “alguém” que já haja cruzado o umbral da “morte” (porque a crise existencial é vivida como uma morte).

Pergunta

Compreende-se agora melhor o significado do que poderíamos chamar a “crise” do mundo moderno e o porquê da perda dos pontos referenciais do passado. Porque se a Humanidade tem que abrir-se à consciência cósmica, é indubitável que tenham que desmoronar as construções do passado, para ceder passagem a um mundo novo.

M.S.

Porém, você compreenderá também que tudo isto é fonte de muita dor, não é assim? E que a maioria das pessoas vive estas mudanças como um grande dilaceramento em suas vidas e se acha muito desorientada, sem saber que atitude tomar. Daí a importância do testemunho daqueles que têm mais consciência e que podem ajudar no momento do parto, para que nasça o novo Ser.

XII

O RESTABELECIMENTO DE UMA FUNÇÃO HARMÔNICA DE CONSCIÊNCIA-VONTADE

Dissemos que o ser humano podia ter um contato com a Consciência Cósmica em dois instantes chave de sua existência: em seu momento **lírico** e em seu momento **trágico**.

Aclaremos que, quando falamos de “Consciência Cósmica”, estamos nos referindo a um estado simples de consciência que aponta para o destino individual. E, precisamente, em tais momentos críticos da existência, o homem enfrenta de alguma maneira seu próprio destino.

1. O momento inspirativo da vocação: visão profética

Dissemos que o instante lírico é aquele momento **Inspirativo** original, que se dá pela primeira vez, onde é revelado para a alma, em **Visão** simples, a imagem do que deve ser. É o que diz a primeira parte da famosa frase citada por San Martín: “Serás o que deves ser...”.

A imagem do que “deve ser” se mostra nesse instante por **antecipação** e, nesse sentido, a vocação tem o caráter de visão **profética**, porque é “Anúncio” do que o ser está chamado a Ser. Nesse instante, se **Imprime**, se **Plasma** na alma uma imagem de Futuro, uma “protoimagem de Futuro”, a imagem de seu próprio futuro **individual**. Esta imagem primeira é como um protótipo de consciência, como o modelo prototípico do que se “deve ser”.

Porém, a Vocação não é só uma “Imagem”, é também uma “Voz” que chama a cumprir um destino.

Ou seja, nesse instante de “abertura” de consciência, de “expansão” de consciência, o ser **Vê** de uma só vez a totalidade de sus possibilidades como ser

humano e **Ouve** o chamado a ser, isso que lhe é revelado como o projeto existencial indicado para ele, como sua própria **missão** a cumprir na vida...

Ainda mais, não só é uma Visão e um chamado; é também um **Impulso**, uma **Força** nova, uma **Energia** - desconhecida até então - que inicia no ser humano um novo movimento de expansão de vida. É o instante **criador** no homem, onde convergem, em tempo e espaço, todas as forças humanas e divinas, terrestres e cósmicas, que podem dar origem a um “novo ser”, ao “Filho” do homem.

Esse foco de “convergência” de energias cósmicas no homem tem um caráter “germinal”. É como um “germe”, como uma “semente” onde está a imagem prototípica da futura planta e a energia potencial necessária para iniciar seu futuro desenvolvimento.

Desde este ponto de vista, é um momento **Único** na vida do ser (isto é o que não foi compreendido muito bem quando foi dito pela primeira vez)...

É único porque há um só momento realmente **genésico** no homem... há um só momento no indivíduo, no qual se plasmam em si mesmo as forças da criação...

É como a fecundação, que se dá uma só vez no indivíduo... uma planta poderá florescer muitas vezes e ter muitos frutos, porém cada flor é fecundada uma só vez. Uma mulher poderá ser fecundada muitas vezes e ter muitos filhos, porém **cada** óvulo é fecundado uma só vez... o múltiplo se dá na espécie, no coletivo, porém no individual o momento da criação do novo ser é **único**.

2. A resposta da vontade

Esta “Imagem”, esta “Voz”, este “Impulso Vocacional Germinativo” tem caráter de mensagem da Consciência. Porém - como toda semente - necessita de uma “terra”, um meio humano, uma resposta da Vontade do homem que faça possível transformar a Verdade ideal intuída, em caminho de **Vida**.

Nem sempre a Vontade do homem responde ao chamado de sua Consciência... nem sempre a vontade do ser humano se “compromete” totalmente com a Vida.

Às vezes, realiza somente uma **parte** do que está chamado a ser.

Outras vezes, aproveita a Força Inspirativa da Consciência, não para realizar o projeto original de perspectiva cósmica, mas para realizar seus próprios desejos e ambições egoístas, pondo o espírito a serviço da matéria: isto é utilizar a Força criadora para engendrar não um filho da luz, mas um filho da sombra... Neste caso, a obra do homem se torna **contrária** à vida e está destinada à destruição e à morte: sua obra é a “negação” da Vida.

Quando a Vontade nega a Consciência, é gerado um elemento “satânico”, “tamásico”..., é gerado o “mal”. Por que o mal? Porque é algo exterior ao ser, “estranho” ao ser, “alienado” - diríamos na terminologia moderna (quer dizer, que se tornou estranho a si mesmo).

Porém, a consciência original não só fica “encoberta” por estas aberrações patológicas, senão também quando o fruto normal da vida – ainda a obra mais honesta e ética fica **retida** nas mãos do homem, sem transformar-se. É quando a vida fica “fixa”, “cristalizada” em um modelo material, além do tempo que é próprio ao cumprimento dessa obra. O que quer dizer isso? Quer dizer que todo fruto tem um tempo de desenvolvimento e amadurecimento. Se persistir sem modificar-se, apodrece. Essa é a lei, tanto na natureza quanto no homem.

A insatisfação e a falta de sentido que isto produz gera a frustração de tantas pessoas honestas. Porque não estamos falando aqui da frustração dos maus, mas da frustração dos bons.

3. A cristalização da consciência em um modelo material

Na mitologia hindu há um relato que mostra de forma muito gráfica e viva o que acabamos de dizer. Tomamos a citação que Romain Rolland faz no “Evangelho de Ramakrishna” (página 166):

“O Deus Vishnú encarnou em forma de javali para destruir os demônios. Porém, depois de destruí-los, não voltou a seu céu e quis viver como javali. Tinha alguns filhinhos e era feliz com eles. Os devas do céu pensavam: “Como é que nosso Senhor não volta?”, “O que haverá acontecido?”. Então acudiram a Shiva e lhe pediram que persuadisse Vishnú para que voltasse a seu céu. Shiva se apresentou a ele e suplicou, mas ele estava cuidando de sus filhos e não prestou atenção. Então Shiva lhe abriu o corpo com seu tridente e o libertou de sua autoilusão. Vishnú se pôs a rir e voltou a sua residência celestial”. Tal é o poder de Maya! diz Ramakrishna, através de quem Romain Rolland expõe este relato de Vishnú.

Este exemplo simbólico vai nos permitir examinar como se caracteriza a obra do homem e qual é a lei que preside sua criação e destruição.

Em primeiro lugar, “Vishnú encarnou em forma de **javali**”. Quer dizer, o homem dispõe de um instrumento (sua própria mente) que é o meio e função adequada para conhecer o mundo que o rodeia e ter poder sobre ele.

“... **para** destruir os demônios”. Quer dizer, a consciência se determina através de uma afirmação concreta e positiva da vontade, de um objetivo concreto. É o desenvolvimento de uma **consciência objetiva**, fundada na afirmação de **valores positivos**.

“... porém depois de destruí-los, não voltou a seu céu e quis viver como javali. Tinha alguns filhinhos e era feliz com eles...”

Aqui o ser **se identifica** com sua obra exterior. Porém, terminada a obra, a vontade deixa de responder ao chamado da consciência, se torna autônoma e há um “esquecimento” do ser. É como se o poder de afirmação da vontade em uma obra

exterior criasse um campo de gravitação existencial ao redor do núcleo de um eu que se afirma a si mesmo... E, curvando-se sobre esse eu pessoal, o espaço e o tempo, a consciência fica encerrada em um sistema material. Surge assim o “átomo” humano com um sentimento de autonomia absoluta. O ser humano se constitui assim como uma **partícula separada**, que perdeu suas relações originais com a consciência (**carece** de consciência cósmica). É um homem que se identifica com sua obra, é o que é sua obra, vê sua obra, porém não vê a Deus, nem vê ao próximo nem se vê a si mesmo: conquistou o poder de sua vontade, porém perdeu a consciência, conquistou o mundo e perdeu sua alma. É um homem com capacidade de “produção”, porém com carência de “visão”...

A Consciência ficou **reduzida** a uma “consciência objetiva”, quer dizer, determinada por suas relações com os objetos. Em troca, a vontade se fortaleceu com um sentimento de poder.

No momento atual, com o desenvolvimento tecnológico, esta vontade de poder parece alcançar seus picos mais altos (o homem já não só conta com a força do javali, senão que tem o poder do átomo em sus mãos)... Mas também é mais escura que nunca a noite do mundo devido à **carência de visão** cósmica.

*“... depois de destruí-los **quis viver** como javali.”*

Aqui o que retém o ser no mundo material é o desejo de viver - “*quis viver...*”- e nisto aparece uma ideia que no hinduísmo e no budismo deu muito que falar, que foi muito mal interpretada pelos comentaristas e que levou a muita gente a uma grande desorientação. Ou seja: “se o que ata o homem à existência material é o desejo de viver, então o caminho da liberação deve fundar-se na extirpação ou aniquilação deste desejo...” ou, em outras palavras, a uma negação do mundo e da vida. Porém, no relato que mencionamos, não se diz isso. O que se denuncia é o fato de querer viver **como** javali, que é um **modo** de vida.

“... tinha alguns filhinhos e era feliz com eles.”

O “tinha” implica um sentido possessivo frente à vida, já não o sentido de **ser**, mas de ter. A obra, por si mesma, se torna insuficiente para que o ser se justifique a si mesmo. Não lhe oferece espelho suficiente, de forma a que a consciência se reflita sobre si, não pode voltar-se sobre si. Vishnú - enquanto consciência - havia empreendido uma viagem sem retorno e devia entrar em crise.

O homem fáustico, com seu sentido de autonomia ou independência frente ao cosmos, entra mais cedo ou mais tarde em crise porque seu sistema unilateral de vida não pode manter-se em equilíbrio, além de certo limite. É como o átomo da matéria física: chegando a “possuir” certo número de elétrons e “peso” atômico, inicia sua desintegração, quer dizer, o movimento contrário que o leva à destruição e à morte para restabelecer um novo equilíbrio. A intervenção de Shiva restabelece a harmonia com a Consciência Cósmica.

Porém, o encerramento na obra pessoal não só tem como consequência um estranhamento do ser para consigo mesmo, senão que leva a uma progressiva diferenciação, separatividade e antagonismo para com o próximo: é o desconhecimento dos irmãos que os leva a sentirem-se estranhos, uns aos outros. Quando isto ocorre, intervém Shiva - o princípio de destruição - para restabelecer o equilíbrio entre a consciência do ser individual e a consciência social. O individualismo não só gera uma alienação da consciência, mas um desequilíbrio na economia planetária: a crise econômica da Humanidade de hoje tem sus raízes em uma crise de consciência.

Em outras palavras, o desejo de “viver como javali” não só supõe uma filosofia da vida, mas a apropriação de um *quantum* de energia cósmica que se faz em desmedro da economia total da Humanidade. E cada vez que estes desajustes no equilíbrio do poder ocorrem, intervém Shiva....

“...Shiva lhe *suplicou*...”.

Existe um segundo chamado! Um segundo momento da Vocação é o chamado a deixar, o chamado a “terminar”... O chamado da mãe que chama seu filho para que “deixe de brincar” e para que volte a ser o que deve ser. Se a “consciência da criança que brinca” não escuta o chamado, então vem o “lobo” para comê-lo... No relato que comentamos, Shiva - a Força Destruidora - primeiro “suplica”: é sua presença como “sinal” de terminar o jogo; a dor, a frustração, desempenham muitas vezes este papel de “sinal” de que é hora de terminar.

As pessoas não sabem terminar sua obra, não sabem dar fim ao que fizeram. Teoricamente sabemos que tudo tem seu fim, mas lembramos disto quando a própria força da vida arrebatada as conquistas de nossas mãos. O homem não está preparado interiormente para o “fim” de seus esforços. Sua vontade é ainda possessiva e divorciada da consciência: produz, se apropria do produzido e se identifica com o produto. É como se na célula se acumulassem os produtos do metabolismo, o que aconteceria então? A biologia moderna nos ensina que esta é uma das causas da morte da célula. Criamos os filhos, os educamos, porém depois nos custa “deixá-los”, não é assim? Adquirimos um valor, um conhecimento, nos capacitamos para algo, porém fazemos de todos esses valores bens para nosso benefício: nos custa oferecê-los. E, quando um valor humano, por mais perfeito que seja, “cristaliza” em um modelo material e se faz autônomo, se converte em um “produto” da vida - mas não é a vida... Estes “produtos” da vida, estes “metabólitos” que se constituem ilusoriamente em nossa consciência como símbolos de nossa realização como homens são, ao mesmo tempo, os que “cristalizam” e “fixam” a vida em um modelo material destinado à morte.

A vida do homem está lançada em uma só direção - em uma viagem de ida “sem retorno” - quer dizer, em um movimento da vontade que leva à cristalização da consciência em um poder material: essa é sua obra!

Frente a este fato, alguém perguntava na aula passada: “uma vez produzida esta cristalização da vida, é possível descrystalizá-la?”. É a mesma pergunta de

Nicodemus: “Como pode o homem nascer sendo velho? Acaso pode entrar de novo no seio de sua mãe e voltar a nascer?”. É também a pergunta que se formula a medicina moderna: “é possível curar a arteriosclerose? É possível devolver a flexibilidade a artérias rígidas e calcificadas? Em outras palavras: é possível voltar a ser jovem?

Faria falta para isso um “dissolvente” muito especial, não é assim? Se não houver esse dissolvente, o que está cristalizado só pode rachar ou quebrar... é o momento da crise do sistema material de vida, seu momento **trágico**.

Se em algum momento “lírico” de sua Vocação o ser humano de alguma maneira toma consciência do infinito, do absoluto, do ilimitado, neste momento trágico toma consciência do relativo e do limitado de sua obra. Então compreende o significado da segunda parte da frase já citada: “... ou **não serás nada**”.

4. Em direção a uma nova filosofia dos valores e um novo sentido da existência

Chegados a este ponto devemos perguntar-nos o seguinte: que queremos dizer com tudo isto? Estamos avalizando uma filosofia “negativa” da vida, postulando a ilusão da existência, como o próprio exemplo tomado da mitologia hindu pareceria fazer supor? Estamos questionando os valores materiais e o papel ativo do homem na sociedade?

Estamos muito longe de tudo isso. Só queremos denunciar o divórcio entre a “obra” e o “ser” do homem, entre sua “consciência” e sua “vontade”. E esta **divisão** no ser é o que faz impossível encontrar um sentido para a existência.

Como diz Charles Reich, na sociedade tecnológica de nosso tempo o homem não só se prepara e capacita para uma função senão que, além disso, se converte ele mesmo nesta função: ser médico, ser aeromoça, ser operário -ser “javali” - não significa somente dentro do sistema uma capacitação para algo e sim, significa esvaziar todo o ser no molde dessa função particular, na função e no papel que a

sociedade exige para o cumprimento dessa função. Porém, tudo isso, em detrimento do ser total. Isto não quer dizer que tais “funcionários” não tenham valor - se por funcionário entendemos aquele que cumpre uma função. Mas, têm um valor relativo. servem para cumprir um papel social (“*to play a rol*”), para realizar a função de médico, de condutor de veículos, de técnico de laboratório, com a alternativa de que muitas destas funções começam a ser substituídas por máquinas...

A “função”, o que a pessoa “faz”, pode dar pleno sentido social à vida de um homem, porém pode carecer de todo sentido existencial. O “papel” que ele desempenha marca por si mesmo uma utilidade social, sempre que esse papel não seja um bom dia declarado prescindível. Porque nesse momento, a própria vida do **ser** humano perde seu sentido.

O que significa tudo isto?

Significa que a Vida não pode ser “fixada” em um modelo material, não pode ser “capturada” e espetada em um quadro, como faz o naturalista com as borboletas. A vida é uma corrente que não pode ser “retida” no oco da mão. Sua própria força tende uma e outra vez a desembaraçar-se desses moldes, dessas cascas, para restabelecer - para além da vida e da morte - a liberdade da Consciência.

5. O deslocamento do centro de gravitação existência. *E pur se muove!*

O ser humano já não pode fundar o sentido de sua existência só na **afirmação** de seus valores positivos porque a fixação desses valores em modelos materiais se mostra insuficiente para constituir um ponto de estabilidade existencial.

O signo do tempo que nos cabe viver - através da corrente de mudança acelerada que comove nossas vidas - é, precisamente, tomar consciência de que tais pontos de afirmação do homem em seus próprios valores se movem... *E pur se muove!* A tomada de consciência deste movimento abre um novo cosmos. Já não vivemos no cosmos fixo de antanho - em um sistema Ptolomaico – no qual, todos os pontos de referência estavam fixos... Ao “mover-se o chão”, a Humanidade inteira desperta

para um novo sentido cósmico da existência e começa a descobrir um novo **centro de estabilidade** que transcende os marcos em que habitualmente o homem pretendia fixar sua vida.

Uma jovem perguntava na aula passada “O que é estar desperto?” Estar desperto é tomar consciência deste deslocamento do centro de gravitação da existência humana, que já se produziu no mundo em que vivemos.

Pode ser que muitos neguem estas mudanças e que ainda continuem sonhando com a restauração do mundo do passado - como cena final do filme 2001. Pode ser que os “guardiães da ortodoxia” continuem ainda defendendo um mundo de signos fixos - de estabilidade: nós, com Galileu, continuaremos dizendo: “*E pur se muove!*”

Começamos a viver “sem sustento”... Já começamos a viver uma “existência antigravitacional”... E este novo sentido da vida é o ponto de partida de uma mística moderna que outorga um novo significado à vocação do homem.

Pergunta

O senhor fala da crise dos valores materiais e do sofrimento que está implícito nessa crise. Porém, não há algum outro meio que seja mais natural para evitar a cristalização da consciência, sem necessidade de chegar a esses momentos críticos?

M.S.

O homem futuro tem que desenvolver uma nova função que faça possível a oferta sistemática de sus valores, um **órgão** que detecte rapidamente quando uma obra está terminada. Porém, nós não temos o sentido que nos permita perceber o fim de nossas obras: sempre queremos continuar. Carecemos dessa fina sensibilidade que permite conhecer quando terminamos algo e **sentir** quando devemos oferecê-lo. É a sabedoria do ser (**ego-encia**). O ser acredita que sabe quando terminou algo. Mas, em realidade, não o sabe até que a própria vida não o arrebate das mãos. Porém, temos que desenvolver um **sentido interior** que nos permita antecipar-nos ao

dilaceramento da vida. Quando um pai terminou de educar seu filho? Quando terminamos de assimilar um conhecimento, uma experiência qualquer?

Pergunta

Aí entraria em jogo o amor, porque suponho que é o egoísmo pessoal o que dificulta a oferta.

M.S.

Faz falta desenvolver um novo aspecto do amor, porque o amor possessivo é insuficiente para responder às necessidades desse “terminar” e ofertar o que se terminou.

Pergunta

O problema seria então, saber amar. Porque o amor possessivo dá ao homem continuidade com o passado, porém o priva da possibilidade de fazer-se expansivo e dar sentido de universalidade a sua obra.

M.S.

Claro! Hoje estamos ante o umbral do despertar para um amor expansivo. O erro das filosofias tradicionais é não haver assentado com clareza uma posição de **equilíbrio** frente à vida e haver postulado, pelo contrário, posições absolutas de afirmação ou negação do mundo e da vida. É preciso encontrar esse ponto reversível em que cumprida, uma obra possa ser revertida: diríamos um ponto de liberação. Não uma liberação fundada na negação - “para salvar a consciência não devo contaminar-me com a vida” - que é o ponto de vista das filosofias místicas mal interpretadas, nem o ponto de vista afirmativo do positivismo moderno - “para conquistar a vida, nego a consciência do ser”. Estas são duas posições extremas, filosofias do não-ser e filosofias do ser-e-do-não-ser. É uma filosofia fundada na renúncia, porém não uma renúncia ao que não se tem, mas ao que se tem. Cristo fala de renúncia para o jovem rico, quer dizer, a quem tem. A Renúncia tem sentido na

medida em que um valor foi conquistado e oferecido. A renúncia ao que não se tem pode conduzir a deter o desenvolvimento humano e a negar a vida.

A mística moderna surge a partir do ser do homem que conquistou um valor e o ofereceu. A mística não pode nascer da esterilidade da vida, de um indivíduo que nunca conquistou nada nem amou ninguém. Este tipo de místicas negadoras são místicas esterilizantes que não conduzem a nenhum lugar.

A mística moderna nasce do homem que conquistou o conhecimento e que conquistou sua vontade, que tem capacidade para fazer e descobre um novo valor no dar... Assim se entra no caminho da sabedoria, que é o caminho do verdadeiro *homo sapiens* e não do *homo faber*.

A mística começa no homem sábio que sabe quando terminou algo e ofereceu o resultado de seu esforço para entrar no campo do incomensurável.

Pergunta

A oferta seria então dar por cumprida uma obra, mas sempre aberto a outras realizações?

M.S.

O momento de terminar é um instante maravilhoso de abertura. É o momento de nascer a outra coisa, a outro estado. Quando você terminou é livre, volta a recuperar sua consciência de ser e pode voltar a escolher. É um instante de “morte”, é um momento genésico. O instante da morte é o que verdadeiramente dá sentido à vida.

XIII

O SENTIDO MÍSTICO DA VOCAÇÃO

Não pudemos compreender de todo a Vocação quando a indicávamos com um só ponto, seu ponto **Ideal**, não é assim? Porque reduzi-la a um ideal suporia compreender a vida como ideal.

Tampouco pudemos compreender a vocação quando a indicávamos com um ponto de referência **material**, querendo reduzi-la ao exercício de um papel, um trabalho, uma profissão, ou seja, reduzi-la a uma função social - tenho vocação para isto ou para aquilo. Isso suporia compreender a vida como **esforço** (e muita gente compreende a vida como esforço, somente).

Faz falta um terceiro ponto, que é o aspecto místico da Vocação.

De modo que a Vocação só se delineia como figura ou função quando a marcamos com três pontos ou três coordenadas:

Sua dimensão vertical, que chama à união com o transcendente.

Sua dimensão horizontal, que chama à união com a Humanidade.

Sua dimensão íntima, que chama a realizar estes valores no próprio coração do homem.

1. A vocação como valor de síntese

Chega um momento em que o ser humano se dá conta de que não pode localizar o sentido de sua existência em um ponto **Ideal** - naquele instante Inspirativo de que falávamos em aulas anteriores, de expansão da alma na consciência cósmica - porque, apesar de sua grandeza, esse momento inspirativo é fugaz. E ainda aqueles que transformam sua vida inteira em um ideal, em um idealismo, se dão conta, de sobra, de que esse idealismo não chega a preencher as aspirações totais do homem.

E tampouco se pode determinar o sentido da vida só pelo esforço da **Vontade**, por mais nobre que seja esse esforço - vemo-lo na lenda de Vishnú: porque quando o esforço se torna unilateral, em uma só direção, leva a “cristalizar” a vida em um papel de utilidade social - mas que pode carecer de sentido existencial. E muitíssimas pessoas se dão conta - hoje mais do que nunca - de que, depois de haver realizado uma vida inteira de esforços e sacrifícios, ainda estando no cume do êxito, se perguntam: e tudo isto para quê?

Em outras palavras, pode-se chegar a dar-se conta de que Ideal e Esforço, Consciência e Vontade, se constituem a miúdo em movimentos independentes, quando não contrários e opostos à vida, geradores de frustração e morte.

Nesse instante, se compreende o **valor de síntese** da Vocação.

A alma compreende então, que para realizar a **união** com aquilo “que deve ser”, para que Consciência e Vontade deixem de opor-se entre si e sejam uma única expressão de vida, a **própria** alma deve pôr-se no jogo das forças universais da Vida: é o **momento místico** da Vocação, o instante em que se realiza a **unidade** do ser.

2. A vocação como caminho de Vida

A alma compreende que para realizar “aquilo que deve ser” não é suficiente o caminho do Ideal (de uma verdade abstrata, ou de uma beleza ideal à margem do mundo e da vida, ou de um Oceano de Consciência Cósmica que estivesse “para além” de minha própria vida). Nem é suficiente o caminho do **Esforço Material** (de uma vontade que se afirma no mundo, negando a ciência do Ser). Mas que é necessário que a verdade ideal **encarne** na própria vida.

Ante este umbral, o homem compreende que todas as especulações da mente são vãs; que as pretensões de autosuficiência da vontade são vãs. E que ainda as aspirações mais nobres do coração são vãs, se a verdade Ideal que descobriu um dia em seu momento de Inspiração não se tornar caminho de **Vida** em sua própria alma.

3. O Caminho vocacional

Quando se dá conta de tudo isto e decide **responder**, pondo-se **a si mesmo** como resposta ao chamado, a Vocação, são por sua fôrça, “abre” o Caminho...

Quer dizer, o Caminho não é uma “porta exterior” à qual devo bater. O Caminho   “descoberto”. Quer dizer, fica exposto - no instante do Compromisso. Quando estou disposto a **responder**   verdade, o Caminho se faz patente, se mostra ante meus olhos. O Caminho sempre se d  desde dentro, não desde fora.

Então se começa a compreender o que é o Caminho e se desvanecem todas as ilusões que se havia formado sobre essas coisas.

Quando se quer a verdade, aparece o Caminho. O que vela o Caminho são os “encobrimentos” da verdade para consigo mesmo. Quando se está enganando a si mesmo, o Caminho não aparece.

Porém, então o que é o Caminho?

O Caminho se d  em um encontro entre as almas... O Caminho se d  em um encontro significativo com outra alma. Ou seja, que a “porta” que d  acesso ao Caminho é a alma **humana**: da  a importância que tem o encontro com outra alma.

Porém, de tudo isto se fez um romance espiritual e cada um interpreta estes encontros a seu modo...

Alguns - sobretudo aqueles que estão influenciados pela literatura orientalista - esperam encontrar um “Mestre” de sabedoria, um “Guru”, não é assim?

Outros esperam encontrar a “alma g mea”...

Porém, todas estas coisas podem ser muito ilusórias. Em realidade não   possível encontrar o caminho das almas se não se pode reconhecer-se a si mesmo como alma! E o que quer dizer reconhecer-se como alma? Quer dizer, precisamente, remover os véus de “encobrimento”, desmascarar-se a si mesmo, estar disposto a

ouvir a Voz da verdade..., estar disposto a **encontrar-se** com a Verdade que se manifesta dentro de si mesmo no momento oportuno.

4. O instante místico da vocação

Só se pode **ouvir** quando há silêncio de si mesmo,
quando se aprendeu a **calar**.

Quando o homem deixa de afirmar-se a si mesmo como um valor positivo e independente, quando deixa de acreditar que sabe tudo e pode tudo. Nesse instante de verdadeira humildade, há uma expansão inefável que faz possível seu reconhecimento como alma: é o instante místico da vocação. Não o instante fáustico da vontade de poder e sim, o instante místico da oferenda de si mesmo.

Então se compreende que o caminho da **União**, o caminho da unidade do ser, começa **dentro** de si mesmo, mas não como um subjetivismo intelectual – ao qual é reduzido com frequência - mas como uma **oferenda** dos valores pessoais.

Em outras palavras, o caminho da união não nasce como um valor ideal, senão que nasce como um valor **vital**. Não como um valor da mente ou da sensibilidade estética, mas como um valor da alma, como um valor do **coração**, porque só o coração é capaz de oferenda e de renúncia: por isso, falamos de uma mística do coração, que é uma mística da **Vida**.

A mística de nosso tempo não é uma mística intelectual, uma mística social ou uma mística política - se é que com a palavra mística se podem significar todas essas coisas - senão que é uma mística da **Vida**. E uma mística da vida só pode nascer na alma humana, no coração do homem.

5. O futuro do coração humano

Perdemos o sentido da oferenda, o sentido da renúncia, porque perdemos o sentido do Amor. Nosso coração egoísta não está ainda de todo humanizado..., ainda tem territórios selvagens e de animalidade, e outras zonas que permanecem na idade

da pedra. Nosso coração só sabe amar quando vibram as cordas do amor utilitário e possessivo, porém existem também outras forças mais sutis que esperam a mão do homem novo que as faça vibrar pela oferta de si mesmo: é uma zona virgem de futuro.

Quando falamos de renúncia, nosso coração egoísta se dilacera só de pronunciar a palavra renúncia porque, acostumados ancestralmente a possuir as coisas, vivemos a renúncia como morte. Ainda não descobrimos a renúncia como caminho de Vida.

Só temos da vida uma imagem da vida **material** e começamos a perceber a vida como **energia**. Porém, temos que aprender a descobrir a vida da **Consciência**. Temos que aprender a resgatar a vida da consciência de seus redutos materiais, não negando a matéria - como se fez no passado - senão aprendendo a **transformá-la**: este é o sentido da mística do homem do futuro.

6. A Renúncia como caminho vocacional: Vocação de Renúncia

Talvez agora possamos compreender melhor o sentido da Renúncia. Já não somente como uma virtude para assegurar a salvação da alma, mas como uma nova **Função** a serviço da vida do ser humano completo, a função que faz possível a transformação da vida: é a função **transmutadora**, por excelência.

A renúncia inicia o processo da transformação do homem, e não somente uma transformação de seus valores, uma transformação cultural ou espiritual, mas também uma transformação **material**. Seus resultados não se traduzem somente em valores ideais ou anímicos, senão que implicam também em uma transformação das funções corporais e uma transmutação das energias comuns em formas superiores de energia espiritual. Ou seja, que a renúncia não só tem um sentido moral, ético ou espiritual, mas também um sentido **biológico**, com o alcance de uma **fisiologia de futuro**.

7. A Renúncia como função social: o Coração da sociedade

Ao valorizar este sentido místico da Vocação através da Renúncia, não o estamos reduzindo a um valor exclusivamente individual, senão que adquire um profundo sentido **social**. A mística do coração, ao restabelecer a unidade do ser, **expande** a vida da alma entre todas as almas: o homem que descobre o caminho de sua própria alma reconhece ao mesmo tempo sua missão a cumprir dentro da sociedade.

Desde este ponto de vista, a Renúncia - enquanto Vocação - significa um compromisso não só ante Deus e ante si mesmo, mas também um compromisso com a sociedade e com a História.

A alma que responde ao chamado de sua vocação com a renúncia a seus valores pessoais não é alguém que quer fugir do mundo para refugiar-se em um paraíso artificial, mas alguém que se dá conta de que ele e o mundo são a mesma coisa, e que para transformar o mundo é necessário transformar sua própria vida...

Frente aos movimentos radicais de mudança social, política e tecnológica que hoje se dão no mundo, muitos qualificam esta posição de idealista: em realidade, não sabem o que dizem porque ignoram as leis profundas de transformação da vida.

Em resumo, a renúncia já não aparece como uma negação da vida, mas como uma função integral de vida. E a mística adquire a hierarquia de uma muito alta e específica função **dentro** da sociedade e não fora dela.

Pergunta

Se falamos de uma mística como um processo de transformação do homem, de uma transformação que se produz dentro de nós mesmos, minha pergunta é: que fonte de energia vamos utilizar para essa transformação?

M.S.

A fonte de energia é a matéria de nossa própria vida. São nossos próprios valores, nossos próprios bens: não há outra matéria prima para desintegrar. E é o coração o único que pode decidir esta ofenda porque a mente vai duvidar sempre. É a matéria do próprio coração a que tem que ser posta em jogo. E quando este “átomo” material se fissiona, uma luz atômica brilha no coração do homem.

Pergunta

Apesar do que o senhor disse eu gostaria de um pouco de esclarecimento: a que é preciso renunciar?

M.S.

Você não se dá conta de que essa é uma pergunta da mente?

Mesmo interlocutor

O coração entende, porém a mente fala e necessita mais explicação.

M.S.

Talvez quando você pergunte a que é preciso renunciar esteja perguntando pelo **sentido** da renúncia. Se a mente pergunta a que é preciso renunciar, quer dizer que não chega a compreender o sentido, o “para que”; é assim?

Mesmo interlocutor

Claro! Eu gostaria de saber como tornar prática a oferenda ou a renúncia.

M.S.

Tem que haver um altar em seu coração onde levar a oferenda. Tem que ter podido descobrir em si mesmo uma Presença misteriosa com suficiente hierarquia, de forma a que, como homem, possa oferecer-se ante ela. Essa Presença tomará a forma da Verdade, da Beleza, do Amor? De qualquer forma, nunca será algo

abstrato. Já seja o amor mais animal ou o amor mais ideal, nunca é um amor abstrato. O amor é sempre ante alguém. E esse Alguém se constitui, em um certo instante, no centro do coração como um altar receptivo da oferenda humana. Nesse momento, a oferenda pode fazer-se prática. Porém, essa oferenda é um ato livre, não há regra, lei ou método que a determine. Não existe lei para isso. A Lei é dada pelo próprio amor. Quer dizer, não se pode dar uma lei externa que indique “como renunciar” porque isso seria ordenar compulsivamente a renúncia. E a renúncia, por natureza, não pode ser impulsada. Não há lei para o amor que não seja o próprio amor. Não se pode ordenar por uma lei ou um método, o como praticar o amor.

Pergunta

A renúncia ao próprio amor é considerada oferenda? A renúncia a um sentimento amoroso, por exemplo?

M.S.

Você quer me levar a determinar o que é renúncia, o que pode ser, se é isto ou se é aquilo. E já disse que a renúncia não pode ser determinada desde fora. Eu não quero instrumentar a oferenda, quero somente colocá-la no lugar que lhe corresponde e o único lugar que lhe corresponde é o coração de cada um de vocês. Só seu coração pode decidir, em um certo instante, se um sentimento amoroso é algo que você quer fazer objeto de oferenda ou não.

Pergunta

Às vezes tememos renunciar porque pareceria que tiramos uma parte de nós mesmos.

M.S.

A renúncia é oferenda de uma parte da própria vida. Por isso, a personalidade comum a vive como morte. Mas, o resultado final é a transfiguração do ser.

XIV

NO UMBRAL DO HOMEM CÓSMICO

Nesta aula faremos uma síntese das ideias que expusemos no Curso.

ADVENTO DO FUTURO

Começamos este Curso propondo alguns interrogantes acerca do futuro. E dizíamos que algo profundamente grandioso e significativo está acontecendo no tempo que nos cabe viver... Algo difícil de apreender em sua essência, porém que tem o caráter de um advento cósmico de profundas consequências para o porvir do homem.

A MENSAGEM DO FUTURO

Algo novo vem se dando desde o Futuro, trazendo-nos uma mensagem que nos desafia a interpretar seu significado.

Alguns estudiosos modernos perceberam o que eles chamam uma “mudança na direção do eixo do tempo”, outros - Alvin Toffler - nos falam de uma “poderosa corrente de mudança acelerada” que, como uma força elementar, “invade nossas vidas”, “comove nossas instituições”, “muda nossos valores” e “sacode nossas bases”.

Efetivamente, ninguém discute hoje que estamos assistindo a profundas mudanças no mundo em que vivemos - desde mudanças no planeta, mudanças na radiatividade da atmosfera, até mudanças tecnológicas, institucionais e sociais – porém, quando o olhar penetra além de todos estes acontecimentos exteriores, descobre que estão se produzindo mudanças na intimidade do próprio homem, mudanças que já não afetam somente seu futuro histórico e social, mas seu futuro existencial e seu destino como ser humano no devir cósmico.

MENSAGEM ESPIRITUAL E MEIO HUMANO

Destas mudanças intrínsecas que afetam o **ser** do homem quisemos nos ocupar no curso que hoje termina. Tentamos correr uma ponta do véu que oculta o mistério da mensagem espiritual do Futuro.

1. Reunião de almas

De entrada, propusemo-nos penetrar **juntos** neste mistério espiritual, descobri-lo **juntos** - se fosse possível - sintonizar **juntos**, como “reunião de almas”, para ter o meio instrumental adequado para revelar em nós mesmos a mensagem espiritual. E todo o esforço que realizamos durante estes três meses não foi tanto um esforço de compreensão, mas foi mais um esforço de **sintonia**, um esforço para conseguir uma harmonia espiritual.

Quer dizer, não era questão de transmitir uma crença, um sistema de ideias, uma doutrina... Não era questão de transmitir uma mensagem, mas antes, de **sintonizar** com ela.

2. Meio humano

Ou seja, que o problema que estava implícito neste grupo desde o primeiro dia não era tanto um problema de mensagem e sim, de meio. Isto, que dissemos desde o começo, era muito difícil de entender naquele momento.

E nestes mesmos termos são propostas para a Humanidade de hoje as perspectivas da mensagem espiritual do Futuro, de uma mensagem que já está vibrando na atmosfera espiritual do planeta, mas que requer o meio **humano** que a receba, o **instrumento** que a canalize, o **órgão** que a expresse.

3. Visão de futuro

Vocês compreenderão agora melhor por que durante todo o curso nos esforçávamos por criar condições que fizessem possível uma “visão” do Futuro e

uma “revelação” de sua mensagem espiritual. Não era questão de formular ideias somente, mas de criar condições instrumentais que fizessem possível uma “visão” - ou, pelo menos, um vislumbre - da realidade viva desse Futuro que queríamos captar.

4. Como se caracteriza a mensagem espiritual

Durante as conversas que tivemos, alguns me perguntavam por que não difundíamos estas ideias em ambientes maiores, por que não utilizávamos os meios de difusão de massas. A resposta é bem simples:

1. “Corrente de vida” - porque a mensagem espiritual não se transmite como uma corrente de ideias, mas como uma “corrente de vida”;
2. “Revelação” - não se transmite por divulgação e sim por “revelação”.
3. “Sem intermediários” - se quiséssemos ter alguma possibilidade de contato direto com a mensagem espiritual, o primeiro que teríamos que fazer seria eliminar-nos como “intermediários”, não é assim? Porque outra das características desta mensagem de Futuro é que se transmite sem **intermediários**. O que quer dizer isto? E quem são os intermediários?

Os intermediários somos nós mesmos, desde o momento em que identificamos nosso ser com uma personalidade exterior... Desde o momento em que eu ou qualquer de vocês nos identifiquemos com um nome civil, com um estado, com uma profissão, com um papel, com uma função social... desde esse mesmo momento essa “máscara” pessoal se converte em malha de intermediação entre nossas almas, entre nós como seres humanos que **somos**, simplesmente, sem títulos, aditamentos, sem rótulos ou posições de nenhum tipo. Se eu apenas pretendesse assumir o “papel” de mestre e vocês o de discípulos, teríamos assumido ao mesmo tempo o papel de intermediários... intermediários do **Ser** que queria revelar-se entre nós.

Boa parte do trabalho que fizemos através do diálogo foi “simplesmente” nossa relação.

Nem sempre entendemos tudo isto. Alguns disseram que eu não respondi de forma direta as perguntas que foram feitas. Que eludi as respostas, que não aprofundei na discussão dos temas, que começava um tema e passava a outro sem haver esgotado o primeiro. Em realidade o que pretendi foi evitar o antagonismo das ideias. Para não levantar mais barreiras mentais, além das que já existiam. Mas, pelo contrário, ir “desfazendo” os nós contraditórios, “simplificando” a relação. Ir “desmascarando-nos”, “descobrimo-nos”, “desvelando” nosso **Ser...** Removendo pouco a pouco da nossa alma os véus de “encobrimento” e revelando-a como estado simples de consciência. E este é o meio da revelação, nossa própria **alma**. não os “intermediários” da alma - nossos modos de pensar e de sentir – e sim a **própria** alma.

5. O meio de união

Quando pouco a pouco fomos abandonando a discussão das ideias e a dúvida metódica - quer dizer, quando fomos abandonando os meios de “contradição” entre nós, quando fomos abandonando as atitudes que nos “separavam”... pouco a pouco fomos descobrimo o meio de **união** e, em um certo instante, nos sentimos **unidos** em uma “reunião de almas”.

6. A “oscilação” da alma e o descobrimo do ritmo da vida cósmica

Quando pudemos quebrar a “rigidez” de nossa personalidade exterior, quando em alguma medida se racharam os “moldes” em que - tanto vocês quanto eu - pretendíamos “fixar” ideias, posições ou atitudes... quando depois de haver usado certas “pautas” de referência, certas “coordenadas” e certos “símbolos” para delinear de alguma maneira um fenômeno espiritual que, por sua própria natureza, nos escapava das mãos... quando abandonamos todo esse “andaime referencial” e deixamos fluir as aspirações de nossas almas... quer dizer, quando nossa alma pôde

oscilar livremente junto às demais almas - então pudemos tomar contato direto com “Aquela Corrente de Vida” que estava por trás das ideias, das imagens, das palavras e dos símbolos. Quando pudemos “oscilar juntos” como almas, descobrimos o movimento, o bater, o pulso, que é próprio da **vida** de todas as almas, quer dizer, o ritmo da vida universal. E, nesse ritmo da vida cósmica descobrimos que há um momento de **expansão** da consciência individual na consciência cósmica - em que a alma se encontra frente ao mistério do Desconhecido, do transcendente, do divino, do eterno - e há um momento de **desdobramento** dessa consciência na intimidade do ser, em que a alma se encontra frente a si mesma, frente ao chamado do que “deve ser”.

A REVELAÇÃO DO FUTURO NO HOMEM

Então compreendemos que a mensagem do Futuro não é uma mensagem ideal, mas uma mensagem **Vocacional**. Quer dizer, não se trata de um ideal de futuro e sim de um futuro existencial, que se anuncia em cada alma antecipadamente como “aquilo que está chamada a ser”. Ou seja, a resposta final do homem frente ao futuro é uma resposta de sua **Vocação** e não o resultado de uma ginástica corporal, do intelecto ou de sua imaginação.

Porém, alguns continuaram não entendendo...

Queriam uma mensagem “objetiva”, reclamavam “definições claras”, pediam “ideias concretas”. Queriam “fixar” a mensagem em modelos ideológicos ou em imagens conceituais...

A mensagem do Futuro não pode ser surpreendida em uma “fotografia”, não se pode fixar em uma “imagem” quieta, defini-lo com um “conceito”, enquadrá-lo em um “sistema” ou reduzi-lo a uma “crença”... escapa a todos esses moldes... É como a **própria vida**, não pode ser retida no oco da mão.

A mensagem do Futuro não pode ser compreendida hoje através do conhecimento - metafísico, psicológico ou parapsicológico - mas por via de **Revelação**: se revela às almas simples, “abertas” ao Futuro.

E não se revela tampouco de forma solitária e sim, em uma “reunião de almas”. Esta é outra das características da revelação da mensagem espiritual em nosso tempo.

O que queremos dizer com isto? Que já não estamos tão sós...

A Humanidade já não se encontra nas mesmas condições de isolamento cósmico que tinha em outras épocas históricas, quando o contato com a consciência espiritual só podia ser produzido em condições excepcionais. Na época dos sacerdotes egípcios ou dos sacerdotes maias para produzir esses contatos havia que sair “fora” do estado habitual de consciência, utilizando a hipnose, os fungos alucinógenos, o transe psíquico, o êxtase religioso... Era um caminho muito difícil de percorrer, com passos muito perigosos, com provas terríveis... um caminho do qual muito poucos voltavam. Livros belos como Zanon, Ela, Ayesha, nos falam destes caminhos extraordinários em busca do maravilhoso.

A própria Divina Comédia é símbolo do caminho solitário, que relata a marcha da alma solitária. Dante diz:

*“No meio do Caminho da Vida errante me encontrei por selva escura
em que a reta via era perdida...”*

E quando se produz o encontro com a alma similar, se produz em condições excepcionais:

*“Enquanto que ao fundo vale descia, me encontrei com um ser tão
silencioso que mudo em seu silêncio parecia.*

*Ao encontrá-lo em deserto umbroso,
- “Miserere de mim!” - clamou aflito,
“Homem és ou espectro vagaroso”
E respondeu: - “Homem não sou: eu o fui.”*

Quando falamos de “reunião de almas”, não estamos nos referindo a estas almas “desencarnadas”... Estamos nos referindo a seres humanos sobre a Terra.

As almas que têm vocação espiritual já não necessitam o transe ou o êxtase para pôr-se em contato com a fontes da Inspiração, nem necessitam fazer longas peregrinações às grutas do Himalaia... Nem necessitam, como Dante, ir buscar um mestre **no** “outro mundo”.

As almas simples que têm amor à oferta encontram hoje facilmente o Caminho espiritual entre as almas similares. Basta uma simples olhar de compreensão entre elas para que estes “contatos” por similitude se produzam e a alma encontre aquela corrente humana que melhor sintonize com suas aspirações espirituais.

Neste sentido, a mensagem espiritual se transmite por “gradientes de similitude”. O que quer dizer isto? Quer dizer que não se transmite pelas vias habituais do conhecimento, por níveis de hierarquias humanas-culturais, econômicas ou sociais - mas por um gradiente de “similitude espiritual” que é a ponte entre as almas.

A ENCARNAÇÃO DA IDEIA: CORPO MÍSTICO

Não basta o “contato” com a corrente espiritual através das almas similares. É necessário o **Compromisso**, a encarnação da ideia em nosso próprio coração. Neste sentido, “reunião de almas” é o “órgão” da encarnação da mensagem espiritual, seu Corpo Místico.

O que queremos dizer com isto?

Queremos dizer que a mensagem espiritual do Futuro não pode encarnar hoje em dia em um “corpo institucional”, em um “corpo de ideias” (corpo ideológico) ou em uma “sociedade massificada”, porque esses corpos são insuficientes para canalizar sua imensa potencialidade... Todos estes corpos são corpos materiais que

cristalizariam a consciência espiritual em um modelo material. A mensagem espiritual, enquanto corrente de Vida, não necessita de um órgão de “cristalização” e sim, de um órgão de **transformação**, capaz de transformar a corrente inspirativa de consciência cósmica em uma corrente de vida humana. E, ao mesmo tempo, capaz de transformar as obras dos homens em uma corrente de energia espiritual... O único órgão que tem sensibilidade, ritmo e batimento de forma a cumprir esta maravilhosa **função reversível** é o coração humano... Porém, não um coração qualquer, mas um coração capaz de entrega e de oferenda a essa sublime missão, que é uma função **mística** por natureza.

Cada coração humano disposto à **renúncia** pode ser uma “célula” deste maravilhoso “Corpo Místico”, desta maravilhosa “reunião de almas” que começa a delinear-se sutilmente como “figura mística” na sociedade nascente do futuro.

EM DIREÇÃO A UMA NOVA ANTROPOGÊNESE

O desenvolvimento das possibilidades latentes do coração humano se traduz em novas **funções** e em novos **sentidos** de um protótipo de futuro.

1. Um novo sentido de individualidade

Ao espelhar-se na reunião de almas, o ser humano descobre sua própria individualidade, porém já não uma individualidade egoísta e separada, mas uma individualidade fundada em um sentido de **identidade espiritual**, de identidade como alma, como ser humano, de identidade com o que realmente é.

2. Um novo sentido de comunidade planetária

Ao descobrir-se como alma, o ser humano encontra o caminho de união com todos os homens de seu tempo: descobre o **corpo social** da Humanidade. A mística do coração surge na sociedade de nosso tempo com profundo sentido social e como uma tomada de posição muito clara frente aos problemas do homem e do mundo...

Ainda que essa posição seja “diferente” de outros movimentos humanos que trabalham na transformação desse mundo.

A mística se enxerta na sociedade como uma “função específica” dentro da própria sociedade. Não como uma função à margem da sociedade como acreditam alguns, mas como uma função específica ligada à própria vida da sociedade, formando parte de sua “intraestrutura”, como um de sus órgãos “internos”, indispensáveis para a vida de toda sociedade. A vida da sociedade não poderia manter-se, nem mesmo desenvolver-se, se não houvesse um órgão e uma função destinados a transformar a vida... E dizíamos que isto significa tomar uma posição muito clara frente aos movimentos humanos porque o místico toma o mundo como é: não reage frente à vida, senão que a transforma. E não a transforma fora de si, querendo mudar o mundo, senão que a transforma dentro de si mesmo, porque compreende que os males do mundo são seus próprios males e que a miséria dos homens de seu tempo é sua própria miséria.

A mística, como função, é o grande laboratório da Humanidade: é o “**coração**” da Humanidade, porém também é um “**fígado**”: transforma as substâncias, as purifica.

Alguns não compreenderam estas coisas... Diziam que não podiam compreender como era possível mudar o meio social só pela transformação do indivíduo... as plantas e as flores poderiam responder-lhes: elas sabem como carregar de oxigênio o ar que respiramos e que nos é tão indispensável para a vida!

3. Um novo sentido cósmico

Porém, a mensagem espiritual tem, em nossos dias, um alcance ainda mais profundo e mais transcendente do que tudo o que dissemos, um alcance que jamais haveríamos imaginado, de preparar na Terra a **morada do homem cósmico**.

A mística do coração de nosso tempo não só transforma a vida que conhecemos em uma vida melhor, senão que inicia um passo evolutivo que já muitas almas anelam: transformar o sangue do homem terrestre na energia do homem cósmico.

Para além de sus anelos por conquistar a Terra e construir a sociedade do futuro, o homem de nosso tempo levanta seu olhar ao céu para buscar ali os **signos** que lhe indiquem um novo destino no universo.

Começa a ser sentido um estremecimento de **vida cósmica**, algo impossível ainda de definir - uma necessidade de unir-se a uma vida mais ampla e total. E já não só uma necessidade de unir-se a todos os seres humanos - à Humanidade como conjunto - mas de unir-se também aos seres que são intuídos para além da Terra, como se de repente a estranha presença de uma “comunidade universal” de almas reclamasse nosso amor e nossa participação em uma Obra realmente universal. É como se a Humanidade se sentisse chamada a um novo esforço evolutivo que marca, ao mesmo tempo, o fim de seu isolamento cósmico. É o nascimento da Humanidade **cósmica**.

Muito se especulou sobre isto - conquista do espaço, plataformas espaciais, discos voadores. Tudo isto tem sua importância, porém não é o fundamental. A Humanidade cósmica já nasceu porque já se deslocou o centro de gravitação da existência humana, e um ponto de estabilidade material para um novo centro de estabilidade espiritual.

E neste umbral estamos. Por um lado, com sentidos recém abertos, com uma visão cósmica ainda imprecisa, mas que permite vislumbrar um novo destino e, por outro lado, carregando ainda com o peso dos velhos corpos, com as funções torpes feitas para a vida terrestre e sofrendo as penúrias do que já é um desterro: é a grandeza e a miséria das épocas de gestação, das epopeias cosmogônicas, em que a

Humanidade inteira participa de forma dolorosa de um nascimento da consciência cósmica no homem.